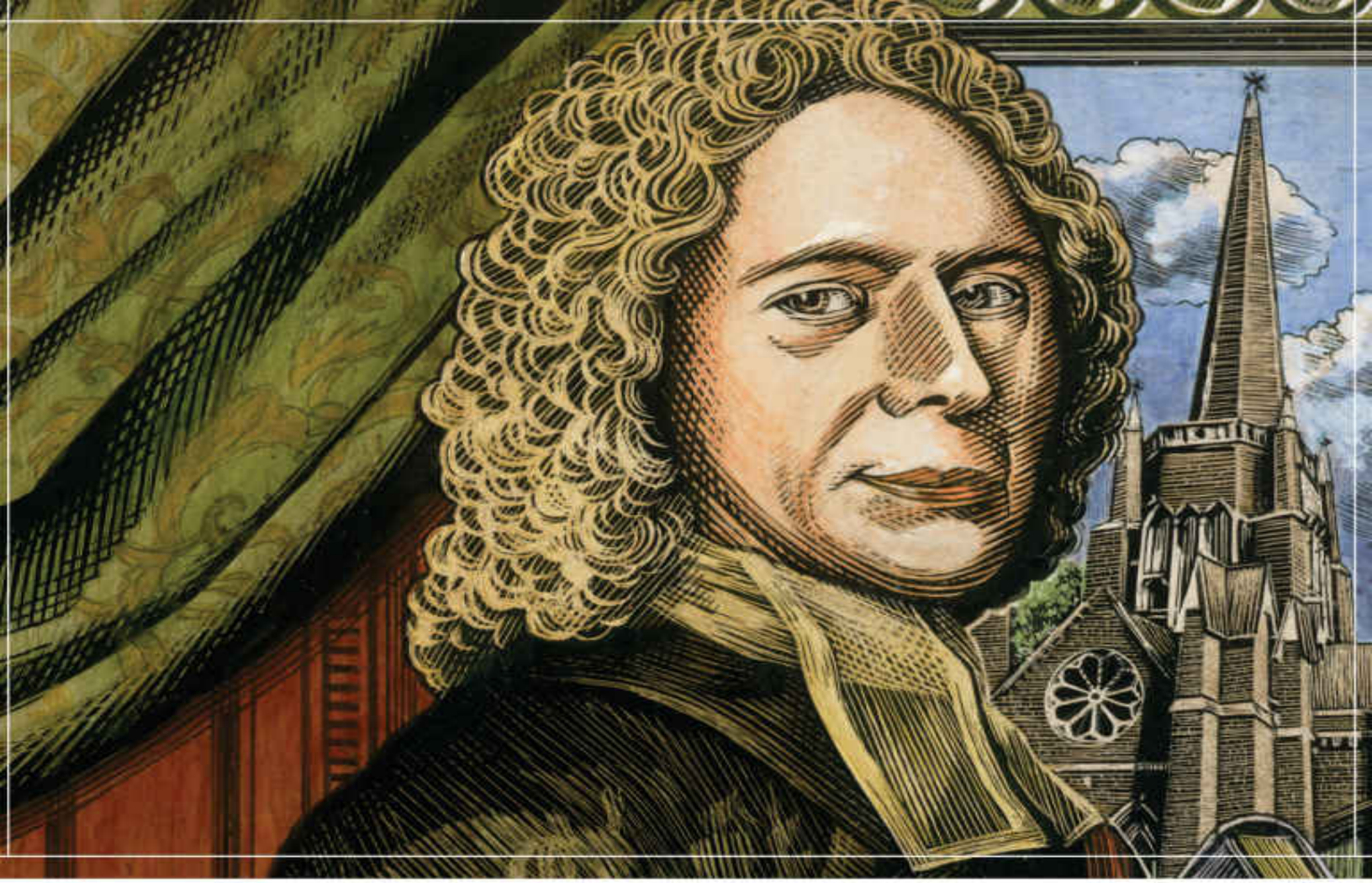


O Encanto Poético *de*

Isaac Watts

DOUGLAS BOND

FIEL Editora

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

DOUGLAS BOND

O Encanto Poético *de* Isaac Watts

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS

FIEL Editora

"Quem dentre nós nunca teve o coração e a mente tocados por um hino de Watts? Neste livro aprendemos a história por trás dos hinos. Aprendemos sobre uma vida centrada em Cristo, uma vida doxológica. E a partir dessa fonte surgiram os hinos que gostamos de cantar. Os hinos de Watts são um presente para a Igreja, e assim é esta biografia escrita por Douglas Bond".

– DR. STEPHEN J. NICHOLS
Professor da Faculdade Bíblica e Escola de Pós-Graduação de Lancaster
Lancaster, Pensilvânia

"Todos nós conhecemos e amamos os hinos 'Rei Excelso' (26 do HCC), 'Cegueira e Vista' (396 HCC), 'Cristo Jesus Há de Reinar (12 do CTP)', 'Ao Ver a Cruz' (540 da Harpa Cristã), 'Ó Deus, Eterno Ajudador' (38 do HCC), e uma série de outras composições suas. E, no entanto, a maioria dos cristãos sabe muito pouco sobre o autor destas letras tão formidáveis – a história humana o nomeou como o 'Pai da Hinódia Inglesa'. Pelo menos, até agora. Graças à caneta prolífica e eloquente de Douglas Bond, temos agora uma visão esclarecedora sobre a vida, a fé e o encanto poético deste notável servo da Igreja: Isaac Watts. Este delicioso livro precisa ser colocado no topo da sua lista de leitura obrigatória".

– DR. GEORGE GRANT
Pastor da Igreja Presbiteriana de East Parish
Franklin, Tennessee

O Encanto Poético de Isaac Watts
Um perfil de Homens Piedosos
Traduzido do original em inglês “The Poetic Wonder of Isaac Watts”
por Douglas Bond

Copyright © 2013 por Douglas Bond •
Publicado por Reformation Trust, Uma divisão de Ligonier Ministries,

400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

•

Copyright © 2014 Editora Fiel
Primeira edição em português: 2014

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Diretor: James Richard Denham III Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Ingrid Rosane de Andrade Fonseca Revisão: Maurício Fonseca dos Santos Júnior Capa: Chris Larson (ilustração: Kent Barton) Diagramação: Rubner Durais
Adaptação da Capa: Rubner Durais Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-214-8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B711e Bond, Douglas, 1958-

O encanto poético de Isaac Watts / Douglas Bond ; [tradução: Ingrid Rosane de Andrade Fonseca]. – São José dos Campos, SP : Fiel, 2014.

2Mb ; ePUB – (Um perfil de homens piedosos)

Tradução de: The poetic wonder of Isaac Watts.
Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-85-8132-214-8

1. Watts, Isaac, 1674-1748 – Crítica e interpretação.
2. Poesia cristã, inglês – Séc. XVIII – História e crítica.
3. História da Igreja. 4. Devoção cristã. I. Título. II. Série.

CDD: 821.5

FIEL Editora

Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

PARA MINHA ESPOSA

ÍNDICE

Apresentação: Seguidores dignos de serem seguidos

Prefácio: Doxologia Para Todos os Tempos

Capítulo 1: A Vida e o Legado de Watts

Capítulo 2: Watts Como Educador

Capítulo 3: Hinos-Sermões de Watts

Capítulo 4: Watts Como Poeta Lírico

Capítulo 5: Watts Como Hinólogo

Capítulo 6: Watts Como Teólogo Poeta

Capítulo 7: Watts Como Poeta Infantil

Capítulo 8: Watts Como Intérprete de Salmos

Conclusão: Watts Para o Nosso Tempo

Apêndice A: Linha do Tempo de Isaac Watts

Apêndice B: Hinos Favoritos de Isaac Watts

Apêndice C: Livros de Isaac Watts

Notas

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

Seguidores Dignos de Serem Seguidos

Ao longo dos séculos, Deus tem providencialmente levantado uma longa linhagem de homens piedosos, os quais ele tem usado poderosamente em momentos estratégicos da História da Igreja. Esses valentes soldados da cruz são provenientes de todas as esferas da vida – dos opulentos salões das escolas de elite até quartos empoeirados nos fundos da loja de um comerciante. Eles surgiram de todos os cantos deste mundo – desde locais altamente visados em cidades densamente povoadas até aldeias sombrias em lugares remotos. No entanto, apesar dessas diferenças, esses personagens centrais tiveram muito em comum.

Cada um possuía uma fé inabalável no Senhor Jesus Cristo. Mas pode-se dizer ainda mais sobre esses brilhantes homens. Cada um desses baluartes da fé possuía profundas convicções nas verdades que exaltam a Deus, conhecidas como as doutrinas da graça. Embora diferissem em questões secundárias de teologia, eles caminharam lado a lado na defesa desses cinco ensinamentos bíblicos que magnificam a graça soberana de Deus na salvação. Eles sustentaram a verdade fundamental de que "a salvação pertence ao Senhor" (Sl. 3:8; Jn. 2:9).

Longe de paralisar esses gigantes espirituais, as doutrinas da graça inflamaram os seus corações com reverente temor a Deus e humilharam suas almas diante de seu trono. As verdades da graça soberana incitaram esses homens a levantar-se e promover a causa de Cristo no mundo.

Qualquer estudo da história revela que, àqueles que abraçam essas verdades Reformadas, é concedida uma confiança extraordinária em seu Deus. Com uma visão ampliada de sua graça salvadora, eles avançaram corajosamente e realizaram a obra de dez, até vinte homens. Eles subiram com asas como águias e elevaram-se acima de seu tempo na história da humanidade. Empiricamente, as doutrinas da graça lhes capacitaram para servir a Deus na hora marcada divinamente, deixando uma influência piedosa sobre as gerações futuras.

Esta série *Um Perfil de Homens Piedosos* destaca figuras-chave na linha contínua de homens da graça soberana. O objetivo desta série é explorar como essas figuras usaram seus dons e habilidades dados por Deus para impactar o seu tempo e avançar o reino dos céus. Por serem corajosos seguidores de Cristo, os seus exemplos são dignos de serem seguidos hoje.

O foco deste próximo volume está sobre o preeminente hinólogo inglês Isaac Watts. A beleza poética de seus hinos impregnados de doutrina transcende os séculos e continua a enriquecer a Igreja atualmente. Por sua habilidade literária extraordinária, ele tornou o cantar de hinos uma força devocional na Igreja Protestante. Tomado por uma visão elevada de Deus, este talentoso compositor revitalizou o canto congregacional por voltar a expor uma rica teologia em letras que combinavam o estilo musical ao peso da mensagem bíblica. Tudo isso – a ascensão e a queda de uma frase, metáforas marcantes, a cadência de um verso – convertia a majestade e transcendência de Deus em palavras inesquecíveis. Chamado de Melanchthon do seu tempo, este pastor-hinologista influenciou o curso da adoração congregacional que permanece até o dia presente. Os seus hinos continuam a ser um marco na vida espiritual da Igreja.

Este dom para o encanto poético se faz necessário, mais uma vez, nos 9dias atuais. Em um momento em que há muita superficialidade na adoração congregacional, a Igreja deve recuperar uma visão elevada de Deus que leve à adoração transcendente. Em última análise, é a teologia

que inevitavelmente produz doxologia. O recente ressurgimento da teologia Reformada deve inspirar altaneiro louvor nos corações dos crentes. Que o Senhor possa usar este livro para inflamar uma nova geração a contemplar "a maravilhosa cruz sobre a qual o Príncipe da glória morreu".

Soli deo gloria!

– *Steven J. Lawson*
Editor da Série

PREFÁCIO

Doxologia para Todos os Tempos

Era uma noite de um domingo de outono, em 1976, quando, aos dezessete anos de idade, o evangelho da graça por meio da fé em Cristo somente tornou-se irremediavelmente real para minha alma. Lembro-me vividamente: o despertar de verdades ouvidas que haviam sido ternamente ensinadas desde minhas primeiras lembranças, o sentimento de admiração pela graça divina, e a emoção experiencial da realidade da cruz e de Cristo, meu Salvador derramando o seu sangue, sofrendo e morrendo em meu lugar, pelo meu pecado e minha culpa. Lembro-me de lágrimas quentes ardendo sobre o meu rosto enquanto a autenticidade da graça e do evangelho era derramada sobre mim naquela noite.

Com uma mão trêmula e um coração quase explodindo de amor e gratidão pela graça de Deus, tomei os elementos do pão e do vinho, Cristo neles representado, simbolizado e feito real espiritualmente diante de mim.

Qual foi o recurso que despertou um jovem homem naquela gloriosa noite? Será que foi um sermão divertido entregue por um pregador celebridade? Foi uma campanha publicitária emocional inventada pela banda de rock cristão do momento? Foi uma cerimônia de liturgia rebuscada tentando fabricar o transcendente? Não, não foi nada disso.

Foi Isaac Watts.

Eu havia cantado as palavras de seu hino durante a Ceia todos os meses por onze anos, mas naquela noite, a rica poesia de Watts deslumbrou a minha imaginação e deixou uma impressão profunda e duradoura sobre o meu coração. Não é legal chorar publicamente aos dezessete anos, mas eu chorava, e embora o fizesse, consegui me unir a Watts em seu encanto embasbacado pela cruz. [NT: O hino a seguir "Ao Ver a Cruz", 54 da Harpa Cristã].

When I survey the wondrous cross
On which the Prince of glory died,
My richest gain I count but loss,
And pour contempt on all my pride.[1]

[Quando a maravilhosa cruz eu contemplei
Sobre a qual o Príncipe da glória morreu,
Todas as riquezas como perda contei,
E derramei desprezo em todo orgulho meu.]

Por sua imaginação incomparável, Watts me transportou de volta para o quente e empoeirado Gólgota, onde ouvi as batidas do martelo sobre os pregos, os insultos e cuspes, os gemidos e gritos de dor. Pelas palavras de Watts, tornei-me o jovem contemplando a maravilhosa cruz. Com os olhos da fé, eu era aquele que via o Príncipe da glória abandonado por seu Pai e morrendo em agonia. E porque eu agora via, estava resoluto a contar como perda todas as minhas aspirações à riqueza e grandeza. Eu estava, pela primeira vez, desprezando todo o meu orgulho delirante do corpo e da mente.

Forbid it, Lord, that I should boast,
Save in the death of Christ my God:
All the vain things that charm me most,

I sacrifice them to his blood.

[Não permita, Senhor, que eu possa me gloriar
Salvo na morte de Jesus Cristo, meu Deus:
As coisas vãs que mais podem me fascinar
Eu lhas dou em sacrifício no sangue seu.]

Watts, por meio de seu sentimento de deslumbramento diante da cruz de Cristo, e com movimentos hábeis de sua pena poética, mostrou-me o absurdo da minha visão de mundo. Ele habilmente despertou em mim a feiura e inadequação absoluta do meu orgulho e jactância, a minha preocupação com coisas vazias que tanto cativaram o meu mundo de adolescente. Por erguer diante de mim a cruz de Jesus de forma vívida, ele exigiu que eu largasse tudo e lidasse com isso. Por suas palavras, Watts me obrigou a me unir a ele, para juntamente ver Aquele que foi pendurado na cruz em meu lugar.

See, from his head, his hands, his feet,
Sorrow and love flow mingled down:
Did e'er such love and sorrow meet,
Or thorns compose so rich a crown?

[Veja, de sua cabeça, seus pés e suas mãos,
Aflição e amor fluíram abaixo misturados:
Alguma vez se uniu tal amor co' aflição,
Ou espinhos tinham coroa tão rica formado?]

A pergunta retórica de Watts me fez enxergar o quão ridículo o meu senso de valor havia sido. Eu estive buscando a sabedoria, riquezas e entretenimento do mundo. Mas Watts colocou Cristo diante de mim – sua cabeça, suas mãos e seus pés – e a riqueza inigualável de sua coroa de

espinhos. Era como se eu estivesse lá e pudesse ver isso, ouvi-lo gemer e sentir a perfuração de cada espinho em sua fronte. Fui compelido a responder.

Were the whole realm of nature mine,
That were a present far too small;
Love so amazing, so divine,
Demands my soul, my life, my all.

[Tivesse eu da natureza posse total,
'Inda seria um presente por demais pequeno;
Amor tão maravilhoso, tão divinal,
Demanda minh' alma, vida e tudo que tenho.]

Watts atacou o meu sistema de valores profundamente falho com essa quadra de fechamento. Como era absurdo pensar que eu poderia possuir cada pedaço de riqueza em todo o mundo natural, e então imaginar que eu poderia oferecê-lo como um presente, e isso seria de alguma forma proporcional ao próprio Jesus. Com algumas pinceladas de sua pena, Watts desfez tudo isso para mim. Sua comparação imaginativa de todas as riquezas temporais da natureza amontoadas como um presente de um lado, e do sacrifício expiatório de Jesus Cristo pelos meus pecados, do outro, encheu-me de vergonha; levou-me a "ocultar meu rosto em humilhação enquanto a amada cruz aparecia".[2]

Em dezesseis versos curtos de poesia, em 128 sílabas, Watts destruiu o meu senso de valor distorcido e me fez cair de joelhos ao pé daquela cruz. Ele havia desmascarado o brilho do mundo temporal, aberto os céus com sua pena, e nessa abertura, ele havia me deslumbrado com o amor divino, amor tão surpreendente que exigia a minha alma, minha vida, meu tudo – cada parte de mim pertencia a Jesus. Ele comprou minha vida naquela

cruz, e esse amor tão incrível por mim me atraiu graciosamente, irresistivelmente me compeliu a querer, mais do que qualquer coisa, abandonar tudo e seguir a Jesus.

POR QUE ISAAC WATTS?

Como consequência de ter a minha imaginação espiritual batizada pela imaginação de Watts, ele tem ocupado por bastante tempo um lugar importante na minha mente e em meu coração. Quando a minha devoção está fria e árida, em público ou em privado, eu me volto para Watts, que "concede-me as asas da fé"[3] e me faz voltar para Jesus. Estou inclinado a pensar que se Watts, mais de duzentos anos depois de sua morte, pode ser o meio usado para despertar a alma de um jovem de dezessete anos de idade, pode haver uma grande parte do conjunto de sua obra sem a qual nenhuma geração de cristãos pode se dar ao luxo de viver sem.

Primeiro, precisamos da poesia de Watts em nossas vidas. O nosso mundo segue atrás daquilo que é mais atual, e à medida que nos desgastamos no processo, grandes poetas como Watts são colocados muitas vezes dentro de uma caixa na calçada para o rapaz do brechó vir buscar. Como poderia um poeta desajeitado que viveu e escreveu 300 anos atrás ser relevante hoje em dia? Nossa cultura pós-moderna, pós-cristã e pós-bíblica rejeitou quase totalmente o que foi chamado de poesia nos dias de Watts. Poucos negam o fato: a nossa é uma cultura pós-poesia.

Martinho Lutero insistia que, em uma reforma, "nós precisamos de poetas".[4] No entanto, os cristãos frequentemente aceitam o declínio da poesia sem lamentar. Será que a vida da sociedade não continuará muito bem sem poesia? A igreja não ficará muito bem sem ela? Não é como se a poesia contribuísse para algo vital. Você não pode comê-la. Assim pensou o Rei Jorge II da casa de Hanôver: "Eu odeio todos os poetas!", ele declarou.

Mas será que os cristãos não deveriam se manter de fora com deferência enquanto a cultura lança a poesia – a forma mais elevada – no círculo mais profundo do inferno?

O que aconteceu com a verdadeira poesia, e por que nós precisamos tão desesperadamente que Watts nos ajude a recuperá-la? Provavelmente o declínio foi alimentado por Walt Whitman, um homem com novas ideias que exigiam uma nova forma. "Por mim", ele escreveu, "vozes proibidas, vozes de sexos e de desejo, vozes veladas e eu retiro o véu".[5]

Semelhantemente a Whitman, a poesia do *Vers libre* vai contra qualquer estrutura convencional de métrica ou rima, elementos líricos necessários para tornar a poesia cantável, como Watts entendia tão bem. O impulso de jogar-fora-as-algemas de Whitman criou uma mancha no gênero literário em que a forma poética foi abandonada em favor de rajadas irregulares de sentimento. O que muitas vezes permanece é prosa fragmentada. "Poesia", assim concebida, fornece uma pseudo-forma de dizer coisas pessoais sobre si mesmo, coisas que não se diria no discurso direto – até Whitman retirar o véu.

Tal redefinição de poesia levou a uma proliferação de palavras e frases que parecem mais exibicionismo emotivo escrito por fanáticos terapêuticos que qualquer coisa parecida com poesia real. Certa vez ouvi John Stott ironizar sobre os americanos, "O problema com vocês americanos é que vocês estão constantemente engajados em um *strip-tease* espiritual".[6]

Abandonar forma por emoção crua não é exclusividade dos poetas. Grande parte dos artistas está bastante satisfeita consigo mesma por destruir formas obsoletas em favor de novas estruturas, mais adequadas à autoexpressão, a agora esfera primária da arte.

Não é coincidência que a poesia tenha começado a sua descida à "emocionalização gasosa" na América igualitária. Alexis de Tocqueville colocou a culpa nas restituições da democracia: "Nada é mais repugnante

para a mente humana, em uma era de igualdade, que a ideia de sujeição a formas". Conforme ele continuava, questiona-se se Tocqueville estava pensando em Whitman: "A democracia desvia a imaginação de tudo o que é exterior ao homem, e fixa-a apenas no homem. Cada cidadão está engajado por hábito na contemplação de um objeto extremamente insignificante, a saber, de si mesmo".[7]

Enquanto isso, Whitman estava trabalhando em seu poema biográfico, *Canção de Mim Mesmo*, o protótipo de louvor vazio – ao objeto errado. A poesia de louvor centrada no homem nasceu. Quão imensamente diferente de Watts, que escreveu a respeito de seu propósito poético:

> *Begin, my tongue, some heav'nly theme,*
> *And speak some boundless thing.*
> *The mighty works, or mightier Name*
> *Of our eternal King.*[8]
>
> [Comece eu a entoar a canção celestial,
> E falar de algo sem limites.
> As grandes obras, ou Nome eternal
> *Do nosso Rei mais poderoso.]*

Enquanto Watts fez de Cristo o tema de sua poesia, *Canção de Mim Mesmo* de Whitman definiu a argamassa da autorreferência poética. Grande parte de sua poesia é um material repugnante: "Acredito na carne e nos apetites", ele murmurou em *Canção de Mim Mesmo*. "Divino eu sou por dentro e por fora... O cheiro dessas axilas é um perfume mais elevado do que a prece, esta cabeça é mais do que as igrejas, as bíblias, e todas as crenças... Nada, nem Deus, é maior... mais maravilhoso do que eu mesmo".[9] Deseja-se que Whitman tivesse parado, mas ele não o fez. Nem os poetas desde então.

Um resultado trágico de Whitman e seus imitadores é que temos perdido a capacidade de medir a qualidade da poesia, assim o verso livre

prolifera sem censura enquanto todas as pessoas e seus periquitos e papagaios entram em contato com o poeta interior, incluindo jovens líderes de louvor bem-intencionados. Há pouco espaço para Watts em um mundo tão literário. O nosso mundo é sem leme, onde a poesia não tem limites, nem tela, nem paredes, nem arcos, nem tetos abobadados – e, portanto, nenhuma grandeza duradoura. Hoje se pode criar um verso e chamá-lo de poesia simplesmente ao fazer uma pesquisa no Google e, em seguida, combinar os resultados em linhas de absurdo. E, sim, isso tem um nome: *flarf*. A poesia *flarf* e seus derivados redefiniram o que a poesia é. Redefinir é o que a pós-modernidade faz de melhor, e o resultado é que o rico legado literário do passado está à beira de ser esquecido – e Watts com ele.

Se ele fosse vivo hoje, eu duvido que passaria por sua cabeça celebrar a aleatoriedade cibernética com sua caneta ou escrever um hino em celebração de si mesmo. Watts foi um poeta extraordinariamente talentoso, um que praticamente pensava em rima e métrica, e que escreveu a maior parte de sua poesia no primeiro esboço. Com essas habilidades, ele poderia ter sido um líder das letras na Grã-Bretanha neoclássica. A era de Watts foi chamada de a Era de Johnson, e o próprio Samuel Johnson classificou Watts entre os grandes autores e disse a seu respeito: "Seu ouvido era bem afinado, e sua dicção era elegante e abundante".[10]

Embora a Universidade de Edimburgo e a Universidade de Aberdeen tenham conferido a Watts a honra de Doutor em Divindade em 1728, muitos críticos literários consideraram a sua poesia muito explicitamente cristã para a aclamação literária. E foi assim propositalmente. Brilhante poeta que era, Watts evitou, como ele mesmo chamou, o "excesso de bagagem de forma intrincada, bem como de adorno poético"[11]. Para ele, o objetivo era evangélico acima de tudo. Poesia, para Watts, era um meio para um fim maior, talvez uma exigência de toda grande poesia.

Assim, ele era assumidamente um poeta bíblico e teológico que concedeu a todos os cristãos um rico legado de adoração cantada, cheio de imaginação, habilidade, percepção teológica profunda, percepção sensorial vívida, alegria em meio ao sofrimento e desvantagens, e um sentimento contagiante de admiração diante da majestade de Deus. O nosso mundo precisa desesperadamente da poesia Watts.

Em segundo lugar, nós precisamos da voz de Watts em nossa adoração. A adoração cristã precisa desesperadamente de Watts. Recentemente estive em cultos com cristãos bem-intencionados que cantavam: "Sim, Senhor, sim, Senhor, sim, sim, Senhor". Em outro culto, fiquei aturdido enquanto todas as pessoas ao meu redor erguiam suas mãos para o alto, acariciando o ar e cantando: "Basta pensar nisso, pense nisso, pense nisso". Sem querer estar lá sendo o crítico, tentei observar ao meu redor para descobrir sobre o que eu deveria estar pensando. Tente o quanto quiser, eu encontrei pouco nas letras vazias que eles estavam murmurando que exigissem algum grau de pensamento sobre qualquer coisa.

Eu lamento um mundo sem Watts. Lamento uma igreja sem ele. Por que os cristãos desejariam se privar de uma rica paixão teológica habilmente adornada, como nos melhores hinos de Watts?

Em mais um culto, eu assisti outros cantarem "Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei" de Watts, mas eu fui pouco comovido pelas palavras. O mais perto que eu posso dizer, a razão pela qual Watts não me comoveu desta vez foi que havia muitos elementos na adoração que me impediam de tomar as palavras em meus lábios e em meu coração como minhas próprias e cantá-las. Os líderes de louvor balançando e toda a parafernália da banda de rock *indie* encheu o palco, e o volume foi intensificado tão alto que acabei sendo forçado a levar meu filho de sete anos de idade para fora do lugar, com as mãos apertadas sobre seus ouvidos. Eu assisti ao invés de cantar, porque neste tipo de entretenimento, pouco importa se a congregação participa do canto. Tudo bem se ela participar, é claro, mas

isso não faz diferença para o que se ouve. As inflexões vocais emotivas e as contorções faciais comprimidas do líder de louvor bem-intencionado são difíceis para a maioria de nós imitar, e a repetição inesperada ocasional de versos ou a adição de letras improvisadas nos deixa cantando algo diferente do que o líder de louvor está cantando. Mas não é para se preocupar, ninguém o ouvirá de qualquer maneira.

Eu estava ao lado do meu filho mais velho em uma igreja em um galpão urbano em Seattle, Washington, as paredes pintadas de preto, várias luzes coloridas piscando ao redor do palco e da sala, o cinegrafista projetando na tela atrás da banda um enorme close-up do guitarrista deslizando os dedos para cima e para baixo pelo corpo de seu instrumento. Sob a influência agressiva da nova liturgia de boate, eu novamente me perguntei se eu deveria estar cantando algo. Havia dois mil jovens de dezenove a vinte e nove anos no salão, mas eu não conseguia ouvir ninguém cantando exceto o guitarrista, e ele estava gemendo de uma forma que eu me senti intensamente desconfortável ao tentar imitar. Virei-me para o meu filho, respirei fundo e gritei: “Nós deveríamos estar cantando?” Ele se virou e gritou de volta em meu ouvido: “Eu não sei”. Ninguém ao nosso redor foi minimamente perturbado pela nossa conversa.

Assim como a igreja medieval cortou fora a participação da congregação na adoração cantada do culto, hoje muitos líderes cristãos bem-intencionados têm reconstruído um culto cantado na qual a participação congregacional não importa. Nós nos sentamos ou ficamos de pé como nossos antepassados medievais fizeram e assistimos aos outros cantarem para nós. O culto se tornou um espetáculo, diversão, um meio de entretenimento para se conectar à cultura jovem da moda, e aparentemente, ao evangelho. Tal local produz uma reação no ouvinte - uma supercarregada com emoção crua - mas eu me pergunto se é uma reação emocional produzida por uma mente renovada pela profunda

consideração das verdades objetivas do evangelho da graça, ou pela música em si.

Watts claramente entendia tudo isso. Ele, sem dúvida, aprendeu com os Salmos e, talvez, com o prefácio de João Calvino em seu comentário sobre os Salmos:

> Sabemos, por experiência, que o canto tem grande força e vigor para mover e inflamar os corações dos homens a invocar e louvar a Deus com um zelo mais veemente e ardente. Cuidados devem sempre ser tomados para que a canção não seja rasa e nem frívola, mas que tenha profundidade e majestade (como disse Santo Agostinho); e, também, há uma grande diferença entre a música que se faz para entreter os homens na mesa e na sua casas, e os Salmos que são cantados na Igreja, na presença de Deus e seus anjos.[12]

Em uma época de adoração dirigida pela diversão, uma apreciação recuperada de Watts como hinólogo é fundamental para corrigir as tendências "rasas" e "frívolas" da igreja pós-moderna, e talvez as sombrias e também. Toda geração biblicamente madura na igreja desejará contribuir com poesia e música para o culto da igreja - mas, ai de mim, as biblicamente imaturas também. Watts é um excelente modelo para orientar as novas gerações de poetas que presumem escrever letras para a adoração congregacional do povo de Deus.

Ao invés de deixar o seu filho ser guiado pelos transitórios apetites poéticos e musicais do momento, o pai de Watts ensinou-lhe quem deveria guiar sua pena:

In ancient times God's worship did accord,
Not with tradition, but the written word;
Himself has told us how He'll be adored.[13]

Na antiguidade o culto a Deus não era ajustado,
Por tradição, mas pelo que está registrado;
Deus mesmo nos diz como quer ser adorado.

Watts entendeu a mensagem de seu pai: o que os cristãos cantam no culto deve ser guiado por aquilo que Deus revelou sobre como devemos cantar a tal Deus. Watts dominou o dom poético que lhe foi confiado e ganhou o título incontestável de "o Pai da Hinódia Inglesa". Se hinos são poemas escritos em louvor e adoração a Deus, então isso faz de Watts o pai do louvor de fala inglesa a Deus. Todo cristão que se preocupa em viver uma vida de louvor desejará que a sua adoração cantada seja guiada pelo coração, mente e devoção poética de Watts. Por quê? Porque Watts foi consumido pelo deslumbramento diante de Jesus Cristo, o supremo objeto de adoração cristã.

Em terceiro lugar, precisamos do exemplo de Watts ao vivermos em nossa fragilidade. Outra razão importante para observar a vida e obra de Watts é que a sua vida é um modelo de paciência na aflição para todos os cristãos que sofrem. Os primeiros anos de sua vida foram de constante conflito político, incerteza e perseguição, durante os quais seu pai saía e voltava para a prisão por sua fé em Cristo. Todos os seus setenta e quatro anos foram de superação de grandes dificuldades. Watts esteve cronicamente doente durante a maior parte de sua vida adulta, sofrendo continuamente com febres e, muitas vezes, suportando desconforto físico intenso.

Além disso, Watts vivia com a inevitável falta de atratividade pessoal. Sem rodeios, ele não era um homem bonito. Isso é importante para americanos, que gastam 15 bilhões de dólares por ano com cirurgia plástica - cem vezes mais que todo o produto interno bruto anual de Uganda. Podemos ignorar o significado de sua feiura, assumindo que a sua sociedade não se preocupava com essas frivolidades. Mas ela se preocupava. Talvez, ao lado apenas da nossa própria, as pessoas do Iluminismo estavam profundamente preocupadas com a aparência física e adornos, incluindo perucas ridiculamente elaboradas, maquiagem masculina e culotes rosa de cetim – para homens. Em nossa cultura

terapêutica, Watts seria um candidato à insegurança e a uma vida de baixa autoestima. Hoje o médico prescreveria aconselhamento, talvez um regime de drogas antidepressivas – e preenchimento de botox.

Além disso, Watts mantinha pontos de vista religiosos que eram o escárnio da elite em sua sociedade, e ele cometeu o erro social imperdoável de não frequentar as escolas certas. Como um não-conformista, ele era indesejável em Oxford e Cambridge e foi forçado a participar de pequenas instituições, insignificantes, sob a censura e desprezo de uma sociedade refinada.

Precisamos de Watts por muitas razões. Precisamos de sua poesia para nos ajudar a recuperar uma compreensão e imaginação santificadas. Precisamos dele para ajudar a reformar a adoração e o canto em nossas igrejas hoje. E todos nós, que já nos sentimos marginalizados pela nossa fragilidade, falta de atratividade, falta da educação formal em escolas de elite, ou por qualquer outra limitação – real ou percebida – precisa de Watts. Todas as pessoas encontrarão uma fartura de enriquecimento e encorajamento ao aprender mais sobre o deslumbramento poético de Isaac Watts.

CAPÍTULO 1

A Vida e o Legado de Watts

Nascido em 17 de julho de 1674,[1] Isaac Watts chegou a uma Grã-Bretanha profundamente atribulada. Onze anos antes de seu nascimento, uma epidemia terrível de peste bubônica varreu Londres, matando mais de cem mil pessoas. O local do nascimento de Watts, a cidade portuária de Southampton, foi quase despovoado pelo mesmo surto; as ruas estavam desertas e repletas de ervas daninhas. No ano seguinte, toda a Inglaterra ficou devastada com a notícia do Grande Incêndio que destruiu grande parte da capital.

Mas doença e desastre não eram as únicas aflições sobre a Grã-Bretanha na época do nascimento de Watts. A nação ainda estava passando por maciços levantes misturando política e religião.

PERSEGUIÇÃO

No início do século, os monarcas da casa de Stuart, simpatizantes do Catolicismo Romano, começaram a afirmar o seu direito divino e a governar como absolutistas tanto sobre o Estado quanto sobre a Igreja. Os Puritanos e Separatistas que puderam fugiram para as colônias americanas por liberdade religiosa. Após séculos de governo monárquico limitado por um parlamento representativo, era inevitável que rei e parlamento entrassem em choque. Em 1642, o rei Carlos I engajou-se em uma

sangrenta guerra civil contra o parlamento, terminando com a derrota dos monarquistas e a decapitação do monarca. O Lorde Protetor Oliver Cromwell envidou esforços para unir o país, mas entrou em conflito com a Escócia Presbiteriana, com a qual ele travou outra guerra civil.

Finalmente, em 1660, o Parlamento convidou o filho de Carlos para assumir o trono como o rei Carlos II, restaurando a monarquia. Carlos prontamente afirmou seu direito divino e iniciou uma perseguição indiscriminada aos não-conformistas (cristãos que se recusavam a adorar de acordo com os ditames da Igreja Anglicana) em todo o reino. Com o Ato de Uniformidade em 1662, Carlos decidiu recuperar a liderança da Igreja Anglicana, a igreja que todos em seu reino eram obrigados a frequentar. Por se recusar a reconhecer o rei como cabeça da Igreja, e por não ser licenciado a pregar pelo bispo local, John Bunyan, autor de *O Peregrino*, foi preso por doze anos, e muitos outros ministros tiveram o mesmo destino. A política de Carlos II, continuada por seu irmão, Jaime II, provocou a morte de mais de dezoito mil escoceses covenanters, que se recusaram a curvar-se perante o usurpador dos "Direitos de Soberania do Redentor em Sua Igreja".[2]

Problemas distantes são facilmente suportados, mas estes problemas estavam na porta da família Watts. O pai de Isaac Watts era um diácono não-conformista da Capela Congregacional Above Bar em Southampton, onde o Rev. Nathanael Robinson era o pastor. Quando Watts nasceu, seu pai estava servindo uma segunda condenação na prisão por não estar de acordo com a Igreja Anglicana. Sua mãe, Sarah Taunton, sentava-se em um bloco de montagem feito de pedra em frente à prisão e amamentava o recém-nascido Isaac enquanto falava com seu esposo através das grades. Sarah, "uma mulher piedosa, e uma mulher de bom gosto",[3] era filha de Alderman Taunton, cujos antepassados haviam escapado junto com muitos outros protestantes franceses (huguenotes) para Southampton após o Massacre da Noite de São Bartolomeu em 1572. Em 1685, quando

Watts tinha onze anos, outra leva de huguenotes imigrou para a Inglaterra com a revogação do Édito de Nantes pelo rei francês Luís XIV e da restauração da perseguição de franceses calvinistas. A família Watts vivia na French Street [Rua Francesa], 41, rodeada por cristãos huguenotes cujas famílias haviam sofrido perseguição por gerações.[4]

Determinado a subjugar os não-conformistas, o rei e o parlamento haviam implementado penalidades crescentes para aqueles que se recusassem a participar dos cultos anglicanos, embora estes pudessem ser implementados arbitrariamente. Primeiro vinham as multas, que excediam muitas vezes toda a renda anual das famílias. Seguia-se a tomada de terras e propriedades; prisão; banimento e exílio e, finalmente, a morte por enforcamento. Casado por apenas um ano, o Watts sênior havia sido preso arbitrariamente por seu não-conformismo quando Sarah deu à luz Isaac, o primeiro de seus oito filhos. Essa não seria a sua última vez atrás das grades.[5]

INFLUÊNCIA DE UM PAI

Quando não estava na prisão, o pai de Watts, um comerciante de tecidos, conduzia um colégio interno em sua casa. Políticos e elitistas de hoje gostam de taxar cristãos como pessoas brutas, ignorantes e incultas; raramente uma representação justa em qualquer tempo, e certamente falsa nos dias de Watts. O ensino não-conformista era rigoroso, e a escola domiciliar de Watts desenvolveu tal reputação de excelência acadêmica que os alunos vinham de lugares muito distantes como a América e as Índias Ocidentais para estudar sob a tutela de Isaac Watts sênior.[6]

Watts sênior teve muito cuidado para que seus filhos não se tornassem amargurados contra Deus por causa de seu sofrimento. Ele lhes disse: “Não deem espaço para quaisquer pensamentos severos acerca de Deus ou de seus caminhos, porque o seu povo é perseguido devido a eles; pois o

próprio Jesus Cristo foi perseguido até a morte por homens maus, por pregar a verdade e fazer o bem; e os santos apóstolos e os profetas foram cruelmente tratados por servir a Deus da maneira dele".[7] Durante uma pausa na perseguição, Watts sênior foi libertado e começou a ensinar latim a seu filho quando este tinha apenas quatro anos de idade. Ainda jovem, Watts passaria a dominar o grego, o hebraico e o francês.

Em uma carta a seus filhos em 21 de maio de 1685, durante um exílio forçado em Londres, Watts sênior apresentou uma orientação cuidadosa referente às distorções do evangelho impostas pela Igreja Anglo-Católica estabelecida: Adorem a Deus da maneira dele, com verdadeira adoração e de forma correta, de acordo com as regras do evangelho, e não de acordo com as invenções ou tradições dos homens. Considerem que tanto a idolatria quanto a superstição é abominável a Deus. A idolatria é a adoração de ídolos, imagens, crucifixos, e pão consagrado, como os papistas fazem, e nenhum idólatra entrará no céu. Superstição é acrescentar mais ordenanças ou cerimônias à adoração a Deus do que o que foi determinado por ele. Ouçam atentamente, meus filhos, essas coisas. Não é o suficiente dizer que essas coisas não são proibidas nas Escrituras; mas vocês devem observar se elas são ordenadas lá, de outra forma, não as obedeçam.[8]

A instrução séria de Watts sênior em sua carta apresenta uma visão considerável das formas em que o catolicismo romano persistiu no culto anglicano e por que ele estava disposto a sofrer perseguição ao invés de se conformar. Ele continuou: Não deem espaço em seus corações a qualquer das doutrinas papistas, de haver mais de um mediador, a saber, o Senhor Jesus; de orar à Virgem Maria, ou quaisquer outros santos ou anjos; pois os santos e anjos, embora estejam no céu, ainda são criaturas; e a oração é um culto divino devido a ninguém além de Deus, o Pai, Filho e Espírito.[9]

Watts sênior não queria ver seus filhos enganados por uma distorção insidiosa da justificação somente pela graça por meio da fé em Cristo

somente: “Evitem a doutrina do mérito pelas obras de obediência, pois há pecados que poluem nossos melhores feitos, e somos incapazes de merecer algo das mãos de Deus, senão a ira. Todo o bem que recebemos vem de sua espontânea graça”. Ele descreveu outras “doutrinas condenáveis e errôneas”, e concluiu: “Vocês não devem dar ouvidos a nenhuma doutrina, exceto àquela que é corretamente fundamentada nas Sagradas Escrituras”, um tema que Watts ouviria frequentemente em seus anos de formação. Ele terminou a carta com uma exortação a seus entes queridos para que discirnam a verdade e se prepararem para o sofrimento: “Meus filhos, orem a Deus para lhes dar o conhecimento da verdade e mantê-los distantes do erro, pois são tempos muito perigosos estes em que vivemos”.[10]

CRIANÇA POETA

A poesia desempenhava um papel mais central na aprendizagem acadêmica nos dias de Watts, e a família Watts havia se destacado nessa área por gerações. O avô de Isaac Watts, o capitão de um navio de guerra britânico, que acabou sendo morto durante uma batalha naval contra os holandeses, muitas vezes escrevia poesia, e passou essa paixão para o seu filho. Sua viúva, a avó de Watts, desempenhou um papel importante na educação inicial de Watts acerca das coisas de Deus. O pai de Watts, um homem de convicções não-conformistas enraizadas, tutelou seu filho tanto na poesia quanto na adoração bíblica a Deus, não adulterada por tradições supersticiosas mantidas desde a Inglaterra pré-Reforma. Watts sênior descarregou sua frustração com a Igreja oficial em um dístico:

Why do our churchmen with such zeal contend
For what the Scriptures nowhere recommend?[11]

[Por que nossos zelosos clérigos contendem
Por aquilo que as Escrituras não defendem?]

Um exemplo inicial da inclinação poética do jovem Watts veio em uma noite durante o culto familiar na mesa de jantar. Enquanto seu pai lia as Escrituras e guiava as orações familiares, Watts viu um rato subindo pela corda do sino e começou a rir. Repreendido por seu pai, que lhe perguntou por que ele estava rindo durante a oração, Watts respondeu:

There was mouse for want of stairs
Ran up a rope to say his prayers.[12]

[Havia um rato que como escadas não tivesse
subiu em uma corda para dizer suas preces.]

Seus pais, impressionados com a habilidade do garoto para rimar em sua cabeça sem sequer precisar escrever no papel, incentivaram sua rima – por um tempo. Como fazem as crianças quando encorajadas, Watts começou a rimar o tempo todo. Irritado com a rima incessante, seu pai o proibiu de fazê-lo – e ele falava sério. Isaac logo esqueceu da proibição e voltou a rimar. Colocando-o sobre os seus joelhos, Watts sênior se preparou para bater no traseiro de seu filho com uma vara. Então, o jovem Watts de forma pouco convincente gritou:

O father, do some mercy take,
And I will no more verses make.[13]

[Ó pai, queira misericórdia ter,
e outros versos não hei de fazer.]

Seu pai teve misericórdia naquele dia, mas a Igreja pode ser grata que Watts, contrariamente à sua resolução infantil, continuou a fazer versos durante todo o restante de sua vida. O mesmo dom que irritou tanto seus pais quando era criança seria santificado e se tornaria o meio de enriquecer

a adoração de dezenas de milhares de cristãos ainda em sua vida, e milhões nos séculos após sua morte.

A mãe de Watts, Sarah, encontrou alguns poemas escritos à mão um dia e perguntou se eram de Isaac. Ele alegou que eram dele, mas ela duvidava que uma criança pudesse escrever poesia com tamanho grau de profundidade. Uma ideia lhe ocorreu, e ela prontamente fez seu filho se sentar à mesa da cozinha e lhe escrever um poema. Ele o fez. Note a profundidade da sua compreensão do evangelho nestes dez versos escritos sob demanda quando ele tinha sete anos de idade:

I am a vile polluted lump of earth;
So I've continued since my birth;
Although Jehovah grace does daily give me,
As sure this monster Satan will deceive me.
Come, therefore, Lord, from Satan's claws relieve me.

Wash me in Thy blood, O Christ,
And grace divine impart.
Then search and try the corners of my heart,
That I in all things may be fit to do
Service to Thee, and sing Thy praises too.[14]

[Sou um pedaço de terra vil e poluído;
Assim desde o berço tenho permanecido;
Embora Jeová venha graça diária dar,
É certo que Satanás irá me enganar.
Vem, pois, ó Senhor, de suas garras me livrar.
No Teu sangue, ó Cristo, renova-me
E Tua graça divina outorga-me.
Sonda, pois, os cantos do meu coração e prova-me,
Que em todas as coisas eu esteja apto a fazer
Serviço a Ti, e também Teus louvores render.]

O jovem Watts precisou de dez linhas porque escolheu escrever um poema que não apenas rimasse, mas que também fosse um acróstico do seu nome, "Isaac Watts", que tem dez letras. Este foi, sem dúvida, um daqueles momentos para uma mãe se alegrar e guardar em seu coração. Imagine a admiração de Sarah Watts pelo talento de seu filho, e ainda mais, a gratidão a Deus que qualquer mãe cristã teria por um agir tão óbvio da graça no coração de seu filho.

LIVROS E O LIVRO

Embora mais jovem do que a idade em que a maioria das crianças começa a escola hoje em dia, Watts mostrou uma paixão por livros e aprendizagem. Quando qualquer quantia de dinheiro aparecia em seu caminho, ele corria para sua mãe, exclamando: "Um livro, um livro! Compre-me um livro!"[15] No entanto, amplamente instruído como seu pai era, ele instruiu o seu filho mais velho e também todos os outros "a ler com frequência as Escrituras – façam os seus corações se deliciarem nela – acima de todos os livros e escritos, tenham a Bíblia como o melhor e leiam-na mais – guardem a verdade dela em seus corações". E, para que eles não se tornassem muito encantados com a sabedoria do mundo, ele os ensinou: "Que todo o conhecimento e aprendizado que vocês adquirirem por outros livros, tanto na escola quanto em casa, seja cultivado como servos para ajudá-los a entender melhor a Palavra de Deus. A soma de todos os conselhos que posso lhes dar está contida na abençoada Palavra de Deus".[16] Guiado por um pai tão biblicamente centrado, Watts ainda jovem veio a amar a Palavra de Deus e a amar todos aqueles que amavam a Palavra de Deus.

Nas reuniões não-conformistas, oração e pregação expositiva da Bíblia eram características centrais do culto. Os sermões de Robinson que Watts ouvia quando criança eram exortações estudadas, teológicas e cuidadosas –

e eles eram longos. Homilias superficiais eram suficientes na igreja oficial, porém os cristãos não-conformistas reuniam-se com a expectativa de chegar ao cerne do texto. Vivendo em dias em que os sermões se tornaram palestras pedantes ou conversas terapêuticas, podemos ser tentados a pensar que esses sermões eram monótonos e entediantes. Os cânticos teriam soado assim para a maioria, – como foi para o jovem Watts – mas a pregação era entregue com paixão para que alcançasse a consciência.[17]

Aqueles que oram, adoram e são perseguidos juntos formam ligações particularmente fortes. A família Watts crescia a cada Dia do Senhor quando se reunia na capela independente, rodeada de amigos e vizinhos que eram companheiros de sofrimento, membros da família dos fiéis de Deus. Watts poderia estar pensando em seu pai, em Robinson, ou em tantos outros "homens de celestial nascimento" junto dos quais ele adorava quando escreveu esta quadra:

> Let others choose the sons of mirth,
> To give a relish to their wine;
> I love the men of heavenly birth,
> Whose thoughts and language are divine.[18]

> [Que outros escolham os filhos do contentamento,
> Para trazer encanto maior ao seu vinho;
> Eu amo os homens de celestial nascimento,
> Que têm palavras e pensamentos divinos.]

Ainda menino, Watts interiorizou a sua resolução, pela graça de Deus, de não ser um inimigo de Cristo, fazendo amizade íntima com o mundo (Tiago 4:4). Como resultado, as décadas seguintes de sua vida foram extremamente frutíferas no serviço de Cristo e seu reino.

ADOLESCÊNCIA E PRIMEIRO HINO

A maioria dos pais está convencida de que seus filhos estão acima da média e são até mesmo precoces. Quem nunca viu pais se gabando do que seus filhos sabem ou já podem fazer? Isaac Watts sênior provavelmente não teria feito o mesmo em sua época, mas ele sabia que seu filho havia sido dotado, pela graça de Deus, com dons criativos e acadêmicos únicos; que o seu filho era realmente precoce. Desejando a melhor formação acadêmica para o jovem Isaac, Watts sênior decidiu mandá-lo para a Escola Livre em Southampton. Isso pode parecer normal, mas seria comparável hoje a um pai batista enviando seu filho a uma escola jesuíta. Watts era um não-conformista, mas a Escola Livre, mais tarde chamada de Escola Rei Eduardo VI, era anglicana. O Rev. John Pinhorne, vigário da paróquia anglicana em Eling, era o diretor da escola. Para Watts sênior, enviar o seu filho aos anglicanos para a educação foi potencialmente mandá-lo andar com os "filhos do contentamento".[19]

Mas não era para ser assim. Pinhorne provou ser não apenas um professor capacitado dos clássicos, mas um cristão fervoroso que exortou todos os seus alunos a desenvolver suas mentes e compreensão para a honra de Cristo ao longo de suas vidas. Assim, Pinhorne reforçou a instrução de Watts sênior para o seu filho: "Aprenda a conhecer a Deus, especialmente aprender a conhecê-lo em e por meio do Senhor Jesus Cristo e a ser familiarizado com este bendito Redentor dos eleitos de Deus".[20]

Durante os anos seguintes, Watts dominou latim, grego, hebraico e francês sob a instrução de Pinhorne. Com respeito e carinho, Watts escreveu a sua "Ode Pindárica" para honrar seu tutor e expressar a "dívida de gratidão" que ele lhe devia. Após citar "as esferas de Platão" e "Campos do Lácio", Watts escreveu que desprezava Zeus, "O governante lendário dos céus". Ele, então, prosseguiu a "consagrar suas canções" ou a mapear os "versos" métricos da obra poética de sua vida:

> Thy name. Almighty Sire, and thine,
> Jesus, where His full glories shine,

Shall consecrate my lays;
In numbers, by no vulgar bounds controlled,
In numbers, most divinely strong and bold,
I'll sound through all the world th' immeasurable praise.[21]

[Teu nome. Senhor Onipotente, e também
Jesus, em quem suas glórias brilham além,
Consagrem as minhas canções;
Em versos, não por vulgares laços controlados,
Em versos, divinamente fortes e ousados,
Ressoarei por todo o mundo tuas imensuráveis exaltações.]

Enquanto estava sob a tutela de Pinhorne, Watts escreveu em suas notas pessoais de eventos importantes em sua vida: "Caí sob convicções consideráveis de pecado, em 1688, e fui ensinado a confiar em Cristo em quem espero, em 1689". No último ano, ele também escreveu que "teve uma grande e perigosa doença",[22] com efeitos duradouros ao longo do restante de seus anos. Através de tudo isso, Watts se destacou tanto na piedade quanto na aprendizagem, e pelo seu sucesso acadêmico e habilidade poética tornou-se assunto das conversas de Southampton. Uma alimentação diária nas Escrituras enquanto crescia em conhecimento impediu Watts de desenvolver o orgulho tão comum a todos, mas talvez especialmente àqueles dotados de talentos consideráveis. Assim, não havia nenhum indício de vaidade nele frente às adulações da comunidade.

A OFERTA

Em 1690, o médico de Southampton, Dr. John Speed, começou a desenvolver um interesse na educação do jovem Watts. Ele discutiu sobre Watts com outros homens de posses na comunidade e fez uma proposta. Esses homens pagariam para que Watts fosse para Oxford ou Cambridge, a

fim de que se preparasse para o ministério cristão. Para Watts, era como receber uma oferta de uma bolsa de estudos integral à sua escolha das melhores universidades do reino. Mas havia um problema. Dr. Speed era anglicano. Oxford e Cambridge eram anglicanas. Para estudar nessas instituições, no tempo de Watts, era necessário ser anglicano. Aceitar a oferta significava converter-se ao anglicanismo, o que significava rejeitar o não-conformismo de seu pai.

Watts era um jovem de dezesseis anos de idade criado em um lar não-conformista que seria considerado rigoroso e autoritário pelos padrões de hoje. Uma oportunidade estava lhe sendo dada de começar algo por conta própria, de sentir a sua independência e ser o dono do seu próprio nariz. Além do mais, ele havia visto em seu respeitado professor, Pinhorne, um homem que era, ao mesmo tempo, um verdadeiro cristão e um anglicano. O que o jovem Watts faria? Eu me pergunto sobre o que o Watts sênior estava pensando e orando nestes dias. "Eu sempre me lembro de você em minhas orações diárias dirigidas ao trono da graça",[23] escreveu ele uma vez da prisão para seu filho.

O amor e cuidados do piedoso pai de Watts ganhou, e ele gentilmente recusou a oferta do Dr. Speed, "determinado a levar a sua sorte entre os dissidentes".[24] Mais tarde, ele escreveu versos em um de seus hinos que expressam o tipo de decisão que ele tomou neste ponto de virada em sua vida e carreira acadêmica:

> I'm not ashamed to own my Lord
> Or to defend his cause,
> Maintain the honor of his Word,
> The glory of his cross.[25]
>
> [Não me envergonho de meu Senhor ter,
> De sua causa ser protetor,
> A honra de sua Palavra manter,
> De sua cruz o resplendor.]

HINO ESCRITO ENQUANTO ADOLESCENTE

Embora houvesse vida e paixão na oração e pregação na capela não-conformista em Southampton, o canto era, na melhor das hipóteses, desajeitado e sem inspiração. Os anglicanos e os não-conformistas estavam em completo acordo sobre a importância de cantar no culto. Os salmos inspirados eram a mais bela poesia já escrita, e os adoradores hebreus tomaram em seus lábios as mais altas expressões poéticas ao cantarem a Deus, mas nos dias de Watts, muitas versificações dos salmos ficavam consideravelmente aquém da bela poesia. Em seus sinceros esforços para reproduzir rigorosamente o texto inspirado, a maioria dos versificadores dava menos atenção à beleza de expressão. Pelo poeta que estava se tornando, isso ofendia o jovem Watts.

O hinologista Erik Routley escreve que "Watts protestou contra a apatia e crueza de expressão" da poesia que era cantada no culto, e estava "ofendido pela deselegância dos salmos de Barton. O próprio Watts colocou desta forma: "O cântico de louvores a Deus é a parte da adoração que mais se aproxima do céu, mas a sua realização entre nós é a pior do mundo".[26]

Em um domingo de 1690, enquanto a família Watts caminhava para casa após o culto, o jovem Isaac de dezesseis anos de idade fez um comentário sobre os cânticos. Ele se referiu ao que eles tinham acabado de cantar como "hinos feios". OWatts sênior parou e repreendeu seu filho: "Se você não gosta dos hinos, jovem, então dê-nos algo melhor".[27]

Naquela tarde, Watts afiou a sua pena e escreveu um hino de oito estrofes retiradas livremente de Apocalipse 5:6-12. Começava assim:

Behold the glories of the Lamb,
Amidst His Father's throne;
Prepare new honors for His name,
And songs before unknown.[28]

[As glórias do Cordeiro contemplai,
Em meio ao trono de seu Pai;
Novas honras a seu nome preparai,
E novo cântico entoai.]

Com esta quadra de abertura, o jovem Watts estava, inconscientemente, mapeando a contribuição poética, "preparando novas honras" em cântico para o Cordeiro, que ocuparia a sua pena ao longo dos anos restantes de sua vida. Nas sete estrofes finais do hino, ele explorou o restante do texto profético: o canto de um novo cântico, os anciãos ao redor do trono, o incenso, as orações dos santos, a posse do livro, a dignidade e glórias do Filho, a constituição do povo de Deus em reino e sacerdotes, e o céu e o reinado final dos santos com Deus. A habilidade de Watts como um poeta ainda melhoraria, embora o seu notável empenho inicial mostrasse claramente a compreensão bíblica e teológica e a habilidade poética necessárias para criar "novo cântico" digno do Cordeiro.

Quando Watts desceu as escadas um pouco mais tarde e apresentou seu primeiro hino a seu pai, Watts sênior ficou devidamente impressionado e levou uma cópia para a capela Independente naquela noite. Em 1690, em Southampton, Inglaterra, a congregação Above Bar se tornou a primeira a cantar um hino de Isaac Watts. Ele foi recebido com entusiasmo e Watts foi encorajado a escrever mais como esse.[29] A revolução Watts na hinódia havia começado.

ESTUDANTE ACADÊMICO

A educação universitária de Watts na Academia Newington desempenharia um papel importante em prepará-lo e equipá-lo para uma vida de doxologia. Lá, o jovem Watts de dezesseis anos de idade

encontraria a incredulidade destruidora da alma da Era da Razão e seria forçado a debater com a razão e a fé cristã. Será que a culta cidade de Londres arruinaria a sua alma? Ou ele viria a possuir pessoalmente o evangelho da graça em Cristo que havia sido ensinado em sua casa?

Deixar sua casa em Southampton, em 1690, para começar seus estudos na academia dissidente perto de Londres foi um evento cheio de lágrimas. Watts amava profundamente seus pais e seus irmãos, e ele expressou sua tristeza em uma epístola poética enviada para casa mais tarde:

E'er since the morning of that day
Which bid my dearest friends adieu,
And rolling wheels bore me away
Far from my native town and you,
E'er since I lost through distant place,
The pleasures of a parent's face…[30]

[Desde que a manhã daquele dia iniciou
Anunciando o adeus aos amigos queridos,
E o girar de rodas p'ra longe me levou
Longe de vocês e de meu povo nativo,
Desde que perdi neste distante local,
Os prazeres de sua face paternal…]

Ele continuou, descrevendo a sua carta como "imersa em amor humilde" e como uma espécie de beijo de longa distância para eles.[31] Talvez Watts não fosse diferente de um jovem de hoje deixando sua casa para ir à faculdade, suas pontadas de saudade de casa e anseios pela família foram abafados pela aventura antecipada de independência e vida universitária.

Watts escreveu brevemente sobre essa nova fase da sua vida em suas notas pessoais: "1690, deixei a escola de estudos clássicos e vim para Londres, para estudar filosofia com o Sr. Rowe".[32] Embora as

universidades anglicanas pudessem ter lhe dado mais base em matemática e estudos clássicos, a Academia Newington, assim como outras academias dissidentes, proporcionava uma educação mais liberal e variada, com maior ênfase nas línguas modernas, história e literatura pós-clássica. Mas, acima de tudo, a academia foi designada para preparar Watts para o ministério do evangelho.

O Rev. Thomas Rowe foi diretor da academia e pastor de uma congregação não-conformista que se reunia no Haberdasher's Hall, Londres. Watts logo se tornou um membro da congregação de seu professor. O currículo da academia, onde o romancista Daniel Defoe havia estudado antes dele, era abrangente: Watts estudou latim, grego, hebraico, matemática, história, geografia, ciências naturais, retórica, ética, metafísica, anatomia, direito e teologia. Era esperado que os estudantes desenvolvessem o domínio da oratória e da redação. Eles foram regularmente orientados a estudar cuidadosamente a Bíblia, delineando passagens para sermões e preparando aulas a partir dos Salmos.

No ensino superior, Watts foi profundamente influenciado por Rowe, "que era calvinista na teologia, lockeano na filosofia e cartesiano na física".[33] Rowe influenciaria Watts em todas essas áreas, além de receber o crédito por contribuir para a compreensão de Watts do cristianismo como uma religião "razoável", isto é, fundamentada na revelação sobrenatural e não na contradição com a razão. Watts escreveu um tributo poético a este amado professor:

I love thy gentle influence, Rowe,
Thy gentle influence, like the sun,
Only dissolves the frozen snow,
Then bids our thoughts like rivers flow.[34]

[Rowe, em tua influência gentil tenho prazer,
Tua influência gentil, assim como o sol,
Que só a neve congelada faz dissolver,

E incita os pensamentos como um rio a correr.]

RAZÃO E FÉ EM LONDRES

Quando Watts chegou a Londres, Sir Isaac Newton estava com quarenta e oito anos de idade e era um homem célebre da ciência, e John Locke, o filósofo empírico venerado, estava em seus sessenta e oito anos. Londres era a capital intelectual do reino, se não de toda a Europa, e era a Idade da Razão.[35] Assim, a fé do jovem Watts teria enfrentado desafios filosóficos consideráveis.

Ele se propôs a aprender com zelo, mas também com modéstia e humildade. No entanto, ele estava frustrado com os novos costumes da educação, as leis de aprendizagem que incentivavam os alunos a "devanear sem confinamento", as quais ele acreditava que, na realidade, aprisionavam os alunos. Talvez tenha sido o contemporâneo de Watts, Alexander Pope, que melhor explicou a teoria educacional que Watts tanto repugnava:

Know then thyself, presume not God to scan;
The proper study of mankind is man.[36]

[Conhece-te pois; não pretendas esquadrinhar a Deus.
O verdadeiro estudo do homem é o homem.]

Não era assim para Watts, ou para a sua correspondente, a condessa de Hertford, desejosa que "uma poesia como a do Sr. Pope estivesse mais inclinada a abordar assuntos divinos".[37] Como um poeta, Watts incorpora sua frustração com a tirania da teoria educacional do Iluminismo em versos:

Custom, that tyranness of fools,
That leads the learned round the schools,

In magic chains of forms and rules!
My genius storms her throne…
I hate these shackles of the mind
Forg'd by the haughty wise.[38]

[Costume, aquele tirano dos estultos
Que leva os instruídos pelos institutos
Em mágicas correntes de forma e estatutos!
Meu talento faz desabar o seu trono…
Esses grilhões da mente por mim odiados
São pelos sábios arrogantes forjados.]

AMIZADES E INFLUÊNCIAS

Watts desenvolveu amizades duradouras com alguns de seus colegas, incluindo Samuel Say, cujo pai puritano havia sido expulso do seu púlpito em Southampton, e que viria a encorajar Watts a escrever uma versão completamente nova de versificações dos Salmos; Joseph Hort, que se tornaria um bispo anglicano; e John Hughes, que se tornaria um jornalista, escrevendo artigos para o jornal londrino de Joseph Addison *The Spectator*. Hughes disse muitas vezes que os homens não conseguem fazer progresso na aprendizagem não por falta de tempo ou habilidade, mas por falta de trabalho duro. Ao contrário de tantos estudantes universitários hoje, que ficam até tarde festejando, comendo pizza e jogando vídeo game, Watts e seus amigos não desperdiçavam as horas. Eles, no entanto, ficavam acordados até tarde. Até tarde da noite, Watts continuava lendo e tomando nota do que havia lido. Mais tarde na vida, ele percebeu com pesar como fazer isso havia contribuído de forma irreversível para a sua saúde precária e insônia. Em um sermão, ele disse,

“Estudos à meia-noite são prejudiciais à natureza, e a dolorosa experiência me chama a arrepender-me dos erros dos meus anos mais jovens”.[39]

Londres, nos dias de Watts, era uma cidade de grandes pregadores, e ele e seus amigos estavam determinados a ouvir o maior número deles, tantos quantos pudessem. Watts escreveu sobre John Howe, o ex-capelão de Oliver Cromwell a quem ele inspirava reverência; sobre Thomas Gouge, que pregou na capela em Thames Street; e sobre Joseph Stennett, pregador no Pinner’s Hall e autor do hino “O Blessed Savior, Is Thy Love” [Ó Bendito Salvador, é o Teu Amor]. Seu neto Samuel Stennett seria o autor do hino ainda mais conhecido “Majestic Sweetness Sits Enthroned” [Ternura Majestosa está Entronizada]; tanto avô quanto neto escreveu sobre temas que ocupariam a pena de Watts como um escritor de hinos.[40]

OUTROS ESCRITOS DE ADOLESCENTE

“Tudo o quanto ele tomava em suas mãos”, escreveu Samuel Johnson sobre Watts, “era por sua incessante solidão pelas almas convertidas à teologia”.[41] A base para essa inclinação obstinada, como vimos, veio primeiramente da casa e do pai de Watts, mas foi reforçada significativamente sob a tutela de Rowe nesses anos. E Watts tomou muitas coisas em suas mãos. Em 1691, quando tinha dezessete anos, Watts escreveu um poema lírico a seu irmão Enoch intitulado *Going a Voyage [Saindo em Viagem]*. Ele escreveu uma carta em latim em versos ao seu irmão Richard, que se tornaria um médico, e uma série de outros belos poemas que seriam publicados em 1706 em sua coleção de poemas líricos intitulada *Horae Lyricae*.

Após sua morte, vinte e dois ensaios em latim foram descobertos, os quais Watts deve ter escrito como exercícios durante sua adolescência na academia de Rowe, em Londres. Sobre estes ensaios, Johnson escreveu: “Eles mostram um grau de conhecimento, tanto filosófico quanto

teológico, que bem poucos alcançam em um tempo de mais longo estudo".[42]

DE VOLTA EM CASA

Em 1694, tendo se tornado um homem de vinte anos de idade, de aprendizagem e habilidade consideráveis, Watts completou os seus estudos em Londres e retornou a Southampton e à sua casa. Em suas notas pessoais, ele escreveu: "Fui para o interior em junho de 1694. Habitei na casa de meu pai por dois anos e três meses". Durante esse tempo, Watts estudou principalmente a Sagrada Escritura, tomando tudo o que ele havia aprendido a partir de outros livros, como seu pai lhe havia instruído, e empregando sua vasta erudição em um único fim – investigar diligentemente a Palavra de Deus.[43] De uma forma não muito diferente de seu contemporâneo Jonathan Edwards, Watts também teve grande prazer em estudar o mundo natural ao seu redor, em Southampton. Sua irmã escreveu sobre como o seu irmão mais velho tentou inspirar em seus irmãos mais jovens o amor pela criação, instando-os a "olhar através da natureza" para a mão do Todo-Poderoso que fez todas as coisas e é glorificado nelas. Os versos a seguir refletem tanto o seu fascínio com a natureza quanto a sua compreensão da limitação da revelação natural, mostrando o seu anseio pela comunhão com Jesus, Deus Criador:

My God, I love and I adore:
But souls that love would know thee more.
Wilt thou for ever hide, and stand
Behind the labours of thy hand?
Thy hand unseen sustains the poles
On which this huge creation rolls…

Beyond the golden morning-star!
Fain would I trace th'immortal way,

That leads to courts of endless day,
Where the Creator stands confess'd,
In His own fairest glories dress'd.
Some shining spirit help me rise,
Come waft a stranger through the skies;
Bless'd Jesus, meet me on the road,
First offspring of th'eternal God,
Thy hand shall lead a younger son,
Clothe me with vestures yet unknown,
And place me near my Father's throne.[44]

[Senhor meu Deus, por mim estimado e adorado:
Conhecer-te podem só almas que o tem amado
Irás tu para todo sempre te esconder,
E atrás das obras de tua mão permanecer?
Sustenta os polos a tua invisível mão
Sobre os quais revolve esta extensa criação…

Além da dourada estrela da manhã!
Feliz percorrerei teu caminho imortal,
Que dirige aos átrios do dia sem final,
Onde o Criador manifesto permanece,
E de suas mais belas glórias se reveste,
Um espírito de luz me ajudará a alçar,
Um estranho pelos céus fará flutuar;
Encontre-me no caminho, Jesus bendito
O primogênito do Deus infinito.
Tua mão um filho mais novo guiará,
Com vestes desconhecidas me cobrirá,
Próximo ao trono de meu Pai me deixará.]

Estes dois anos foram, sem dúvida, um momento crítico na vida do jovem Watts: reentrando na vida familiar, reestabelecendo sua relação com

o pai, lutando e atracando-se com ideias iluministas, separando o que as Escrituras ensinavam acerca de muitos assuntos, contemplando o que ele haveria de fazer com sua vida, e orando por orientação divina nas próximas etapas.

Desconhecido para Watts, na véspera do século dezoito, a grande era da dúvida e ceticismo, ele estava sendo preparado por Deus para ser o pai da grande era dos hinos. Enquanto adorava com sua família na Capela Congregacional Above Bar e torcia o nariz diante do canto das estranhas versões dos Salmos, talvez os seguintes versos tenham começado a se formar em sua mente:

> Our lives through various scenes are drawn,
> And vexed with trifling cares;
> While thine eternal thought moves on
> *Thine undisturbed affairs.*[45]
>
> [Nossa vida é arrastada através de eventos,
> E atormentada com triviais cuidados;
> Enquanto seguem teus eternos pensamentos
> Em teus assuntos jamais perturbados.]

EDUCADOR E PREGADOR

Em 1696, ele foi chamado para ser um tutor na casa do rico e influente não-conformista John Hartopp. Lá, Watts aprendeu uma habilidade importante e rara: como descer das alturas da investigação filosófica para o nível de compreensão de uma criança. Durante seu trabalho como professor particular, Watts escreveu sua clássica obra sobre a lógica e continuou escrevendo hinos.[46]

Em seu vigésimo quarto aniversário, em 17 de julho de 1698, Watts foi chamado para pregar na Capela Mark Lane, um dos púlpitos mais influentes em Londres. A congregação, que havia diminuído sob o inepto

ministério do Dr. Isaac Chauncey, teve prazer na pregação suave, porém apaixonadamente persuasiva do jovem. Dentro de um curto espaço de tempo, ele foi chamado para pregar toda semana, e a frequência cresceu de setenta e quatro para mais de quinhentas pessoas nos anos de seu ministério.[47]

UMA VIDA DE DOXOLOGIA

Durante o restante de sua vida, Watts sofreu de febre baixa e várias doenças, mas em 1712 ele se tornou tão doente que não era mais capaz de pregar. Convidado a visitar a propriedade suntuosa de Sir Thomas Abney, que fora prefeito de Londres, Watts foi gentilmente conduzido pela família. O que se destinava a ser uma semana de repouso se transformou em trinta e seis anos. Foram anos produtivos, com Watts escrevendo mais de cinquenta livros sobre diversos assuntos como filosofia, matemática, astronomia e teologia. Estes incluíam um importante tratado sobre a oração, um livro sobre a importância e o método de criação de escolas de caridade cristã, um trabalho sobre o uso e abuso das emoções na adoração, e um diálogo no qual Watts profundamente refuta o Deísmo.

Mas Watts é mais conhecido e amado por seu deslumbre expresso em sua poesia. Ele é lembrado por ter escrito 750 hinos que apareceram em várias publicações importantes durante sua vida. O seu primeiro livro de poesia se chamava *Horae Lyricae. Poems, Chiefly of the Lyric kind [Poemas, Principalmente do Tipo Lírico]* (1706, ampliado em 1709). Provavelmente o seu trabalho mais conhecido, *Hymns and Spiritual Songs, In Three Books [Hinos e Cânticos Espirituais, em Três Livros]*, foi publicado em 1707 e mais tarde ampliado. A sua obra explicada para crianças, *Divine Songs Attempted in Easy Language for the Use of Children [Canções Divinas Cantadas na Linguagem Simples Para o Uso de Crianças]*, foi publicada em 1715. A polêmica interpretação de Watts dos Salmos apareceu pela primeira vez

em 1719: *The Psalms of David Imitated in the Language of the New Testament, And apply'd to the Christian State and Worship [Os Salmos de Davi Seguindo a Linguagem do Novo Testamento e Aplicados à Condição e Adoração Cristã]*. O melhor dessas obras poéticas concedeu, com justiça, a Watts o título de "Pai da Hinódia Inglesa".

Watts morreu em paz em 25 de novembro de 1748 em seu lar adotivo com a família Abney. Ele está enterrado no Bunhill Fields, o cemitério não-conformista de Londres.[48]

Olhemos mais de perto agora as etapas da vida de Watts durante as quais ele escreveu seus hinos. Ao fazermos isso, tentaremos descobrir as circunstâncias e a inspiração por trás do deslumbramento evidente nas melhores de suas obras poéticas.

WATTS: UM MODELO PARA TODAS AS ÉPOCAS

Enquanto a igreja faz uma busca, tentando descobrir como devemos ser igreja, como devemos adorar e, particularmente, como devemos cantar em nossa adoração, Watts pode nos fornecer uma âncora poética e teológica. "O Pai da Hinódia Inglesa" nos dá a combinação perfeita que todos na igreja deveriam estar se esforçando para alcançar: paixão e sentimento fundamentados em bases teológicas sólidas.

Como outros ao longo dos tempos, Watts nos dá tanto a cabeça quanto o coração da adoração cantada; ele nos ajuda a pensar e a sentir em nosso canto. Para os cristãos cerebrais que querem a cabeça, mas ignoram o coração, Watts desnuda o coração da adoração. Para aqueles que querem o coração, mas ignoram a cabeça, Watts adorna de forma encantadora a beleza da pureza doutrinária; ele revela os fundamentos teológicos do evangelho de formas ricas que renovam nossas mentes e despertam gratidão e amor pelo Salvador.

Minha esperança e oração é que este estudo sobre a vida de Watts seja conhecido e sentido por ser intensamente relevante acerca do que *e* como devemos cantar no culto hoje e ao longo dos tempos.

CAPÍTULO 2

Watts como Educador

Qualquer pessoa que já tenha estado desempregada se simpatizará com a tendência à ansiedade angustiante que deve ter tentado Watts durante os mais de dois anos que passou em casa após completar sua educação universitária. Ao contrário de muitos que vivenciaram circunstâncias semelhantes, Watts parece ter passado muito menos tempo roendo as unhas e muito mais tempo orando e estudando a Bíblia.

No momento em que provavelmente começou a questionar se Deus tinha algum papel para ele, se ele algum dia conseguiria um emprego, uma carta chegou. Foi-lhe oferecido um cargo de professor particular para o único filho e as seis filhas de Sir John Hartopp e sua esposa, Elizabeth. Assim, em 15 de outubro de 1696, Watts fez o seu caminho de volta para Newington. O período no piedoso lar dos Hartopps em Londres acrescentaria outra camada formativa em sua preparação para o trabalho de sua vida: a elaboração de hinos para todos os cristãos cantarem a Deus em adoração pública.

Em seu novo emprego, Watts foi, com efeito, tomado sob o patrocínio de uma família rica e influente. Aqui, ele seria obrigado a tornar todo o seu aprendizado acessível e prático ao ensinar as crianças e estaria novamente no círculo dos pregadores mais proeminentes daquele tempo. Além disso, dessa maneira ele teria tempo para continuar seus estudos e escritos.

A casa Hartopp, a despeito de toda a sua riqueza e influência, era acima de tudo um lar cristão liderado por um homem cristão profundamente devoto. Watts escreveu sobre ele:

Quando eu menciono Sir John Hartopp, todos que o conheciam concordarão que eu cito um cavalheiro, um estudioso e um cristão. Ele possuía um gosto pela aprendizagem universal. Mas o Livro de Deus era o seu principal estudo e sua mais divina alegria; sua Bíblia estava diante dele dia e noite... suas portas estavam sempre abertas, e a sua conduta era sempre amigável e cortês para com os ministros do Evangelho. Ele era um refúgio presente para os oprimidos. Ele frequentemente conduzia sua família na adoração noturna no dia do Senhor com excelente discursos.[1]

Watts descreveu como, durante estes discursos, o venerável patriarca do lar Hartopp era muitas vezes tomado pela emoção ao falar da graça do evangelho. Seus olhos se enchiam de lágrimas e sua "voz embargava, e então havia uma solene pausa e silêncio".[2]

Embora Watts tenha anotado 17 de julho de 1698, o seu vigésimo quarto aniversário, como a primeira vez em que pregou publicamente um sermão diante de uma sofisticada congregação de Londres, as evidências sugerem que Hartopp o tenha convidado para dar estudos sobre a Palavra de Deus diante de sua família. Mas o seu trabalho diário era o de ensinar as crianças. Como um estudioso brilhante que havia se tornado, Watts amava ensiná-las. Não havia nada de desagradável em suas tarefas para com o jovem John Hartopp e suas irmãs. Em vez disso, ele pensava no ensino como uma nobre vocação e escreveu: "Que maravilhoso é ver um professor esperando pacientemente por aqueles que ainda são lentos de compreensão, e tomando o tempo e esforço devidos para fazer o aluno conceber o que ele quer dizer, sem censurá-lo por sua fraqueza".[3]

Diante de uma reunião de professores, Watts instou-lhes a mostrar a beleza do evangelho cristão em todos os seus ensinamentos:

A juventude é o tempo de aquisição de conhecimento e, como você tem a importante tarefa de instruir alguns da nova geração, permita-me lhe suplicar para que você faça tudo quanto for possível para que seus alunos amem as belezas da religião. Ensine-os que a religião não possui nada em si de natureza tenebrosa, pois como pode ser tenebroso aquilo que leva aos prazeres eternos?[4]

Quanto mais se lê Watts e outros puritanos, mais ilusória se torna a caricatura persistente do puritanismo enquanto uma religião severa e carrancuda. Essa falsa deturpação foi perpetrada por homens como o jornalista H. L. Mencken, que definiu o puritanismo como "O medo assombrado de que alguém, em algum lugar, esteja feliz".[5] Tal desconstrução não conta com a alegre piedade do puritano Watts, como se viu ao longo de sua vida e escritos.

PRIMEIROS ESCRITOS

Os anos de Watts enquanto professor de crianças seriam de grande valor para ele ao escrever seu livro *Divine Songs for Children [Canções Divinas Para Crianças]* e ao pregar diante de uma congregação que era composta de muitas crianças. Enquanto ensinava os filhos de Hartopp, ele desenvolveu um guia para o ensino de linguagem artística: gramática, redação, leitura e interpretação de literatura; este foi publicado em 1721 como *The Art of Reading and Writing English [A Arte de Ler e Escrever em Inglês]*. No intervalo das aulas com as crianças, ele também escreveu porções significativas de sua obra *Improvement of the Mind [Aperfeiçoamento da Mente]*, em que argumenta, entre outras coisas, a favor da memorização regular e sistemática da literatura, mas especialmente da Sagrada Escritura.[6]

Watts também continuou com suas investigações sobre as questões filosóficas de peso, especialmente aquelas relacionadas à epistemologia, o

estudo de como o conhecimento é adquirido. O resultado foi que, durante esses anos de tutoria, Watts escreveu um livro definitivo sobre lógica, o qual ele dedicou ao pai de seus alunos, Sir John Hartopp. O livro, intitulado *Logic*, *The Right Use of Reason in the Inquiry After Truth [Lógica, o Uso Correto da Razão na Investigação da Verdade]* e publicado em 1724, tornou-se ironicamente o texto padrão sobre o assunto na Universidade de Oxford e Cambridge,[7] instituições que se recusaram a admitir um não-conformista como Watts.

Por "lógica", Watts não quis dizer o truque inteligente da argumentação retórica por meio do qual um ponto de vista falho pode parecer verdadeiro. Ele usou a palavra *lógica* desta forma negativa em uma tradução do latim de outro poeta, na qual Watts criticou a igreja oficial, que ele denominou:

> *Um guerreiro bem adornado*
> *Em toda a destreza política e educado,*
> *Com os enroscados embaraços da crítica,*
> *As correntes impeditivas e as sutilezas da lógica,*
> *E as azagaias da pena e da língua,*
> *Com a ribombante ordenança dos concílios e cânones,*
> *E toda a artilharia das escolas e becas.* [8]

Em seu livro *Lógica*, Watts estava interessado em quebrar as "correntes impeditivas e as sutilezas" e, desse modo, equipar seus alunos a levar "cativo todo pensamento, à obediência a Cristo". Watts desgostava profundamente das "discussões barulhentas e furiosas" em que "várias facções" de cristãos estavam envolvidas em seu tempo, e desprezou a oratória que era usada para esconder a verdade e obscurecer as verdadeiras questões em discussão. "Estou muito pouco disposto a contender em uma disputa. Sofisma e oratória lançam tanta tinta sobre a questão em discussão ou levantam tanta poeira ao seu redor, como para ocultar a verdade do olho da mente e esconder da razão os méritos da causa".[9]

Deus não planejou que os homens usassem a mente e a língua como meios para lançar tinta e levantar poeira sobre a razão. Em *Lógica*, Watts se propôs a dar a seus alunos as habilidades racionais para esclarecer o que ele acreditava que outros trabalharam para obscurecer. Seu método de ensino é visto no que ele escreveu sobre o papel da lógica na aquisição da verdade: "*Veritas in puteo*", isto é, "A verdade encontra-se em um poço". Ele acrescentou: "A lógica fornece-nos etapas por meio das quais podemos descer e chegar à água".[10] O estudo formal da lógica tem passado por tempos difíceis em nosso mundo. Mas aqueles que dominam a *Lógica* de Watts estarão muito melhor equipados para desmascarar pensamentos maus, para ver as ciladas do diabo antes que elas os atinjam. Watts argumentou que estudar lógica ajuda o homem a expor o "fingimento e as cores falsas em que muitas coisas aparecem para nós neste estado presente imperfeito".[11]

PASSANDO ATRAVÉS DA ENGANAÇÃO

Para Watts, estudar lógica não era um mero exercício acadêmico, em que se engaja como um fim em si mesmo. Uma vez que Satanás está no ramo da enganação, Watts escreveu que a estratégia do diabo é fazer com que "a desonestidade se mascare de justiça; o engano e o mal estão frequentemente vestidos das formas e aparências da verdade e bondade". Watts viu a lógica como uma maneira de auxiliar homens a desmascarar o engano: "A lógica nos ajuda a retirar o disfarce externo das coisas, e a enxergá-las e julgá-las em sua própria natureza".[12]

Imagina-se que verso satírico Watts escreveria sobre a desonestidade dos meios de comunicação, políticos e elites educacionais que fazem de sua tarefa diária o desafio da lógica e do discurso racional. Considere, por exemplo, a conclusão declarativa do colunista Anthony Lewis do *The New York Times* acerca das pessoas, tais como os cristãos, que acreditam que há

coisas sobre as quais podemos e devemos estar absolutamente certos: "A certeza é o inimigo da decência e da humanidade".[13] Watts, sem dúvida, orientaria o jovem John Hartopp em explicitar a lógica falha usada por este jornalista americano importante. Ele exporia o problema básico com a declaração absoluta cética de Lewis: ele está *certo* de que está correto sobre os males da certeza.

A *Lógica* de Watts ajudará os jovens a aprender a enxergar através do absurdo de amorais que afirmam deter o alto nível intelectual, mas quem precisam tomar emprestado argumentos morais absolutos para defender seu território. Watts seria gracioso, tenho certeza, mas ele teria pouco tempo para aqueles que fazem afirmações absolutas condenando pessoas por serem absolutas em suas posições. Ele provavelmente escreveria:

> I hate these shackles of the mind
> Forg'd by the haughty wise.
>
> [Esses grilhões da mente por mim odiados
> *São pelos sábios arrogantes forjados.]*[14]

Ele, sem dúvida, teria concordado com um Lewis muito melhor – CS Lewis – que, em seu clássico de Nárnia, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, mostra o professor fulminar o pensamento desordenado das crianças Pevensie: "Lógica! Por que eles não ensinam lógica nessas escolas?"[15] Watts concordou e produziu um clássico perene sobre lógica, recentemente reeditado e disponível para ajudar a nova geração a dominar a arte do raciocínio claro.

Em meio a esses anos felizes e produtivos de ensino, estudo e escrita no lar Hartopp, Watts começou a formar um plano para reescrever completamente os salmos em verso e, sob a influência santificadora

daquele lar puritano piedoso, ele foi ainda mais equipado para os seus anos de ministério pastoral, pregação e elaboração de hinos.

WATTS: UMA VISÃO ELEVADA DO CANTO

Podemos ser tentados a descartar um homem de tal brilho, de tal gênio acadêmico. Como Watts pode ser relevante para nossas vidas? Como pode um homem escrevendo um livro definitivo sobre a lógica ter voz em nossa época? Será que ele não seria apenas cabeça e nenhum coração?

Mas observe como Watts foi moldado por sua vocação como educador. Nós tendemos a pensar que os alunos são aprendizes, enquanto os educadores já sabem tudo. Este é um erro significativo. O chamado providencial de Watts como tutor de um pequeno punhado de crianças em uma casa foi um meio de moldar e aperfeiçoar o seu conhecimento de como sua mente trabalhava e de como as mentes de outras pessoas funcionavam – neste caso, as mentes das crianças. Esta seria uma aprendizagem essencial para o seu futuro chamado.

Assim é com todos nós. Quaisquer que sejam os nossos dons e chamados, eles são de muito pouca utilidade sem o conhecimento certo de nós mesmos e dos outros.

Embora ele possa não ter compreendido isso totalmente na época, Watts enquanto professor estava sendo preparado para o seu legado hinológico. Ele pode ter encontrado a si mesmo impaciente com a desconfortável imaturidade das crianças Hartopp, frustrado e desanimado com o seu progresso vacilante. Mas então, pela graça de Deus, a sua imaginação veio com um plano para desenhar uma imagem poética, para encantá-los com uma comparação imaginativa a fim de que pudessem apreender o conhecimento que ele lhes queria transmitir. Isso é precisamente o que Watts mais tarde faria de forma significativa e eficaz em sua poesia.

Embora poucos de nós sejamos dotados e chamados como Watts foi para começar uma revolução do cantar no culto cristão, todos nós estamos sendo moldados pelo cuidado paternal e sábia providência de nosso amoroso Pai celestial. Tal como com Watts, Deus tem um papel para cada um de nós no corpo de Cristo e no mundo. Qualquer que sejam as frustrações que encontramos nas fases de nossas vidas, como aconteceu com Watts, Deus está lá, trabalhando o seu plano perfeito para nos preparar para o nosso chamado e as provações à frente nesses chamados.

Na próxima fase da vida de Watts, ele enfrentará uma de suas provações mais árduas, e encontrará graça para ajudar em seu momento de necessidade, graça que produziu beleza duradoura em sua poesia.

CAPÍTULO 3

Hinos-Sermões de Watts

"Eu preferiria ser o autor de *Chamado aos Não Convertidos* do Sr. [Richard] Baxter do que o autor de *Paraíso Perdido* de [John] Milton", escreveu Isaac Watts.[1] Para um homem de letras, um poeta muitas vezes comparado a Milton, Watts aqui esclarece de forma bela suas prioridades tanto como pregador quanto poeta.

Enquanto vivia e ensinava na casa da família Hartopp, Watts se familiarizou com uma congregação não-conformista em Mark Lane, Londres. Hoje, Mark Lane é uma rua próxima à Torre de Londres repleta principalmente de edifícios com aquela arquitetura pasteurizada do século vinte, mas nos dias de Watts, era parte de um bairro elegante composto por belas fazendas de comerciantes de vinho e milho. O célebre jornalista Samuel Pepys, contemporâneo de Watts, que estava "escrevendo uma história sem saber",[2] era um membro regular da alta sociedade de Londres nas casas de Mark Lane.

O púlpito da Capela de Mark Lane havia sido ocupado por alguns dos homens mais eminentes da Inglaterra do século dezessete, sob os quais a congregação havia florescido e crescido. O teólogo da Assembleia de Westminster Joseph Caryl, que morreu no ano anterior ao nascimento de Watts, havia começado a igreja e sido sucedido por John Owen, o "Calvino da Inglaterra". O comentarista da Confissão de Westminster David Clarkson seguiu Owen, e então veio o Dr. Isaac Chauncey. Tem sido dito

que devido à “apatia de Chauncey no púlpito e sua falta de tato fora dele”,[3] Mark Lane, que havia desfrutado durante tanto tempo o melhor dos pregadores puritanos, começou a decair.

Watts havia começado a ganhar experiência no púlpito. Ele havia pregado na igreja paroquial em Freeby, Leicestershire, onde os Hartopps mantinham uma casa de campo, e também havia pregado na Capela Above Bar em Southampton, a congregação de sua infância.

Em um Dia do Senhor, quando Watts estava frequentando o culto na Capela Mark Lane com os Hartopps, Sir John apresentou-o à congregação. Como resultado, Watts foi eventualmente convidado a pregar a esta influente congregação em Londres, como se viu, em seu vigésimo quarto aniversário. Sua mensagem foi recebida com entusiasmo e ele foi convidado a pregar novamente. Talvez o Dr. Chauncey fosse um médico melhor do que era pastor e pregador.

As coisas pioraram quando surgiu uma controvérsia sobre a natureza da disciplina na igreja, durante a qual Watts foi convidado a pregar mais uma vez. Em 1698, Watts foi convidado a substituir o pastor assistente, que estava se aposentando. Logo Watts estava pregando quase todo domingo de manhã, enquanto Chauncey continuou pregando à tarde.[4] Nunca se ouviu Watts criticar seu ministro sênior, e dele, ele ganhou uma conexão duradoura com as colônias americanas, onde o pai de Chauncey havia sido presidente de Harvard de 1654–1671. Como resultado desta ligação, Watts manteve correspondência com Cotton Mather e outros ministros da colônia ao longo de sua vida.[5]

HINOS-SERMÕES

Quando Chauncey finalmente renunciou em abril de 1701, a congregação havia diminuído para menos da metade de seus números anteriores. No entanto, Watts pregava com uma habilidade expositiva

revigorada, e o seu conhecimento da Escritura lhe permitiu dar ao rebanho uma mensagem compreensível e unificada do evangelho da graça. Além disso, o seu conhecimento e amor pelas crianças, juntamente com sua imaginação fértil, lhe permitiu captar a atenção e a consciência tanto de jovens quanto de velhos que ouviam a sua pregação.

No entanto, Watts estava incapacitado por problemas crônicos de saúde. Em maio, ele deixou Londres para ir a Bath e, em seguida, para sua casa em Southampton, esperando assim recuperar sua força. Muitos na congregação de Mark Lane temiam que ele não fosse capaz de retornar. Mas, em novembro, tendo se recuperado um pouco, ele voltou.

Em 14 de janeiro de 1702, a congregação, "em um consenso", convidou Watts para ser seu ministro. Mas Watts recusou o convite e os "exortou a focar em alguém que pudesse pregar entre eles duas vezes por dia de forma mais constante",[6] o que, segundo ele, a sua saúde não permitiria que fizesse. Ele fez muitas outras objeções, que a liderança da igreja tentou refutar. Isso continuou por alguns meses, mesmo com Watts sugerindo outros três homens que ele tinha certeza de que fariam um trabalho melhor. Finalmente, envergonhado de sua própria persistência em recusar aos seus apelos, ele lhes escreveu:

> Sua perseverança em sua escolha e amor, sua constante declaração de edificação por meu ministério, a grande probabilidade que vocês me mostram de reerguer esta famosa e decadente igreja de Cristo caso eu aceite o chamado, e seus prevalecente temores de sua dissolução caso eu recuse, deram-me motivos para crer que a voz desta igreja é a voz de Cristo.[7]

"Com um grande senso de [sua] própria incapacidade", Watts concordou em se tornar pastor da Capela de Mark Lane, "por quanto tempo Deus me iluminar e fortalecer". Em 29 de março de 1702, como preparação para a Ceia do Senhor, Watts pregou um sermão em 1 Coríntios 10:17, "em que

ele mostrou o quanto a nossa comunhão uns com os outros, bem como com Cristo foi estabelecida e selada nesta grande ordenança", a fim de que sirva "como uma nova aliança com o Senhor e uns com os outros também". O livro de registros da capela, em seguida, diz que, após o jantar eles cantaram "um hino evangélico adequado à ordenança e retirado de Apocalipse 1:5-7".[8] Watts havia escrito o hino para esta ocasião.

Now to the Lord, that makes us know
The wonders of his dying love,
Be humble honors paid below,
And strains of nobler praise above…

To Jesus our atoning Priest,
To Jesus our superior King,
Be everlasting power confess'd,
And every tongue his glory sing.[9]

[Agora, ao Senhor que nos torna conhecidas
Em sua morte as maravilhas de seu amor,
honra humilde seja na terra oferecida,
E no céu estirpes de mais nobre louvor…

A Jesus, nosso Sacerdote que expia,
A Jesus, nosso supremo Senhor,
Confessemos seu poder que não termina,
E toda língua cante seu louvor.]

O funcionário da capela registrou que a congregação cantou "com um só coração e uma só voz a glória de nosso Redentor e nosso grande consolo e alegria".[10] Duas coisas são particularmente notáveis: O texto bíblico para este hino não é retirado de um salmo, e não havia aparentemente nenhum

clamor público contra o seu pastor por violar as restrições da salmodia exclusiva; o clamor surgiria em muitos lugares, mas não aqui na Capela Mark Lane. Watts havia, de maneira cativante, começado a "revolução Watts" na adoração cristã, e o seu povo amava isso. A aconchegante pregação de Watts era notável por sua "profundidade de preparação e resultante maturidade de ensino", e nessa preparação Watts começou um padrão de elaborar hinos que adornassem a mensagem central do texto que seria exposto no sermão. Semana após semana sua congregação bebeu profundamente no poço desses sermões e teve sua imaginação espiritual despertada pelo hino que acompanhava. A presença reduzida foi revertida e, dentro de um curto espaço de tempo, mais de 500 pessoas se reuniram em Mark Lane para ouvir o jovem pregar – e cantar seus hinos. Eventualmente, a crescente congregação foi forçado a se mudar para um local de reunião maior em Bury Street.[11]

PASTOR PREGADOR

Samuel Johnson observou que anteriormente duvida-se da eloquência dos pregadores não-conformistas, que "obscurecido e embotado" a entrega da mensagem, em sua opinião, "por grosseria e deselegância de estilo". Mas Watts, de acordo com Johnson, "mostrou-lhes que o zelo e pureza podem ser expressos e executados por uma dicção polida". Em eminência no mundo literário no próprio tempo de Watts, Johnson nos dá uma perspectiva contemporânea de Watts como pregador e pastor. "No púlpito, apesar de sua baixa estatura, que por muito pouco ultrapassava 1,50 metros, e de não ter sido agraciado com nenhuma vantagem de aparência, ainda assim, a gravidade e decoro de sua elocução tornaram seus discursos muito eficazes". Johnson comparou o fisicamente inexpressivo Watts a um dos oradores principais de Londres e concluiu que Watts era muito superior na "arte da pronúncia".[12]

Um metro e cinquenta de altura? Imagine um Watts verticalmente prejudicado, um homem crescido da altura da minha filha mais velha, subindo ao púlpito para proclamar o evangelho a seu rebanho. A Capela Mark Lane havia se habituado a gigantes naquele púlpito, mas a congregação sabiamente não media o valor de Watts por sua estatura.

Conta-se uma história que revela tanto o quão popular Watts havia se tornado em Londres quanto quão baixo ele era de estatura. Um homem vendo Watts pela primeira vez em um café de Londres expressou espanto e desprezo pelo aspecto inexpressivo de Watts. "Este é o grande Dr. Watts?", questionou. Watts, ouvindo, respondeu com uma quadra de sua *Horae Lyricae*:

> *Were I so tall to reach the pole,*
> *Or grasp the ocean with my span,*
> *I must be measur'd by my soul:*
> *The mind's the standard of the man.*[13]

> [Fosse eu alto a ponto de o polo alcançar,
> Ou segurar o oceano em minha mão,
> Por minha alma deve-se me avaliar:
> Do homem a mentalidade é o padrão.]

Condizente com sua estatura nada imponente, faltava-lhe uma voz de pregador profunda e de comando que pudesse ecoar através das vigas e sacudir as janelas. Sua voz foi descrita como fina e gentil, não desagradável, mas sem força em si mesma. Watts teve que contar com profundidade, substância, imaginação e eloquência santificada em vez de força bruta em sua entrega da mensagem. Ele não fazia muito uso de movimentos das mãos ao falar; Johnson escreveu: "Ele não se esforça para ajudar a sua eloquência por meio de quaisquer gestos". Mas Watts, um

observador atento das pessoas ao seu redor, especialmente de sua congregação, e que, enquanto poeta, compreendeu que "a pausa impacto causa", fez o melhor uso da pausa breve na entrega da mensagem: "Na conclusão de sentenças pesadas, ele dava um tempo, uma breve pausa para o impacto apropriado".[14]

Conhecendo sua própria necessidade de graça e força, Watts nunca subia ao púlpito sem bastante oração. Ele havia aprendido a orar com o seu piedoso pai, que lhe ensinou quando criança "a implorar a Deus para ajudá-lo a orar". Com ternura, seu pai o instruiu na oração, "embora necessite de palavras, se o coração estiver presente, isso é oração, e tal oração igualmente Deus a ouvirá e aceitará." Em público, orando com sua congregação, Watts possuía, como seu pai os chamava, "dons e graças de oração", e foi descrito como "notavelmente distinto, perspicaz, e solene".[15] O próprio Watts descreveu a oração como uma "conversa com Deus lá em cima, enquanto estamos aqui embaixo". Ao assumir as suas funções como pastor de Mark Lane, Watts residia perto da capela com a família de Thomas Hollis. Lá, Watts reservou uma "câmara secreta" para a oração privada, onde regularmente invocava seu grande Deus para inspirar sua pregação e poesia. "Abandone a câmara secreta", escreveu Watts, "e a vida espiritual decairá".[16] Ele também sabia que era impossível para ele pregar e orientar seu rebanho caso, em sua própria vida espiritual, estivesse faltando conversa com Deus.

No início de seu ministério de pregação, Watts escrevia cada sermão, mas ele foi cuidadoso a ponto de não limitar-se unicamente ao texto preparado, "ampliando e alterando-o quando encontrasse inclinação ou ocasião, e isso com a máxima liberdade". Johnson descreve Watts enquanto ele ganhava maturidade como pregador: "Tal era o seu fluxo de pensamentos e sua prontidão da linguagem que, na última parte de sua vida, ele não escrevia seus sermões com antecedência, mas, após ter ajustado os tópicos e esboçado algumas particularidades, confiava no

sucesso do seu poder de improvisação".[17] Talvez Watts tenha descoberto que, ao estudar cuidadosamente o texto bíblico e organizar o seu significado em verso poético em um hino, o significado do texto se tornava tão arraigado em seu entendimento que ele não precisava mais depender de um manuscrito do sermão.

A fraqueza física de Watts trazia desvantagens a ele em seu papel como pastor. Ele era tão amado por sua congregação no púlpito que eles ansiavam por visitas pastorais em suas casas. Watts tentou pregar e fazer visitas pastorais regulares:

> À instrução pública, acrescentou visitas familiares e aplicação pessoal, tendo o cuidado de aproveitar as oportunidades oferecidas pela conversa para difundir e aumentar a influência da religião. Por seu temperamento natural, ele se ressentia facilmente; mas por sua habitual prática estabelecida, ele era gentil, modesto e inofensivo. Sua ternura era nítida em sua atenção às crianças e aos pobres.[18]

Mas sua frágil saúde não lhe permitiria sustentar as frequentes visitas que desejava fazer às casas de seus fiéis. Devido às limitações de sua saúde, em julho de 1703, a congregação, agora muito maior, providenciou um assistente para Watts, Samuel Price, com quem Watts serviu em amizade e respeito mútuo pelo restante de seu ministério.[19]

Esses anos de preparação de sermões exigiram que Watts cavasse a fundo o significado do texto inspirado. Pregar fez com que ele copiosamente cruzasse referências de temas bíblicos, comparasse uma passagem com outra, levasse para o profundo de sua alma a história sagrada, a linguagem figurativa, as comparações imaginativas e as verdades doutrinárias da Bíblia. E ele tinha que ficar diante de sua congregação, composta de ricos e pobres, nobres e comuns, idosos, pessoas de meia-idade, recém-casados, adolescentes e até mesmo crianças e bebês

balbuciando. Poucas coisas poderiam tê-lo preparado para despertar a imaginação de seus ouvintes melhor do que esses anos de exposição e estudo bíblico preciso e cuidadoso.

Os hinos de Watts, não surpreendentemente, foram chamados de sermões rimados.[20] Porque eles eram teologia não diluída transmitida à mente e ao coração através da imaginação poética e deslumbramento talentoso de Watts, o seu povo – e todos os que cantam os hinos de Watts nos dias de hoje – estava deslumbrado com o esplendor de Cristo e do Evangelho. Por meio de seus hinos, seu rebanho apreendeu a verdade bíblica com mente e espírito. A teologia de Watts tornou-se a teologia deles; a doxologia de Watts tornou-se a doxologia deles.

WATTS: FIDELIDADE DO EVANGELHO NA FRAQUEZA

Qualquer que seja a fraqueza e inadequação que Watts enfrentou, ele encontrou graça para ajudar em tempo de necessidade. Quer fosse ser prejudicado verticalmente ou lidar com uma doença crônica e dor, Watts manteve os olhos no que era mais importante. Talentoso como era, ele não se importava nem um pouco em ser conhecido como um grande poeta; ele queria que sua vida fosse um reflexo da graça do Evangelho. Ele estava determinado a usar os seus dons para dar a conhecer aos outros as glórias do Salvador e o perdão dos pecados encontrado somente em Cristo.

O seu chamado e o meu são muito diferentes daquele de um homem com o gênio de Watts. Não há dúvida sobre isso para a maioria de nós. Quem de nós, no entanto, não sentiu a fraqueza e inadequação que Watts sentia diariamente? No entanto, ele foi capacitado pela graça a persistir na fidelidade do evangelho através de tudo isso. E ele nos deixou seus hinos-sermões, compostos enquanto ele suportava pontadas de dores de cabeça e

tentava permanecer em seu papel como subordinado de um ministro que ele sabia não ser um pregador eficaz.

Watts é um modelo de como um cristão vive e atua em um mundo nada perfeito. Ele mostra como cristãos comuns devem buscar ao Senhor em fervorosa oração, e, assim, encontrar esperança nas aflições e confusões da vida em um mundo quebrado, aquele que é gloriosamente temperado pela graça e beleza do evangelho de Jesus Cristo.

CAPÍTULO 4

Watts como Poeta Lírico

Por meio de amigos não-conformistas em comum influentes em Londres, Isaac Watts conheceu Sir Thomas Abney, que possuía uma casa suntuosa em Highgate Hill, Londres, e outra, a Abney House, na elegante Newington, onde Watts havia estudado. Os Abneys e Watts forjaram uma amizade imediata, e Abney, que era prefeito de Londres, nomeou Watts como seu capelão.

Apesar de ter aderido voluntariamente ao Não-conformismo, era exigido que Abney, como prefeito, ocasionalmente se sujeitasse ao anglicanismo participando da ceia em uma igreja oficial. Da mesma maneira que possuía um grande respeito por seu professor anglicano, o Rev. John Pinhorne, Watts não parecia ter nenhuma dificuldade com a sujeição ocasional de Abney à comunhão Anglicana. Watts sempre tentou encontrar a maior unidade possível entre as pessoas com quem diferia, como visto em sua proposta para unir congregacionais e batistas, oferecendo desistir da doutrina do batismo infantil se seus irmãos batistas desistissem da imersão. Eles não desistiram. (É possível que Watts tenha previsto esse resultado e, assim, ele estava correndo menos risco teológico com a proposta do que pode parecer).

Infelizmente, outros não-conformistas não eram tão tolerantes com a prática de Abney. Eles publicaram panfletos críticos a respeito da sua inclinação dupla e sugeriram que Abney permanecesse em sua casa

cantando “Salmos em Highgate Hill” e “separando textos com a sua figura diminuta de capelão”. Daniel Defoe, autor de *Robinson Crusoe*, juntou-se aos críticos e chamou a sujeição de Abney de “um-jogo de esconde-esconde com o Deus Todo-Poderoso”.[1]

Durante este tempo, Watts sofreu quase que continuamente de um distúrbio do estômago e de dores de cabeça frequentes. Ele tentou diversas formas de cura, inclusive indo a Bath e Tunbridge, e fazendo visitas à casa de campo em Southampton. Na esperança de que o ar fresco e o exercício ajudassem, ele comprou até mesmo um cavalo, no qual cavalgou mais de mil quilômetros em cinco meses. Houve breves períodos de algum grau de alívio, mas nunca uma cura. Sempre a doença voltou, e quando voltava, Watts achava dificultoso pregar.[2]

Durante um dos ataques de Watts com a enfermidade, ele foi convidado para ir a Abney Park para recuperar sua saúde. Abney Park foi uma das mais belas propriedades dos puritanos bem-sucedidos em Londres. Tinha uma estrutura antiga semelhante a um castelo, uma casa mais nova construída com tijolo no estilo neoclássico e vastos gramados e jardins bem aparados cercados por teixos e cedros. Watts pretendia ficar por duas semanas, mas ele permaneceu – por insistência de seu anfitrião – durante a maior parte dos trinta e seis anos. Ele continuou a cavalgar para a cidade e pregar à sua congregação, quando era capaz, mas sempre voltava a Abney Park para descansar e escrever.

Ali, em meio aos jardins bem cuidados, os lagos ornamentais, o santuário de pássaros e a colina proeminente, Watts encontrou inspiração para sua escrita, especialmente para sua poesia. Devido ao seu hábito de subir a colina, observar toda a propriedade de cima e escrever, mais tarde ela foi chamada de Monte Watts.[3]

PRIMEIROS POEMAS PUBLICADOS

Em 1705, com o incentivo de seu irmão Enoch e outros, Watts publicou sua primeira coletânea de poemas, *Horae Lyricae* ou *Horas* Líricas. O volume foi dividido em três livros: o primeiro deles continha poemas para devoção e piedade; o segundo, poemas sobre a virtude, honra e amizade; e o terceiro, poemas à memória dos mortos.[4] Em seu prefácio, Watts deixou claro que, embora alguns possam considerar a obra como sendo poesia secular, ele não tinha intenção alguma de desonrar a Deus com o volume: "Entre as canções que são dedicadas ao amor divino, acho que posso ser ousado ao afirmar, que nunca compus uma linha delas com qualquer outro objetivo senão o aplicado aqui; tenho me esforçado para assegurá-las todas de não serem pervertidas e adulteradas para o prazer lascivo".[5]

Assim, apresentando o seu pedido de desculpas em prosa, Watts começou, em versos, a condenar a "mítica musa da arte" e a clamar autenticidade sincera para sua poesia:

> Regard the man, who, in seraphic lays,
> And flowing numbers, sings his Maker's praise: He needs invoke no fabled muse's art,
> The heav'nly song comes genuine from his heart.[6]
>
> [Atente-se, pois, para o homem, que com cânticos angelicais E versos harmoniosos, ao seu Criador louvores traz: De mítica musa da arte ele não precisa da invocação, A canção celeste flui genuinamente de seu coração.]

Em uma sociedade que, indiscutivelmente, valorizava o gênio literário acima das outras artes, *Horae Lyricae* estabeleceu Watts nos círculos literários como um poeta de primeira ordem. No entanto, alguns críticos argumentam que Watts foi um poeta muito melhor ao escrever hinos e mostram evidência de alguns dos "vícios" literários da época em *Horae Lyricae*. Ele foi criticado por "abandonar a simplicidade e a natureza, e

seguir modelos artificiais, buscando arduamente uma dicção afetada",[7] todas as coisas que ele raramente fazia em seus hinos.

ATINGIDO POR UM ADMIRADOR

Como acontece com as obras de autores populares, a *Horae Lyricae* de Watts começou a atrair cartas de fãs. Uma das cartas veio de uma jovem mulher, Elizabeth Singer, ela própria uma poetisa. Seu pai era um amigo de Tomás Ken, autor dos hinos Matutinos, Vespertinos e Noturnos, todos os três terminando com a doxologia bem conhecida "Louvado seja Deus, de quem fluem todas as bênçãos". Ken havia encorajado os interesses poéticos de Elizabeth e instou-lhe a começar a versificação de Jó 38.[8]

Elizabeth escreveu a Watts uma carta de fã versificada em que ela, talvez um pouco indiscretamente, disse que a sua poesia sobre o amor fez com que ela esquecesse todos os seus outros pretendentes e deu-lhe um profundo desejo de conhecê-lo. Quando se conheceram, Watts, que havia se imaginado acima da suscetibilidade ao amor romântico, foi atingido. De pé diante dele estava uma linda mulher de cabelos ruivos reluzentes, olhos azuis brilhantes e uma aparência agradável com, como Watts a descreveu, um "rubor encantador" nas bochechas. Seu comportamento era gracioso, e sua voz, "harmoniosamente doce". Ela tinha exatamente a idade de Watts e, além disso, não era muito alta. O que ela viu foi outra coisa: "Diante dela estava alguém que era sequer um minimamente apresentável homem inglês, mas antes um homem minúsculo, de anatomia doentia, com nariz adunco, maçãs do rosto salientes, semblante pesado, tez pálida e pequenos olhos cinzentos".[9]

Watts, no entanto, não estava prestes a deixar a oportunidade passar por ele. Este homem de eloquência, o célebre poeta de *Horae Lyricae*, havia dado dicas de seus anseios "por felicidade social", isto é, pelo casamento:

Give me a blessing fit to match my mind,

A kindred soul to double and to share my joys.[10]

[Dá-me um par abençoado para minha mente acompanhar,
Uma alma semelhante para minhas alegrias aumentar e compartilhar.]

Ele tinha certeza de que a mulher bonita diante dele devia ser o cumprimento desses anseios. Portanto, ele formulou suas palavras e se preparou para propor casamento a ela. Mas quando ele o fez, Elizabeth recusou suavemente, mas com franqueza. "Sr. Watts", ela disse, "eu gostaria apenas de poder dizer que admiro tanto a concha quanto admiro a joia".[11] Ela não podia se ver casada com um homem cuja joia, cujo beleza poética interior, era envolta por uma concha tão pouco atraente.

Watts pode inadvertidamente ter expressado um pouco de sua perdoável decepção por ter sido menosprezado pela Srta. Singer em um hino intitulado "Amor às Criaturas Perigosas", como visto nestas estrofes representativas:

How vain are all things here below!
How false, and yet how fair!
Each pleasure hath its poison too,
And every sweet a snare.
The brightest things below the sky
Give but a flattering light;
We should suspect some danger nigh
Where we possess delight.

The fondness of a creature's love,
How strong it strikes the sense!
Thither the warm affections move,
Nor can we call them thence.[12]

[Quão vãs as coisas no mundo terreno!

Quão atraentes, e, no entanto quão erradas!
Cada prazer traz também seu veneno,
E com cada doçura, uma emboscada.

Debaixo do céu, as coisas mais brilhantes
Dão uma luz lisonjeira e nada além;
Deve-se suspeitar de perigo adiante
De onde deleite se obtém.

Do amor de uma criatura, a afeição
Quão forte nossos sentidos abala!
Longe nossas ternas afeições vão,
E tampouco podemos resgatá-las.]

Nós sentimos nestes versos o quão profundamente os próprios sentidos de Watts haviam sido atingidos por Elizabeth e quão difícil deve ter sido para ele separar os seus afetos românticos de sua beleza. Watts e a Srta. Singer, no entanto, conseguiram manter-se amigos à distância e mantiveram uma correspondência ativa ao longo de suas vidas. Aos trinta e cinco anos, ela se casou com o sobrinho (que tinha vinte e dois) do instrutor de Watts, Thomas Rowe[13]; Watts nunca se casou. Ele concluiu seu poema de amor rejeitado em consonância com sua perspectiva centrada em Cristo em toda a sua vida:

Dear Savior, let thy beauties be
My soul's eternal food. [14]

[Caro Salvador, deixa tua beleza ser
O alimento eterno de meu ser.]

Sua próxima coleção de poemas publicada manteria ainda mais claramente as belezas de seu querido Salvador diante dele e das mentes e corações de seus leitores.

WATTS: USANDO OS DONS PARA UM PROPÓSITO MAIS ELEVADO

Como um poeta lírico, Watts certamente foi tentado a reorganizar suas prioridades, clamando pela adulação do mundo literário com sua pena. Mas este episódio em sua vida demonstra que a graça prevaleceu, e, assim, ele persistiu em manter seus olhos em Jesus ao usar os seus dons.

A determinação de Watts em fazer tudo para a glória de Deus, até mesmo escrever poesia lírica não especificamente destinada a cantar os louvores de Deus, pode ajudar a grande maioria dos cristãos que trabalham diariamente em chamados seculares. Quer você seja um fazendeiro ou um presidente de empresa, um operário ou um acadêmico, uma mãe ou um editor-chefe, você, como Watts, quer que seu trabalho traga honra ao nome de Cristo.

Além disso, como Watts experimentou, quem de nós não teve decepções de um tipo ou de outro? Em alguns casos, elas podem ser pequenos contratempos, em outros, como o foi para Watts, podem ser decepções que alteram profundamente as nossas esperanças e sonhos para o resto de nossas vidas. Atingido pelo amor por uma mulher com quem ele jamais poderia se casar, Watts seguiu em frente, acreditando que Deus tinha ordenado o bem para sua vida, independentemente da decepção e solidão pela qual ele estava passando.

Assim é para cada um de nós. Tal como Watts, nós vemos apenas vagamente através dos mistérios confusos da vida. No entanto, como Watts fez, apenas pela graça, nós também podemos saber e crer que Deus separou as nossas vidas para a sua glória e para o nosso bem. E firmes na fé, encorajados pelo amor divino, nós também podemos ver através da escuridão e cantar os louvores de nosso Salvador, que passou por angústias muito mais profundas do que Watts ou algum de nós algum dia suportará.

CAPÍTULO 5

Watts como Hinólogo

O renomado hinologista Erik Routley disse a respeito de Isaac Watts, "De todos os nossos hinólogos, ele escalou as maiores alturas e sondou os abismos mais sentimentais".[1] Embora Bernard L. Manning tenha considerado Charles Wesley um artista poético mais grandioso, ele disse que a poesia de Watts "é pura e transparente", e comparou a "qualidade mágica em seu verso" a de John Milton e Dante Alighieri. Ele atribui o crédito por trazer o canto de volta à congregação de língua inglesa unicamente a Watts: "Todos os escritores de hinos posteriores, mesmo aqueles que superam [Watts], são seus devedores".[2] Existem muitas razões para isso, mas uma bastante clara é que Watts começou a trabalhar em sua habilidade em uma idade precoce.

Em 1707, o trigésimo terceiro ano de Watts, ele já vinha escrevendo hinos por mais da metade de sua vida. Desde o seu primeiro trabalho quando adolescente até os hinos expositivos e biblicamente mais maduros do seu ministério pastoral na Capela Mark Lane, Watts havia escrito 210 hinos juntamente com doze doxologias curtas. Sua primeira edição de *Hinos e Cânticos Espirituais* (1707) foi recebida com entusiasmo por congregações não-conformistas, primeiramente na Inglaterra, mas logo em seguida nas colônias americanas. Watts expandiu sua coleção de hinos em 1709 para incluir 345 hinos e quinze doxologias curtas. Significativamente, uma das doxologias era para ser cantada em louvor à

Trindade; ela incluía versos que aparentemente resolviam as lutas intelectuais de Watts com a natureza trina de Deus:

Where reason fails
With all her powers,
There faith prevails
And love adores.[3]

[Onde a razão esmorece
Com todo o seu vigor,
Ali a fé prevalece
E, enfim, adora o amor.]

Eventualmente, Watts escreveria por volta de setecentos hinos, dos quais a maioria dos hinários inclui apenas vinte ou trinta. Sendo franco, muitos de seus hinos são desajeitados e brutos. Porém, Wesley escreveu seis mil hinos, e nós cantamos ainda menos hinos dele do que de Watts. Watts foi o pioneiro; ele estava se lançando em abismos poéticos e litúrgicos inexplorados. Como um crítico colocou: "Deveríamos esperar que ele fizesse muitos experimentos falhos e tentasse muitos arranjos antes de encontrar o melhor. Somente em algumas ocasiões podemos esperar que ele tenha sido bem-sucedido".[4]

Watts trabalhou sob diversas desvantagens, algumas impostas por si mesmo, outras que lhe foram impostas. Ele era um gênio literário, no entanto, limitou-se conscientemente a escrever poesia para que todos pudessem cantar na adoração a Deus – crianças, pobres, ignorantes e aqueles sem formação musical. Ele limitou-se a escrever somente em métricas simples e melodias existentes familiares às congregações. Além disso, ele sempre tentou fazer com que sua poesia fosse viável no método de canto *lining-out*, em que o líder cantava um verso e a congregação repetia após ele, e assim por diante ao longo do hino.[5] Críticos que não

tomam essas restrições em conta desqualificam suas opiniões sobre Watts e são inúteis para formar a nossa própria.

Os cristãos têm sido tanto elogiados quanto vilipendiados por seu canto. Quando ainda incrédulo, Agostinho chorou ao ouvir cristãos cantando hinos, "tocado em seu próprio âmago pelas notas cantadas tão docemente pela Igreja".[6] Por outro lado, em uma carta datada de 7 de dezembro de 1950, C. S. Lewis escreveu: "Eu detesto naturalmente quase todos os hinos; o rosto e a vida da faxineira no banco ao lado que se deleita neles, ensinam-me que o bom gosto na poesia ou música não são necessários à salvação".[7] Conhecido por sua generosidade para com os outros, a presunção velada de Lewis nos envergonha. Mas Deus não tinha terminado com Lewis. Em "Respostas às Perguntas sobre o Cristianismo", um dos ensaios em seu livro *God in the Dock* [Deus no Banco dos Réus], Lewis refletiu sobre tornar-se cristão e pensar que estava acima da necessidade de ir à igreja e cantar hinos: "Eu desgostava bastante dos hinos, os quais eu considerava serem poemas de quinta categoria atrelados à música de sexta". Contudo, ao ter comunhão com cristãos de todas as classes sociais, essa "presunção simplesmente começou a se desfazer. Eu percebi que os hinos (que eram apenas música de sexta categoria) eram, no entanto, cantados com devoção e proveito por um santo idoso calçando botas simples de trabalho no banco oposto, e então você percebe que não está apto para limpar essas botas. Isso tira você de sua presunção solitária".[8]

Parece que nessas reflexões, Lewis chega, se não completamente, pelo menos a uma compreensão dramaticamente melhorada dos cristãos e da adoração cristã. O seu ponto de vista anterior pode ter tido algo a ver com o efeito destrutivo que tanto o modernismo quanto o pós-modernismo estavam exercendo sobre a classificação do valor da poesia – afinal, Lewis deve admitir-se como autor destes versos:

Ho, rumble, rumble, rumble,

Rumble drum belaboured.[9]

[Ho, ressoe, ressoe, ressoe,
Ressoe tambor batido.]

Eu não me incomodaria em tentar classificar isso como poesia em qualquer grau.

Além disso, é geralmente aceito que tudo o que Lewis escreveu em poesia, ele escreveu de forma muito mais eficaz em outros lugares em sua prosa. Mas a verdadeira barreira para Lewis em relação aos hinos pode ter tido muito mais a ver com o desenvolvimento tanto de um amor mais profundo por seu próximo quanto por Cristo, o objeto dos hinos que ele tanto desgostava.

Se Lewis estava se referindo a Watts em qualquer uma dessas reflexões, não se sabe. Na Holy Trinity, a igreja paroquial em Headington Quarry que Lewis frequentava, ele teria cantado a partir do *Hymns Ancient and Modern [Hinos Antigos e Modernos]*, o hinário anglicano autorizado, que incluía muitos hinos de Watts. Há uma porção de coisas em Watts que poderia ter ajudado a desmascarar a presunção de Lewis e voltar a sua face em direção a Cristo e ao seu próximo.

O escopo deste trabalho não permitirá um exame do melhor do cânon de hinos de Watts, mas, juntamente com o seu "Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei" e outros já apresentados, este capítulo considerará vários dos hinos que levaram gerações futuras a reconhecer sua profunda dívida para com Watts e chamá-lo de "o Pai da Hinódia Inglesa".

"AI DE MIM! E SANGROU MEU SALVADOR"

[Hino "Cegueira e Vista", 396 do HCC]

O hino a seguir implora comparação com o indiscutivelmente mais amado hino de Watts: “Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei”. Aqui, no entanto, ele emprega uma série de perguntas retóricas em suas duas primeiras estrofes que levam o adorador a um ponto de vista em primeira pessoa. Isso torna genuína, para a alma do indivíduo, a estupenda realidade dos “crimes por mim cometidos”, pelos quais o Salvador “sua divindade” deu, verteu e morreu por “um tal verme assim como eu”:

Alas! and did my Savior bleed?
And did my Sovereign die?
Would he devote that sacred head,
For such a worm as I?

Was it for crimes that I have done
He groaned upon the tree?
Amazing pity! Grace unknown!
And love beyond degree![10]

[Ai de mim! e sangrou meu Salvador?
E o meu Soberano morreu?
Daria sua divindade o Senhor,
Por um tal verme assim como eu?

Foi pelos crimes por mim cometidos
Que no madeiro ele sofreu?
Piedade incrível! Favor desmedido!
E amor ilimitado é o seu!]

O deslumbramento de Watts é invocado nos dois versos finais da quadra acima. O poeta e, portanto, o adorador, é pego no deslumbramento da piedade, graça e amor de Cristo tão incalculavelmente além do conhecimento humano.

Em seguida, Watts se desloca para a interpretação de um momento histórico na crucificação: quando a escuridão sombria desceu sobre a cena do Calvário por três horas. Watts desperta a nossa compreensão espiritual com sua explanação imaginativa para a razoabilidade das trevas, dadas as circunstâncias cósmicas que a fizeram descer:

Well might the sun in darkness hide,
And shut his glories in,
When Christ the mighty Maker died
For man the creature's sin.

[Eis por que o sol em trevas se escondeu, Apagando assim seu esplendor,
Cristo o poderoso Criador morreu
Pela culpa do pecador.]

Assim como o sol foi levado a esconder seu rosto na estupenda cena em desdobramento, também a personagem no poema de Watts é levada a esconder o rosto de vergonha "Enquanto a amada cruz [de Cristo] aparece":

Thus might I hide my blushing face
While his dear cross appears,
Dissolve my heart in thankfulness,
And melt mine eyes in tears.

[Que eu oculte o meu rosto em humilhação Enquanto a amada cruz aparece,
Dissolve meu coração em gratidão,
Meus olhos em lágrimas derrete.]

Uma das qualidades cativantes da poesia de Watts é a sua preferência por uma linguagem simples à ornamentada, como visto aqui e em seus melhores hinos. Mas isso não significa que ele utilize um palavreado pobre ou prosaico. Watts emprega verbos vigorosos, uma chave essencial para

qualquer boa escrita, poesia ou prosa. Sua escolha do termo *dissolve* insinua fortemente a extensão imensurável da gratidão devida ao Salvador por tal "amor ilimitado".

Em seguida, como Watts tem o cuidado de fazer em muitos de seus hinos, ele leva o cantor e adorador a uma resolução de abandono e uma consagração sincera e radical.

> But drops of grief can ne'er repay
> The debt of love I owe;
> Here, Lord, I give myself away
> 'Tis all that I can do.
>
> [Mas lágrimas não podem retribuir
> A dívida de amor que eu porto;
> Aqui, Senhor, eu me entrego a ti
> De resto cousa alguma posso.]

Não se pode deixar de perceber semelhanças na consagração da estrofe final de "Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei":

> Were the whole realm of nature mine,
> That were a present far too small;
> Love so amazing, so divine,
> *Demands my soul, my life, my all.*[11]
> [Tivesse eu da natureza posse total,
> 'Inda seria um presente por demais pequeno; Amor tão maravilhoso, tão divinal,
> Demanda minh' alma, vida e tudo que tenho.]

Ainda que os nossos corações fossem dissolvidos, e nossos olhos derretidos em lágrimas de pesar, isso não seria de modo algum proporcional à "dívida de amor" que temos com um "Amor tão maravilhoso, tão divinal". Watts sabia que não havia nenhuma obra de

justiça que pudéssemos fazer para merecer tal amor divino. Isso foi somente a graça efetuada a um custo infinito por Cristo, mais nada. Não podemos começar a pagar o amor do Salvador com lágrimas ou, mesmo que fosse possível, dar-lhe toda a "natureza" como presente. Esse "amor ilimitado" invoca gratidão sincera e profunda expressa em nossa doação de nós mesmos; ou, dito de outra forma, "amor tão maravilhoso... demanda minh' alma, vida e tudo que tenho".

"Martyrdom", a melodia mais frequentemente usada para "Ai de Mim! E Sangrou meu Salvador", foi composta por Hugh Wilson em 1800 e organizada por Robert Smith em 1825.[12] É um arranjo musical excelente, embora possa não ser a melhor melodia para este texto. Por mais que ela funcione, há a sensação de que as notas crescentes estão fazendo isso por sua própria iniciativa, sem razão específica ou inspiração do significado das palavras na poesia. Este, infelizmente, não é um problema incomum com hinos e melodias. No entanto, "martírio" é melhor do que muitas melodias e resistiu ao teste do tempo em sua associação com esta letra incomparável do hino de Watts.

"JUNTE TODOS OS NOMES GLORIOSOS"

Watts escreveu o hino seguinte baseado nas palavras de Paulo aos Filipenses: "Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome" (2:9). Pode-se imaginar Watts preparando-se para pregar um sermão sobre este texto ao seu amado rebanho da Capela Mark Lane. Enquanto estudava, sua imaginação biblicamente informada teria entrado rapidamente em ação. Após pregar o sermão, ele teria introduzido o hino, talvez olhando em direção à cabeça grisalha da viúva de John Owen sentada na fila da frente, ou ao filho de Oliver Cromwell, Richard, sentado eretamente na cadeira, com as mãos sobre os joelhos.

A congregação não o teria cantado com a excelente melodia de John Darwall que leva seu nome; ela não foi escrita até 1770.[13] Mas se tivessem ouvido "Darwall", eu tenho certeza de que eles teriam desejado cantar este texto de Watts com ela. A melodia cresce com energia, ascendendo apropriadamente enquanto Watts explora os nomes bíblicos de Deus: Sabedoria, Amor, Poder, Profeta, Sumo Sacerdote, Conselheiro, Salvador, Senhor, Conquistador e Rei. "Darwall" adorna o texto tão perfeitamente que o compositor deve ter tido este poema de Watts diante de si sobre a mesa ao escrever a música. A melodia pode ser difícil para pessoas com menos experiência musical cantarem de início, mas, uma vez que a ouvem, eles têm a sensação de que a melodia se casa quase que de forma perfeita à poesia, e quando veem todos ao seu redor serem levados com prazer ao significado das palavras através da energia crescente nos dois compassos finais, aprender a melodia parece ser um esforço que vale a pena:

Join all the glorious names
Of wisdom, love, and pow'r,
That ever mortals knew,
That angels ever bore:
All are too poor to speak his worth,
Too poor to set my Savior forth.
Great Prophet of my God,
My tongue would bless thy name:
By thee the joyful news
Of our salvation came;
The joyful news of sins forgiv'n,
Of hell subdued and peace with heaven.

Thou art my Counselor,
My pattern and my Guide,
And thou my Shepherd art,
O keep me near thy side;
Nor let my feet e'er turn astray
To wander in the crooked way.

We love the Shepherd's voice;
His watchful eye shall keep
Our pilgrim souls among
The thousands of God's sheep;
He feeds his flock, he calls their names,
And gently leads the tender lambs.[14]

[Junte todos os nomes gloriosos
Da sabedoria, amor e poder,
Que nenhum mortal jamais conheceu,
Que anjos jamais puderam receber:
Todos são pobres p'ra falar de seu valor,
Pobres demais p'ra anunciar meu Salvador.

Ó, Grandioso Profeta do meu Deus,
Minha língua teu nome abençoaria:
Através de Ti a alegre boa nova
Da nossa salvação, enfim, chegaria;
Boas novas alegres do perdão dos pecados,
E da paz com o céu, e do inferno subjugado.

Tu és meu Conselheiro,
Padrão e Guia meu,
E tu és meu Pastor,
Ó, traz-me junto ao lado teu;
E nunca permita que meus pés se desviem
E que pelo caminho tortuoso caminhem.

Nós amamos a voz do Pastor;
Manterão os olhos vigilantes seus
Nossas almas peregrinas dentre
As milhares de ovelhas de Deus;
Pelo nome as chama, seu rebanho alimenta,

E gentilmente as tenras ovelhas orienta.]

OUTROS FAVORITOS DE WATTS

Embora não tenha sido classificado no mesmo nível que outros hinos de Watts, a primeira estrofe do hino "Conceda-me as Asas da Fé para Subir" ilustra perfeitamente o que faz com que Watts seja um hinólogo tão capaz:

Give me the wings of faith to rise
within the veil, and see
the saints above, how great their joys,
how bright their glories be.[15]

[Conceda-me as asas da fé para subir
E poder enxergar, do véu além,
os santos acima, quão grande sua alegria, quão esplendorosa sua glória é também.]

Em seus melhores hinos, Watts faz precisamente isto: ele abre os olhos da nossa fé, dá asas à nossa imaginação, afasta o véu e nos mostra as glórias resplandecentes de Cristo e do evangelho – às vezes de forma gráfica.

Existe uma estranha história ligada ao hino "Nem Todo o Sangue de Animais" de Watts, que começa com a quadra:

Not all the blood of beasts
On Jewish altars slain
Could give the guilty conscience peace,
Or wash away its stain.[16]

[Nem todo o sangue de animais
Mortos sobre o judaico altar
Pode dar à consciência culpada paz,
Ou todas suas manchas lavar.]

A história pode não ser verdadeira, mas diz-se que Watts encontrou inspiração para este hino enquanto caminhava pelo mercado de Smithfield, em Londres. Rodeado pelos animais recém-abatidos em exposição à venda no mercado, Watts pode ter se refugiado em uma cafeteria e escrito os versos de abertura.[17] É mais provável que a verdadeira inspiração, como sempre parece ser o caso em Watts, seja bíblica: "É impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados" (Hb. 10:4). Então Watts enaltece o "amor redentor" de "Cristo, o Cordeiro celestial", que remove os pecados de seu povo para longe com o seu sangue muito mais precioso.

Durante o Grande Despertamento, os hinos de Watts tiveram um papel central. George Whitefield usou os hinos de Watts em suas pregações ao ar livre por toda a Geórgia e Nova Inglaterra. Da mesma forma, os hinos de Watts tiveram um impacto significativo sobre os escravos africanos nas colônias americanas. O pregador presbiteriano Samuel Davies, evangelista itinerante e pastor no estado majoritariamente anglicano da Virginia, Estados Unidos, pediu a apoiadores ricos que doassem livros para ajudar em seus esforços de ensinar os escravos a ler. Eles contribuíram com muitos volumes dos "*Hinos e Cânticos Espirituais*" de Watts, os quais Davies deu aos escravos que eram membros de suas congregações. Davies descreveu como sua cozinha ficava cheia até tarde da noite com os escravos que se reuniam ali para cantar Watts.[18] A simplicidade e a paixão sensitiva da poesia de Watts transcenderam barreiras raciais e étnicas, e o tema recorrente do sofrimento do Salvador por pecadores perdidos era uma mensagem que ressoava com a opressão dos escravos africanos. Além disso, a determinação de Watts em evitar uma linguagem multissilábica enfeitada tornou seus hinos acessíveis a pessoas que não eram ainda alfabetizadas, e a estrutura métrica simples prestou-se ao canto de chamado-e-resposta da adoração africana. Não é difícil imaginar estes versos de Watts sendo cantados desta maneira:

When I can read my title clear
To mansions in the skies,
I bid farewell to every fear,
And wipe my weeping eyes.[19]

[Quando minha epígrafe com clareza eu leio
Para as mansões celestiais então subo,
Eu me despeço, enfim, de todo meu receio,
E os olhos lacrimejantes enxugo.]

Uma teoria diz que os *spirituals* criados por escravos africanos anônimos ao longo dos 150 anos seguintes tiveram seus nomes retirados do título de Watts, *Hymns and Spiritual Songs [Hinos e Cânticos Espirituais]*.

WATTS: NÃO DE UMA ÉPOCA, MAS PARA TODOS OS TEMPOS

Os hinos de Watts são, de fato, para todos os cristãos em todos os tempos – talvez especialmente para aqueles em tempos engajados em uma guerra perpétua com o eterno, como os nossos. Se podemos dizer, "Todos os hinólogos posteriores, mesmo aqueles que superam [Watts] são seus devedores",[20] pode-se igualmente deduzir que aqueles que ignoram Watts nunca o superarão. E tal negligência será em detrimento duradouro tanto da substância teológica quanto da genuína paixão sincera na adoração a Deus.

Com Watts, não é apenas o poeta que está envolto no deslumbramento da piedade, graça e amor de Cristo muito além do conhecimento humano, mas também nós, que por meio de seu apelo poético aos nossos sentidos, temos a nossa imaginação despertada para as coisas mais profundas e maiores de Deus. Watts dá palavras ao adorador que são dignas do grande objeto do louvor cantado. Em nossa era servilmente narcisista, uma

recuperação de Watts nos ajudará a sairmos de nós mesmos e nos voltarmos para Deus, que por si só redime os pecadores e por si só é extremamente digno de nossos louvores. Watts é capaz de fazer isso não apenas pelo brilhantismo de sua poesia, mas por causa da maneira como ele utiliza a poesia para adornar a beleza da teologia cristã.

CAPÍTULO 6

Watts como Teólogo Poeta

Os hinologistas parecem concordar que "os hinos de Watts são teologia rimada".[1] Como pregador e poeta, Watts pregou sermões doutrinários e também escreveu hinos que deram à sua congregação instrução adornada poeticamente em importantes doutrinas bíblicas.

Como Watts casou teologia e poesia? Podemos responder examinando algumas das principais doutrinas da sua poesia e analisando um de seus hinos mais teológicos.

A TRINDADE

Houve momentos em seu ministério em que Watts esteva confuso a respeito da doutrina da Trindade. Ele chegou até mesmo a ser acusado por seus críticos de ser um ariano, alguém que, como Arius (c. 250-336 AD), negou a Trindade. Cercado pelo racionalismo Iluminista, Watts foi obrigado a lutar com argumentos intelectuais contra a visão ortodoxa de que Deus poderia ser tanto um quanto três. Além disso, entre todas as suas outras conquistas, Watts também era uma espécie de matemático.[2] A Trindade era uma doutrina que parecia lhe exigir que suspendesse o seu conhecimento matemático racional. Na teologia cristã ortodoxa, um mais um mais um é igual a três e um.

Mas Watts aprendeu com a instrução piedosa de seu pai como lidar com esta doutrina. Ele reconheceu que as suas dúvidas precisavam ser tratadas pela Palavra de Deus, não pela palavra do homem. Por isso, ele desenvolveu um método de domar a sua razão quando ela parecesse entrar em conflito com a Bíblia. Observe a importância para Watts de interpretar a Escritura por "analogia da fé", ou seja, comparando passagem com passagem:

> Em questões de fé cristã, eu tornaria as Escrituras o meu guia... Minha razão deve ser utilizada como um instrumento necessário para comparar as várias partes da revelação juntas, para descobrir a sua explicação mútua, assim como para julgar se elas vão contra quaisquer ditames da luz natural. Mas, se uma mente inquisitiva transpõe os limites da fé, e toma as rédeas de todos os nossos raciocínios sobre temas divinos em um campo tão amplo e aberto quanto o de possíveis e prováveis, não é uma questão fácil adivinhar aonde se chegará.[3]

O ar filosófico que Watts respirava era o do Iluminismo, o qual R. C. Sproul apropriadamente denominou "Escurecimento", e a Idade da Razão incentivou muitos jovens a "transpor os limites da fé", como Watts colocou na citação acima. Não é nenhuma surpresa, então, que um homem do intelecto de Watts, vivendo em um mundo da mente, tenha sido seriamente forçado a lutar com os aparentes paradoxos colocados pela razão e fé humanas. O que é reconfortante é que, no fim, Watts não transpôs os limites do cristianismo ortodoxo. Ele explicou o método pelo qual freou sua razão humana pela Sagrada Escritura:

> Quando dei espaço aos meus pensamentos, e os deixei vagar sem limitação, algumas vezes pareço ter trazido comigo a razão até mesmo para o campo de Socino; mas, então, São João dá um beliscão na minha alma, e São Paulo me traz de volta novamente (se não me engano do seu significado) quase até as tendas de Calvino.[4]

Socino foi o polonês do século XVI fundador de um movimento intelectual antitrinitário, e por um tempo Watts encontrou sua razão atraída às conclusões precipitadas socinianas. Mas então ele recebeu, como curiosamente colocou, um "beliscão" dos Evangelhos ou do Apóstolo Paulo, e foi trazido de volta para a teologia calvinista ortodoxa da Trindade.

Os críticos de Watts gostam de tornar o seu período de confusão sobre a natureza da Trindade na soma total de quem ele era. Mas o tratado de Watts, *O Dom do Espírito,* torna clara a ortodoxia de sua compreensão teológica. Nele, ele escreveu, em algo semelhante a um êxtase, "como a maravilhosa doutrina da Santíssima Trindade brilha através de toda a nossa religião, e lança uma glória sobre cada parte dela"! Ele acrescentou:

> O que é mais precioso para Deus, o Pai que o seu Filho único? E que bênção mais divina ele tem para conceder aos homens do que o seu Espírito Santo? E, no entanto, ele entregou o seu Filho por nós; e pelas mãos de seu filho, ele confere seu bendito Espírito sobre nós: "tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis" (Atos 2:33).[5]

Como um jovem erudito, Watts guardou o significado dos livros que lia – quer Socino, Aristóteles ou Calvino – em sua memória tanto por resumo quanto por amplificação, sempre comparando e temperando suas conclusões com a Sagrada Escritura.

Em determinado momento, Watts explorou a validade da ideia de que o Espírito Santo não era uma personalidade separada na Divindade, mas um tipo de figura de linguagem para o espírito de Deus em ação na providência e salvação de pecadores. É dito ainda que Watts argumentou contra a oração ao Espírito Santo. Mas quando o teórico tem que dar lugar ao doxológico, como é o caso na escrita de um hino, a doxologia pode ajudar a estabilizar a teologia. É muito difícil cantar má teologia. Saber que o que se está escrevendo com uma caneta será levado aos lábios dos fiéis atua como um corretivo para a teologia falha. Ao escrever um hino, homens como

Watts podem estar no seu melhor momento teológico. Na quadra do hino a seguir, Watts está especificamente orando e adorando ao Espírito Santo:

> Come Holy Spirit, heav'nly Dove,
> With all your quick'ning pow'rs;
> Kindle a flame of sacred love,
> *In these cold hearts of ours.*[6]
>
> [Vem, Pomba celestial, Santo Espírito,
> Com o seu poder vivificador;
> Assim, acende a chama do sagrado amor,
> Em nossos corações enrijecidos.]

É difícil imaginar tal quadra escrita por um poeta que não acreditasse que o Espírito Santo fosse um membro em igualdade na Trindade e, como tal, objeto digno de receber tanto oração quanto adoração.

Na estrofe final do hino, Watts repetiu os dois primeiros versos e terminou pedindo ao Espírito Santo para conceder o amor do Salvador como uma forma de inspirar o nosso próprio amor e adoração:

> Come, shed abroad a Savior's love,
> *And that shall kindle ours.*[7]
> [Vem, derrama amplamente o amor do Salvador, E isso fará o nosso ser aquecido.]

CRIAÇÃO DE DEUS

"Watts é discípulo de Milton", escreveu o hinologista Bernard L. Manning, chamando atenção especificamente para a frequência com que John Milton escreveu sobre o céu. Esta semelhança entre Watts e Milton não é surpreendente, dado o amor de Watts pelo mundo natural e sua determinação de ver a mão e o cuidado do Criador em cada detalhe. Foi dito de Watts que ele viu "o mundo em um grão de areia e a eternidade em

uma hora".[8] Sua imaginação foi trespassada pela imensidão do firmamento, e esse deslumbramento serviu como um meio de exaltar a redenção em Cristo, o Verbo:

Ere the blue heavens were stretched abroad
From everlasting was the Word.[9]

[Antes que os céus azuis fossem estendidos Desde a eternidade era o Verbo.]

Como Samuel Johnson concluiu, todos os motivos de Watts para escrever eram "subservientes à instrução evangélica".[10] Por isso, os hinos de Watts são o produto de seu motivo para adornar a instrução com "palavras colocadas em proporção agradável",[11] como Sir Philip Sidney definiu a poesia.

A SOBERANIA DIVINA

Como pregador e teólogo biblicamente informado, Watts encontrou sua mente e imaginação atraídas para a meditação sobre a infinitude do Deus que, pelo seu poder e autoridade, desenhou e sustentou os céus e todo o universo. Descrevendo o fascínio de Watts com a imensidão do céu e do firmamento, Manning escreveu: "Em Watts, ele nos leva diretamente para a consciência calvinista da soberania de Deus".[12] Watts teceu de forma cativante essa consciência da soberania de Deus em todas as áreas – incluindo a salvação – ao longo de seus hinos, como resumido aqui em uma quadra:

The sovereign will of God alone
Creates us heirs of grace,
Born in the image of His Son,
A new, peculiar race.[13]

[Somente a vontade soberana de Deus
Torna-nos herdeiros da graça,
Nascidos todos à imagem do Filho *seu,*
Uma nova, peculiar raça.]

Watts falou sobre a soberania de Deus ao escrever sobre seus planos de introduzir nova poesia na adoração cantada da igreja: "Deixe um homem, deixe uma igreja livre para adorar e admirar a onipotência e graça de Deus". Comentando sobre isso, Erik Routley escreveu que Watts "era calvinista. A qualidade que é comum a todos os trabalhos de Watts, é este deslumbramento, que é a essência da mensagem de João Calvino".[14]

O hinologista Albert Bailey admitiu relutantemente que "os hinos de Watts são teologia rimada, e a teologia é derivada de João Calvino, que por sua vez tem suas ideias básicas de Agostinho e Paulo". Bailey, um liberal teológico, desprezava o calvinismo de não-conformistas, puritanos, e presbiterianos: "Esta religião não é nada menos do que terrível. Ela ultraja o nosso senso de justiça, contradiz a nossa razão, faz de Deus um monstro, faz de Cristo um ator na tragédia da história humana, e rouba do homem a sua liberdade, sem a qual a vida moral é impossível".[15] Por isso, não é nenhuma surpresa que Bailey estivesse aturdido por versos como estes:

May not the sovereign Lord on high
Dispense his favors as he will;
Choose some to life while others die,
And yet be just and gracious still?[16]

[O Senhor soberano no alto céu não pode
Dispensar seus favores como desejar;
Escolher alguns p'ra vida e outros para a morte, E, no entanto, 'inda assim ser justo e graça dar?]

A resposta de Bailey foi que Deus *não* poderia escolher alguns para a salvação e ainda ser justo e gracioso. No entanto, ele parecia ter sido encantado por Watts enquanto um escritor de hinos, e chegou ao ponto de afirmar que Watts cumpre "admiravelmente" a descrição de Milton da poesia de melhor qualidade como sendo "simples, sensitiva e apaixonada". Finalmente, como cético teológico que era, Bailey foi forçado a concluir que, com Watts, "mesmo a lógica fria do Calvinismo se inflama".[17]

Para Watts, não havia uma "lógica fria" no calvinismo. Calvinismo era simplesmente o nome teológico atribuído às verdades bíblicas que enchiam Watts com admiração, amor e gratidão pela imensidão da graça espontânea colocada sobre pecadores indignos antes da fundação do mundo, efetuada e aplicada por Jesus Cristo, por meio do poder transformador do Espírito Santo regenerando os corações dos eleitos indignos. Watts acreditava que era válido cantar sobre o calvinismo porque ele era a cola teológica que dava glória à graça de Deus em Cristo pela salvação de pecadores.

"POR QUE FUI EU CONVIDADO DESTE?"

Pode ser que Watts estivesse trabalhado em um sermão baseado em Lucas 14:16: "Certo homem deu uma grande ceia e convidou muitos". Talvez ele tivesse acabado de desfrutar de uma suntuosa refeição como um hóspede de longa data da família Abney em sua propriedade e, após a refeição, tivesse se retirado para uma caminhada no Monte de Watts para meditar sobre o texto de seu sermão. Ao meditar sobre a imagem bíblica diante dele, Watts escreveu um hino em preparação para a Ceia do Senhor, "Como é Mui Doce e Terrível Este Local", um de seus hinos calvinistas mais cativantes:

How sweet and awful is the place
With Christ within the doors,
While everlasting love displays

The choicest of her stores!

While all our hearts and all our songs
Join to admire the feast,
Each of us cry with thankful tongues
"Lord, why was I a guest?"[18]

[Como é mui doce e terrível este local
Com o Cristo no interior dos portões,
Enquanto nos apresenta o amor eternal
O melhor de todas suas provisões!

À medida que louvores e coração
Unem-se para admirar o banquete,
Cada um exclama com línguas de gratidão
"Senhor, por que fui eu convidado deste?"]

Watts compreendeu que vir e participar com Cristo da Ceia do Senhor requer uma profunda consciência de quão indignos nós somos. Ele desperta a nossa imaginação espiritual nesses versos, e começamos a nos ver entrando na presença do próprio Cristo, um lugar que ao mesmo tempo inspira temor e, de alguma forma, encanto também. Colocado diante de nós, o "amor eternal" preparou um banquete com os alimentos mais deliciosos que se possa imaginar. Em admiração e expectativa, nós posicionamos nossas cadeiras à mesa.

A poesia de Watts raramente está longe de ser cantada, e, na segunda estrofe, ele nos coloca admirando o banquete com canções cantadas com "línguas de gratidão", mas ao mesmo tempo nos perguntando com espanto: "Senhor, por que fui eu convidado deste?" Podemos ser tentados a perguntar, "O que eu fiz para merecer tal alimento delicioso e tratamento generoso"? Mas Watts não nos permite nenhuma confusão autoiludida sobre como fomos levados a esse lugar:

"Why was I made to hear Thy voice,
And enter while there's room?
When thousands make a wretched choice
And rather starve than come?"

["Por que fui feito para ouvir o teu chamado, E enquanto ainda há espaço poder entrar?
Quando outros seguem um caminho desgraçado Preferindo morrer de fome a entrar?"]

Por meio dessa pergunta retórica, Watts nos leva à única explicação que pode fazer qualquer sentido no evangelho e ser, em algum nível, consistente com a grande mensagem da graça espontânea. É uma pergunta de duas partes: Primeiro, por que fui feito para ouvir e entrar? Segundo, por que outros "seguem um caminho desgraçado / Preferindo morrer de fome a entrar"? Ou seja, por que milhares não ouvem e entram, mas eu ouvi? Ele responde a questão na estrofe seguinte:

'Twas the same love that spread the feast, That sweetly drew us in,
Else we had still refused to taste,
And perished in our sin.

[Foi, sim, o mesmo amor que preparou o banquete, Que docemente a ele nos atraiu,
Senão, recusaríamos a provar deste,
Pereceríamos no pecado vil.]

Watts nos diz que fomos feitos, ou seja, habilitados para ouvir a voz de Cristo e capacitados a entrar enquanto havia espaço. Cristo era o "amor que preparou o banquete", e este é, de fato, um lugar doce de se estar, porque Cristo "docemente a ele nos atraiu". Sem esse amor soberano,

eletivo e eficaz, “recusaríamos a provar deste / Pereceríamos no pecado vil”.

Com esses sublimes versos, Watts adorna uma teologia tão rica e honrosa a Cristo que é difícil imaginar o semipelagiano mais ardente não se deter em seu curso teológico e cair de joelhos. Watts silencia gentilmente aqueles que argumentam que tinha que ser o nosso livre arbítrio a fazer diferença, que teria sido injusto Cristo ter docemente nos atraídos e não todos os outros da mesma forma, que Deus nos torna robôs e ele próprio um monstro se não deixar a decisão final caber a nós. O mantra arminiano: “Deus deposita um voto, Satanás deposita outro, e o pecador faz o voto decisivo”, soa muito vazio ao lado do adorno poético de Watts da predestinação e do chamado eficaz. Watts sutilmente nos ajuda a perceber que há pouco a se cantar se Deus não for absolutamente soberano a respeito da salvação eterna dos pecadores. Como é ridículo imaginar hinos de louvor sendo escritos e cantados, não a Cristo e à graça soberana do evangelho, mas ao livre arbítrio dos pecadores por fazerem, não uma escolha infeliz, mas uma muito inteligente.Então, como se antecipando à objeção de críticos do calvinismo, “E o evangelismo e missões?”, Watts passa ao chamado universal deste glorioso evangelho da graça, pedindo a Deus que tenha piedade das nações e as constranja a vir. A oração de Watts apelando a Deus para fazer isso é em si mesma um reconhecimento de que Deus deve soberanamente realizar a salvação das nações, que ele deve fazer a obra de trazer os pecadores para casa:

> Pity the nations, O our God,
> Constrain the earth to come;
> Send thy victorious word abroad,
> And bring the strangers home.
>
> We long to see thy churches full,
> That all the chosen race
> May with one voice and heart and soul
> Sing thy redeeming grace.

[Apieda-te das nações aqui, ó nosso Deus, Constrange toda tua terra a chegar;
Envia a palavra vitoriosa para os seus,
E, assim, traz os estranhos para o lar.

Ansiamos ver cheia toda congregação,
Que em totalidade a raça escolhida
Possa, com uma só voz, alma e coração
Enaltecer tua graça redentiva.]

Watts fundamenta a adoração cantada de todos os cristãos, ao longo do tempo e da eternidade, não em sua escolha, mas na escolha de Deus, pois Ele se inclinou para baixo em piedade e amor a fim de tornar pecadores indignos membros da "raça escolhida".

WATTS: MARAVILHA NO AMOR ELETIVO

Quando leio os hinos de Watts, uma imagem do poeta vem à minha mente: uma figura delgada e nada impressionante em uma peruca empoada mal ajustada, um homem sobre seus joelhos, boquiaberto com temor, seus olhos contemplando o céu em admiração. Existe um encantamento semelhante ao de uma criança na poesia de Watts, como se tivesse sido escrita por um homem que está descobrindo as glórias do evangelho pela primeira vez, quase como se ele estivesse fora de si entusiasmado pela verdade divina, um homem embriagado com a livre misericórdia de Deus em Cristo.

Como é trágico que a própria coisa que a igreja pós-conservadora anseia para a sua adoração já esteja firmemente presente na riqueza sensitiva da poesia Watts. Escrito há trezentos anos, suas expressões poéticas teologicamente ricas permanecem intensamente relevante para os

adoradores que amam o evangelho em todas as épocas. Watts realmente é para todos os tempos.

Quem entre nós não se irritou com a soberania de Deus, o seu amor eletivo, sua redenção particular de pecadores indignos? Quem entre nós não tem amigos e entes queridos que pensam que as doutrinas da graça fazem de Deus um monstro? Watts fornece o antídoto perfeito e duradouro para todas as nossas dúvidas e confusões a este respeito. Medite nos hinos de Watts, e haverá pouca surpresa em um liberal teológico que desprezava o calvinismo de Watts não poder deixar de reconhecer que, adornado pela poesia de Watts, mesmo o "calvinismo se inflama".

CAPÍTULO 7

Watts como Poeta Infantil

C. S. Lewis foi ridicularizado por colegas da Universidade de Oxford por levar a sério a sua fé em Cristo, mas ele também foi objeto de desprezo das elites intelectuais em seus dias por escrever livros para crianças. Pensava-se que estava abaixo da dignidade de um docente de Oxford inclinar-se a tais esforços pueris. No entanto, encontramos Isaac Watts fazendo o mesmo, e pelas mesmas razões. Watts, sem dúvida, teria concordado com Lewis: "Nenhum livro vale realmente a pena ser lido aos dez anos de idade se não for igualmente (e frequentemente muito mais) válido de ser lido aos cinquenta".[1] Em Watts, vemos o erudito metafísico dando uma pausa em suas contemplações para criar poesia para crianças no berçário. Samuel Johnson escreveu acerca desta dimensão de Watts:

> Sua ternura apareceu em sua atenção às crianças e aos pobres. Para as crianças, ele condescendeu em deixar de lado o erudito, o filósofo e o estudioso, para escrever pequenos poemas de devoção e sistemas de ensino adaptados às suas necessidades e capacidades, desde o alvorecer da razão através de suas gradações de desenvolvimento no amanhecer da vida. Todo homem familiarizado com os princípios comuns da ação humana olhará com veneração para o escritor que, em um momento, está combatendo Locke, e em outro, fazendo um catecismo para crianças em seu quarto ano. A descida voluntária da dignidade da ciência talvez seja a lição mais difícil que a humildade pode ensinar.[2]

O livro *Canções Divinas Cantadas na Linguagem Simples Para o Uso de Crianças* de Watts (1715) moldou mais de duas gerações de crianças na Inglaterra e na América. Mais de cem anos após a morte de Watts, Lewis Carroll estava convencido de que a Inglaterra Vitoriana era tão familiarizada com as *Canções Divinas* de Watts que incluiu em *Alice no País das Maravilhas* uma paródia de seu poema *Against Idleness and Mischief [Contra a Ociosidade e a Malícia]*. O dístico de Watts,

> Como pode a abelhinha
> A cada radiante hora se ocupar?

tornou-se na paródia de Carroll,

> Como pode o crocodilo
> Fazer sua cauda luzir?[3]
>
> [Tradução do poema retirada de *Alice Edição Comentada* (Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002)]

Do mesmo modo como Watts cumpriu diligentemente suas tarefas de tutoria com as crianças Hartopp, ele levou a sério a instrução das crianças Abney, enquanto foi um hóspede de estadia prolongada em Abney House, sua residência quando escreveu e publicou seu livro de poesia infantil. Ele calorosamente dedicou *Canções Divinas* às crianças Abney.[4]

PREFÁCIO DE WATTS

No prefácio de *Canções Divinas*, "A todos os que estão preocupados com a educação de crianças", Watts alerta famílias e professores sobre a "importante e terrível tarefa" que lhes foi confiada na instrução das crianças sob seus cuidados. Ele adverte que "as sementes da miséria ou

felicidade neste mundo, e no que está por vir, muitas vezes são plantadas bem cedo e, portanto, tudo o que puder conduzir as mentes das crianças a um gosto pela virtude e religião" deve ser sua principal preocupação. Em seguida, ele estabelece uma defesa para a utilização de poesia na instrução de crianças:

> O verso foi projetado primeiramente para o serviço de Deus, ainda que tenha sido abusado miseravelmente. Os anciãos entre os judeus e os bárbaros ensinaram a seus filhos e discípulos os preceitos da moralidade e da adoração em verso. Os filhos de Israel foram ordenados a aprender as palavras do cântico de Moisés, Deuteronômio 31:19,30. E nos é ordenado no Novo Testamento, não só a cantar com graça no coração, mas a ensinar e admoestar uns aos outros por hinos e cânticos (Efésios 5:19).[5]

Então, de forma puritana clássica, Watts apresenta múltiplas vantagens de usar a poesia para a educação de crianças: "Há um maior prazer na própria aprendizagem de verdades em poesia que pode ser muito divertido e interessante". Ouvem-se ecos de seu argumento em seu livro *O Aperfeiçoamento da Mente* quando ele afirma: "O que é aprendido em verso é retido por mais tempo na memória e mais rapidamente lembrado", e pode vir a ser "um meio eficaz para afastar alguma tentação ou predispor para algum dever". Em seguida, ele argumenta que o preenchimento de suas mentes com *Canções Divinas* ajudará as crianças a evitar "o vazio da mente" resultado da aprendizagem "dos perigosos e frouxos sonetos de nossos tempos".[6]

Watts escreveu a maior parte da poesia infantil a pedido de um amigo professor que estava à procura de um método mais eficaz de catequizar as crianças no conhecimento bíblico. Watts garante a seus leitores no prefácio que tudo quanto segue é apropriado para "todos os tipos de crianças", quer anglicanas ou não-conformistas; ele diz que crianças, "batizadas na infância ou não, podem todas se unir nestas canções". Ainda explica que "esforçou-se para abaixar o idioma ao nível de compreensão de uma

criança, e ainda mantê-lo acima do desprezo", esperando, assim, que as *Canções Divinas* fossem de "uso e serviço universal", como, de fato, mostraram-se ser por quase 150 anos. Ele enviou este volume adiante, pedindo uma bênção divina sobre todos os que estavam envolvidos no "importante trabalho de educação", e buscou as "graças abundantes" de Deus para que as crianças que aprenderam suas *Canções Divinas* pudessem ser "uma glória entre as nações" e uma "bênção para o mundo".[7]

Watts sugeriu que pais e professores fizessem os seus filhos aprenderem "uma dessas canções todas as semanas", e que, quando eles tivessem dez ou vinte delas seguras na memória, que lhes fossem dadas as suas próprias cópias de *Canções Divinas*.[8] Isso foi mais do que uma jogada de marketing; Watts acreditava que o que ele estava escrevendo seria um meio eficaz de nutrição espiritual para todas as crianças – e mais ainda se eles possuíssem suas próprias cópias.

LOUVOR AO "REI TRIUNFANTE"

A canção de abertura é um hino de louvor a Deus que traça um contraste entre a pequenez de uma criança e a "majestade espantosa" de "nosso Rei triunfante o qual reina acima do céu":

> How glorious is our heav'nly King, Who reigns above the sky!
> How shall a child presume to sing
> His dreadful majesty?
>
> [Como é glorioso nosso Rei triunfante, O qual reina acima do céu!
> Como poderia cantar um infante
> A sua majestade espantosa?]

Watts então se move para um adorno poético do poder e da graça de Deus que se estende além dos limites da nossa imaginação. Ele muda na

quarta estrofe para o ponto de vista de uma criança que almeja cantar louvores a Deus com todos os santos e anjos:

Then let me join this holy train,
And my first offerings bring;
Th' eternal God will not disdain
To hear an infant sing.

Deixa-me entrar neste comboio santo, E minhas primícias trazer;
O Deus eterno não despreza o canto Que uma criança lhe oferecer.

Pode-se argumentar que, no esforço de Watts "para abaixar o idioma ao nível de compreensão de uma criança", ele afundou em condescendência e sentimentalismo, que falhou em "mantê-lo acima de desprezo". Em alguns lugares, este é certamente o caso. Considere, no entanto, que Michelangelo utilizou seu martelo e cinzel em muitos blocos de mármore e produziu esculturas eminentemente esquecíveis antes de alcançar o triunfo de seu *Davi* ou *Piet*à. Watts não pode ser honestamente criticado por seus versos menores, a menos que o mesmo padrão seja utilizado com outros grandes artistas. Assim como com seus hinos, muitas de suas canções para crianças parecem um pouco triviais e paternalistas. No entanto, na melhor das *Canções Divinas*, Watts emprega a poesia de forma eficaz e memorável na instrução de verdades teológicas, por vezes pesadas, como nesta quadra sobre a obra de Cristo:

He honored all His Father's laws,
Which we have disobeyed;
He bore our sins upon the cross,
And our full ransom paid.[10]

[Todas as leis de seu Pai ele honrou, As quais havíamos violado;
Nossos pecados na cruz carregou,
E o nosso resgate foi pago.]

Em tudo o que ele escreveu, Watts estava comprometido em empregar a sua pena precisamente para ajudar as mentes imaturas a compreender as verdades transcendentes do evangelho. Aqui, Watts dispôs em quatro linhas curtas a doutrina central da justiça imputada de Cristo, sua obediência ativa e sua obediência passiva, por meio da qual ele se submeteu à dor e ao sofrimento na cruz que merecíamos por nossa culpa.

CANÇÃO DE NINAR

Em suas *Canções Divinas*, Watts elevou a canção de ninar a uma profundidade teológica encantadora com o seu "Aquieta-te! Deita Aqui e Dorme, Meu Querido".[11] À primeira vista, ela parece ser outra canção fascinante para embalar, cantada a partir do ponto de vista de uma mãe ninando e cantarolando suavemente para seu filho enquanto o bebê se contorce e luta contra o sono. É uma obra-prima do gênero, mas Watts vai ainda mais adiante. Em quatorze estrofes, ele desenvolve ricamente uma comparação íntima entre uma criança e o Filho de Deus encarnado, e chega aonde Watts sempre chega: ele coloca diante da criança a redenção e a livre graça em Cristo:

> Hush! my dear, lie still and slumber, Holy angels guard thy bed!
> Heavenly blessings, without number, Gently falling on thy head.
>
> Sleep my babe; thy food and raiment, House and home thy friends provide;
> All without thy care or payment,
> All thy wants are well supplied.
>
> [Aquieta-te! deita aqui e dorme, meu querido, Os santos anjos tua cama sempre vigiam!
> Favores dos céus, infindos e desmedidos, Gentilmente sobre tua cabeça recaiam.

Dorme, meu bebê; os teus trajes e alimento, Casa e um lar pelos amigos são fornecidos; Tudo sem tua preocupação ou pagamento, Todos os teus apetites são bem supridos.]

O que acontece a seguir é uma representação perfeita do que Watts sempre faz em sua poesia. Ele toma a vívida cena que criou de uma mãe cantando baixinho para seu filho e faz uma conexão com Belém, onde Jesus "numa criança como tu mesmo se tornou!":

How much better thou'rt attended
Than the Son of God could be;
When from heaven he descended,
And became a child like thee!

Soft and easy is thy cradle,
Coarse and hard thy Savior lay;
When his birth-place was a stable, And his softest bed was hay.

Blessed babe! what glorious features, Spotless fair, divinely bright!
Must he dwell with brutal creatures!
How could angels bear the sight!

Was there nothing but a manger
Cursed sinners could afford,
To receive the heavenly stranger!
Did they thus affront their Lord!

[Que tantos cuidados melhores tu tens tido Do que o Filho de Deus algum dia encontrou; Quando dos céus na terra foi ele recebido, Numa criança como tu mesmo se tornou!

Tão macio e confortável é este berço teu, Mas em rude e áspero teu Salvador dormia; Porque foi num estábulo que ele nasceu Onde o feno foi sua cama mais macia,
Bebê bendito! que qualidades gloriosas, Divino e esplendoroso, justo imaculado!
Precisa habitar com criaturas escabrosas!
Como anjos podem tal visão ter suportado!

Nada havia senão uma manjedoura ali Da qual os pecadores podiam dispor,
P'ra receber o estranho celestial aqui!
E como afrontaram assim o seu Senhor!]

Então Watts, como se a história e as "criaturas escabrosas" pudessem ter perturbado a criança, cria um interlúdio poético em que o cantor retorna ao presente e, como uma mãe protetora, promete guardar seu bebê:

Soft, my child; I did not chide thee, Though my song might sound too hard,
'Tis thy mother sits beside thee,
And her arms shall be thy guard.

[Acalma-te, meu filho; eu não censuro a ti, Embora meu cântico possa áspero soar, Esta é Tua mãe que se assenta bem junto a ti, E seus braços certamente irão te guardar.]

Quando ele retoma a música, a cantora maternal torna-se "irada enquanto o canto entoa" de como a criança divina foi abusada por seu povo:

Yet to read the shameful story,
How the Jews abused their King;
How they served the Lord of glory, Makes me angry while I sing.
See the kinder shepherds round him, Telling wonders from the sky!
Where they sought him, there they found him, With his virgin mother by.

See the lovely babe a dressing;
Lovely infant, how he smiled!
When he wept, the mother's blessing Soothed and hushed the holy child.

Lo, he slumbers in his manger,
Where the horned oxen fed;
Peace, my darling, here's no danger, Here's no ox a-near thy bed.

[Tão somente ler a mui vergonhosa história, De como os judeus abusaram de seu Rei; Como também serviram o Senhor da glória, Deixou-me assim irada enquanto o canto entoei.

Contemple os bondosos pastores que o cercaram, E contavam do céu as suas maravilhas!
Onde procuraram o bebê, lá o encontraram, E bem ao seu lado sua virgem mãe Maria.

Veja o adorável menino em panos envolto; Quantos sorrisos lhe dava a amável criança!
A bênção maternal, ao escutar o seu choro, Pôde acalmar e silenciar a santa criança.

Em sua manjedoura repousando ele está, Onde o boi chifrudo se alimentou também; Acalma-te, querido, perigo não há, Nenhum touro, p'ra perto de tua cama, vem.]

Watts nunca está distante do evangelho da graça, e aqui ele expande a sua imaginação para incluir a punição que as crianças merecem por seus pecados e o resgate cósmico que Jesus veio para cumprir como Redentor e substituto de crianças perdidas:

'Twas to save thee, child, from dying, Save my dear from burning flame,
Bitter groans and endless crying,
That thy blest Redeemer came.

May'st thou live to know and fear him, Trust and love him all thy days;
Then go dwell for ever near him,
See his face, and sing his praise!

I could give thee thousand kisses, Hoping what I most desire;
Not a mother's fondest wishes
Can to greater joys aspire!

[Foi para salvar-te, minha criança, do inferno, Salvá-lo das flamas ardentes, meu querido, Do gemido amargurado e do choro eterno, Que veio p'ra o mundo teu Redentor bendito.

P'ra conhecê-lo e temê-lo possas viver, Por todos os dias nele confiar e amar;
Então em sua presença para sempre viver, Ver sua face, e também seus louvores cantar!
Eu poderia dar-te milhares de beijos, E, assim, aquilo que mais anseio, aguardar; De uma mãe, nem os mais carinhosos desejos Poderiam a alegrias mais aspirar!]

É difícil imaginar um homem que nunca se casou, que nunca teve filhos, que nunca observou sua esposa sendo mãe do seu primogênito – um solteirão desajeitado como Isaac Watts – sendo capaz de escrever essa canção de ninar tão terna. Mas, embora nunca tenha sido pai pessoalmente, ele era um observador atento de outras pessoas em sua vida que eram. Talvez haja um tributo implícito nessas catorze estrofes para sua própria mãe, Sarah Taunton Watts,[12] que pode ter sido a inspiração para a personagem que oferece "milhares de beijos", esperando em Cristo por

seus filhos, seu ardente coração cantarolando o evangelho a seu filho com palavras que, sob a devoção poética daquele filho, tornaram-se nesta imortal canção de ninar.

"O ONIPOTENTE PODER DE DEUS CANTO"

A segunda música em *Canções Divinas*, "O Onipotente Poder de Deus Canto", é escrita em louvor à providência de Deus no mundo, e surgiu para se tornar um dos hinos de melhor qualidade de Watts – para crianças ou adultos. Desde a pequena flor até os "céus sublimes", Watts, que amava as belezas da criação, explora a vastidão do mundo que Deus construiu pela sua onipotência. Seu pensamento progride inicialmente do canto sobre o poder onipotente de Deus para o canto sobre a sabedoria de Deus, para então cantar sobre a sua bondade "que a terra de frutos fartou":

I sing th' almighty power of God
That made the mountains rise,
That spread the flowing seas abroad, And built the lofty skies.
I sing the wisdom that ordained
The sun to rule the day;
The moon shines full at his command, And all the stars obey.

I sing the goodness of the Lord
That filled the earth with food;
He formed the creatures with his word,
And then pronounced them good.
Lord, how thy wonders are displayed
Where'er I turn my eye,
If I survey the ground I tread
Or gaze upon the sky!

There's not a plant or flow'r below
But makes your glories known;

And clouds arise and tempests blow
By order from your throne;
While all that borrows life from you
Is ever in your care,
And everywhere that man can be,
You, God, are present there.[13]

[O onipotente poder de Deus canto
Que todos os montes ergueu,
Que espalhou os oceanos por todo canto, E os céus sublimes estendeu.
Canto a sabedoria que estab'leceu
O sol, que o dia governasse;
A lua brilha cheia ao comando seu, E suas estrelas o obedecem.
Canto a bondade do Senhor a nós
Que a terra de frutos fartou;
Ele formou as criaturas co' a sua voz, E então boas as declarou.
Senhor, tuas maravilhas na criação Estão onde quer que fixe o olhar,
Quer me volte para onde piso o chão Ou então o céu fique a contemplar!

Não há planta ou mesmo flor embaixo aqui Que tua glória ilustre não faça;
Nuvens no céu e tempestades a cair Por ordem do trono da graça;
Tudo que vida de ti emprestar
Estará sempre em teu cuidado,
E onde quer que o homem possa se encontrar, Estarás, Deus, sempre ao seu lado.]

O hino originalmente incluía mais duas estrofes, mas elas não sobreviveram às facas dos editores através dos séculos. Ainda assim, este hino escrito para crianças ressalta um tema central em Watts acerca do governo soberano de Deus sobre todo o seu universo, e ressalta o deslumbramento com a obra de Deus vista nesse universo que envolvia Watts. Sua quarta estrofe ilustra perfeitamente o senso de temor reverente de Watts diante dessas coisas:

Lord, how thy wonders are displayed
Where'er I turn my eye,
If I survey the ground I tread
Or gaze upon the sky!
[Senhor, tuas maravilhas na criação Estão onde quer que fixe o olhar,
Quer me volte para onde piso o chão Ou então o céu fique a contemplar!]

Watts ilustrou em sua poesia o que o estadista e pastor holandês Abraham Kuyper colocou de forma célebre em prosa: "Não há um centímetro quadrado em todo o domínio da nossa existência humana sobre a qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não diga: 'Meu!'"[14] Ou, como o salmista disse: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo" (19:1-4). Da mesma forma, como o apóstolo Paulo disse, "os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis" (Rm. 1:20).

Se ele tivesse apenas um gênio poético e não um gênio doxológico, Watts teria sido uma concha vazia. O poeta que desprezou o "excesso de bagagem da forma intrincada, bem como do adorno poético"[15] alcançou a grandeza que honra Cristo com seus hinos duradouros porque "sua mente estava saturada com as palavras da Bíblia".[16]

WATTS: CUIDADO PELAS CRIANÇAS SEMELHANTE AO DE CRISTO

Embora dotado com uma mente de proporções geniais, Watts se importava profundamente com a educação e criação de crianças pequenas. Distante de seu brilho que o tornava indiferente aos pequeninos, Watts dirigiu toda a sua habilidade de forma cativante para comunicar a verdade do evangelho às suas mentes imaturas. Mas nem sempre nós entendemos isso direito; nós nunca estamos longe de torcer coisas boas e torná-las "coisas de Deus", distorcemdo a verdade. Em nenhum lugar isso é mais visto do que quando nós, cristãos, redescobrimos a importância do ensino superior e, em seguida, começamos a aspirar à grandeza cerebral. A partir dessas ambições elevadas, é apenas um pequeno passo para esquecer a forma como as crianças aprendem, e negligenciar a forma como elas compreendem a verdade. Watts nunca fez isso. Com zelo e objetividade, ele começou a capturar as mentes e imaginação dos mais fracos e dos mais jovens ao seu redor.

Embora isso talvez nos faça ganhar o desprezo do mundo sofisticado, que sejamos aqueles que investem nossas habilidades, nosso dinheiro, nosso tempo e nossos talentos em crianças. Podemos ser repreendidos por fazê-lo, como Jesus foi por seus discípulos. C. S. Lewis foi desprezado pelas elites intelectuais em Oxford por escrever para crianças, mas ele persistiu, e Watts fez o mesmo.

Assim fizeram os salmistas. Não havia saltério infantil na adoração da antiga aliança; eles não precisavam de um, pois o Espírito Santo planejou que os salmos fossem para todos. Então, Watts começou a versificar os salmos em inglês, para que todas as pessoas, grandes e pequenos, instruídos e iletrados, pudessem cantar os louvores de Jesus.

CAPÍTULO 8

Watts como Intérprete dos Salmos

No prefácio de *Canções Divinas Cantadas na Linguagem Simples Para o Uso de Crianças*, Isaac Watts afirmou estar diminuindo seu trabalho com poemas infantis a fim de voltar a trabalhar em sua interpretação poética dos Salmos. Ele havia sido encorajado a parafrasear os Salmos por colegas quando ainda adolescente na Academia Newington, e seu irmão Enoch havia muitas vezes encorajado Watts a realizar o projeto. "Há uma grande necessidade de uma pena", escreveu Enoch, "tão vigorosa e viva quanto a sua, para despertar e reviver a devoção moribunda da época, a qual nada mais pode dar tal assistência quanto a poesia forjada com o propósito de elevar-nos até mesmo acima nós mesmos".[1] Outra carta, esta proveniente de seu amigo de longa data John Hughes, escrita em 6 de novembro de 1697, revela que Watts começou o seu trabalho sobre os Salmos mais de duas décadas antes de publicar *Os Salmos de Davi Seguindo a Linguagem do Novo Testamento e Aplicados à Condição e Adoração Cristã* (1719). Hughes escreveu: "Dou-lhe o meu agradecimento cordial por sua paráfrase engenhosa, pela qual você tão generosamente resgatou o nobre salmista das mãos destruidoras de Sternhold e Hopkins".[2]

É importante notar que o amigo de Watts não denegriu os salmos inspirados em si. Foi a "carnificina" dos versificadores bem intencionados, Thomas Sternhold e John Hopkins, os quais tinham por costume realizar uma metrificação frase por frase dos Salmos ingleses. Como Hughes, Watts

também “protestou contra a apatia e crueza de expressão, e a total ausência do Evangelho do Novo Testamento no conteúdo dos Salmos”, escreve Erik Routley, novamente falando não dos Salmos em si, mas de sua manipulação desajeitada em verso inglês. Como poeta, Watts foi particularmente “ofendido pela deselegância dos Salmos de Barton”, mais uma versão inadequada usada em seus primeiros anos. Em meio a tudo isso, Watts começou a perguntar a si mesmo: “Por que não podemos mais cantar de Cristo como Deus? Se Cristo renova todas as coisas, por que nossos louvores permanecem na Antiga Aliança?”[3] A partir dessas reflexões, a ideia de um método totalmente novo de interpretar e parafrasear os Salmos em versos começou a se formar na imaginação de Watts.

O PRINCÍPIO REGULADOR

O princípio regulador do culto afirma que nada que não esteja especificamente previsto na Sagrada Escritura deve ser feito no culto. No entanto, muitos na tradição da Reforma estavam divididos quanto a se este princípio proibia o canto de hinos não-inspirados. Desde a Reforma, luteranos haviam cantado hinos de composição humana, juntamente com Salmos no adoração. Embora João Calvino tenha recomendado o cântico dos Salmos em francês, ele nunca proibiu hinos especificamente, e ele mesmo pode ter escrito o hino semelhante a salmo “I Greet Thee, Who My Sure Redeemer Art” [Eu Saúdo a Ti, Meu Verdadeiro Redentor]. De qualquer maneira, ele o incluiu no Saltério de Genebra de 1551, uma forte indicação de que não defendia a salmodia exclusiva.

Calvinistas posteriores, no entanto, torciam o princípio regulador em prol da exclusão de qualquer poesia humana composta para o canto em cultos divinos. Na Grã-Bretanha, a salmodia exclusiva reinou. Infelizmente, porém, muitos dos esforços bem-intencionados de versificar

os textos dos Salmos em rima e métrica inglesa passaram longe dos esplendores da poesia original em hebraico.

DAVI, O CRISTÃO

Watts não pediu desculpas por seu ataque frontal às prevalecentes versificações dos Salmos de Sternhold e Hopkins, bem como a de Nahum Tate e Nicholas Brady, os quais produziram uma coleção de versificações de Salmos em 1696. Não há dúvida de que estas eram muitas vezes difíceis, e muitos delas eram praticamente impossíveis de serem cantadas. Então, Watts tomou emprestada a hermenêutica histórico-redentiva empregada pelos melhores pregadores e desenvolveu a partir dela um método de interpretar e aplicar poeticamente os Salmos para o canto no culto. Sua defesa do método indica que Watts queria que o Antigo Testamento fosse entendido à luz de seu cumprimento em Cristo:

> Quando o salmista... fala do perdão do pecado através das misericórdias de Deus, eu adicionei os méritos de um Salvador. Onde ele fala de sacrificar cabras ou bezerros, eu prefiro optar por mencionar o sacrifício de Cristo, o Cordeiro de Deus. Onde ele promete abundância de riqueza, honra e vida longa, eu substituí algumas dessas bênçãos típicas por graça, glória e vida eterna, as quais são trazidas à luz pelo Evangelho, e prometidas no Novo Testamento. E estou plenamente satisfeito, que mais honra seja dada ao nosso bendito Salvador por mencionar o seu nome, a sua graça, suas ações, em sua própria linguagem, de acordo com as revelações que ele agora tornou mais brilhantes, do que voltando às formas judaicas de adoração e à linguagem de tipos e figuras.[4]

Não fazia sentido para Watts que os novos santos do pacto devessem abster-se de tomar o nome de Jesus, "nosso bendito Salvador", em seu canto. Ele entendeu que as formas de adoração judaica, os tipos e as sombras do evangelho na antiga aliança, estavam, como Paulo disse,

“sendo levado[s] a um fim” (2 Cor. 3:7), que “o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobre-excelente glória” (v. 10). Watts acreditava que ao cantar apenas as cruas versificações inglesas dos Salmos, um véu permanecia sobre os corações dos adoradores da nova aliança, “que, em Cristo, é removido” (v. 14) .

É importante lembrar que Watts escreveu seus hinos e interpretou os Salmos em poesia ao lado de seus deveres como um pregador do evangelho. Ele sabia que era inconcebível para ele, enquanto pregador, negligenciar apresentar Cristo ao seu rebanho, que aparece como o cumprimento da lei em todas as Escrituras - e, portanto, nos Salmos. Para Watts, a interpretação poética histórico-redentiva dos Salmos era a única hermenêutica possível, exatamente como era quando ele estava pregando.

Watts não estava realmente sendo hermeneuticamente inovador aqui, como alguns sugerem. Toda a sua aprendizagem provinha da tradição Calvinista e Reformada, então ele estava apenas tentando incitar uma continuidade entre a pregação Reformada centrada em Cristo e o canto Reformado no culto. O próprio Calvino havia escrito: “Devemos ler as Escrituras com o objetivo expresso de encontrar Cristo nelas. Quem quer que se desvie desse objeto, mesmo que esgote-se ao longo de toda a sua vida na aprendizagem, nunca alcançará o conhecimento da verdade”.[5] Quando foi chamado para ser pregador em Londres no púlpito de John Owen, Watts declarou à congregação ter “a mesma forma de pensar que o seu reverendo pastor anterior, Dr. John Owen”,[6] que havia escrito sobre a pregação historico-redentiva décadas antes dos Salmos de Watts serem publicados, dizendo: “Mantenha a Jesus Cristo fixo em seus olhos enquanto procede com a leitura cuidadosa das Escrituras, como o seu fim, escopo e substância; tenha a Cristo como a própria substância, medula, alma e escopo de toda a Escritura”.[7] Mais tarde, C. H. Spurgeon, que foi subornado quando menino a memorizar muitos dos hinos de Watts,

escreveu sobre como ele interpretava as Escrituras: “Eu tomo qualquer que seja o texto em que eu esteja e faço um conexão com a Cruz”.[8]

Os melhores expositores entendem que a interpretação centrada em Cristo não é uma questão de gosto metodológico que funciona para alguns e não para outros. J. I. Packer escreve: “Cristo é o tema verdadeiro da Escritura: tudo foi escrito para dar testemunho dele. Ele é a totalidade de toda a Bíblia, profetizado, tipificado, prefigurado, exibido, demonstrado, podendo ser encontrado em cada página, em quase todas as linhas, como se as Escrituras fossem os próprios cueiros do menino Jesus”.[9] Em seu livro *Christ-Centered Preaching* [Pregação Cristocêntrica], Bryan Chapell escreve: “O método histórico-redentivo... é uma ferramenta vital e fundamental que os expositores precisam para interpretar com precisão e graça textos em seu contexto completo”.[10] Para Watts, nenhum outro método tem a carga do texto do salmo antes dele – Jesus.

Alguns acusam Watts de adulteração da inspiração divina por sua manipulação dos Salmos. No entanto, poucos tinham uma visão tão elevada dos Salmos como Watts, e sem dúvida, se ele tivesse crescido no mundo antigo de fala hebraica, onde a poesia e conteúdo inspirados permaneceram intocados, não diminuídos pela tradução, Watts poderia ter surgido com outro método. Erik Routley comentou sobre o que Watts estava fazendo:Deixe um homem deslumbrar-se e compartilhar o seu deslumbramento com seus companheiros na igreja – assim disse Watts, e de onde ele tirou isso, senão dos próprios Salmos? Onde existe tal visão cósmica, tal deslumbramento tão puro e abnegado como lá? Watts protestou contra a falta de Evangelho cristão nos Salmos, mas ele tomou deles essa qualidade de deslumbrar-se, que fez dele, mesmo em seus momentos menos inspirados, um homem com o toque do poeta.[11]

Observe como, na paráfrase de Watts do Salmo 136, como um bom expositor em um sermão, ele vira o rosto de seu ouvinte em direção a Cristo:

He sent his Son with pow'r to save
From guilt and darkness and the grave:
Wonders of grace to God belong;
Repeat his mercies in your song.[12]

[Ele enviou seu Filho com poder p'ra salvar Da culpa e trevas e do sepulcro livrar:
Maravilhas da graça de Deus todas são;
Entoem suas misericórdias numa canção.]

Neste método de interpretar os Salmos poética e teologicamente, Watts pode ter sido ainda suportado por Paulo, que escreveu que devemos fazer tudo, "seja em palavra, seja em ação", no nome do Senhor Jesus, e ele escreveu isso no contexto imediato de cantar "salmos, e hinos, e cânticos espirituais" (Cl. 3.16-17). Para Watts, o que era verdade para ser pregado no culto da nova aliança era igualmente verdadeiro para cantar. Seu quase contemporâneo, Blaise Pascal, articulou a hermenêutica histórico-redentiva dos reformadores e seus descendentes: "Sem a Escritura, que possui Jesus Cristo somente como seu objeto, não podemos saber nada".[13]

Armado com esta compreensão, Watts queria que Davi cantasse a canção de um cristão, e então ele começou a trabalhar.

"JESUS REINARÁ"

[Hino "Cristo Jesus Há de Reinar", 12 do CTP]

"Os hinos de Lutero", disse um crítico jesuíta, "mataram mais almas do que seus sermões".[14] Protestantes discordariam, mas Lutero pode ser lembrado mais por seus hinos do que por seus sermões. O mesmo é verdade para Watts. Uma razão é que ele combinou a sua interpretação histórico-redentiva com a poesia vigorosa, adornando o objeto maior.

Talvez um dos exemplos mais concisos do método de Watts seja visto em sua interpretação poética do Salmo 72. A versão em prosa inglesa começa, "Concede ao rei a tua justiça, ó Deus", e é claramente um salmo sobre o Rei Salomão. Mas através da teologia histórico-redentiva de Watts e sua habilidade poética, tornou-se uma declaração centrada em Jesus do evangelho prenunciado no salmo e cumprido em Cristo:

Jesus shall reign where'er the sun
Doth his successive journeys run;
His kingdom stretch from shore to shore,
Till moons shall wax and wane no more.

To him shall endless prayer be made,
And praises throng to crown his head;
His name, like sweet perfume, shall rise
With every morning sacrifice.

Blessings abound where'er he reigns:
The pris'ner leaps to lose his chains,
The weary find eternal rest,
And all the sons of want are blest.
Let every creature rise and bring
Peculiar honors to our King;
Angels, descend with songs again,
And earth repeat the loud amen![15]

[Jesus reinará em regiões onde o sol sua luz
Em suas sucessivas jornadas conduz;
De costa a costa todo seu reino se estende,
Até que não haja mais minguante nem crescente.

A ele sejam feitas infindas orações,
E para coroá-lo, multidão de canções;

Seu nome, como um doce aroma, irá subir
Com o sacrifício de cada manhã aqui.

Bênçãos abundam onde estiver a reinar:
O escravo salta para seus grilhões quebrar,
Descanso eterno encontram todos os cansados,
E os filhos da necessidade são abençoados.

Ó vós, todas as criaturas, subi e *trazei*
Honras peculiares ao nosso grande Rei;
Anjos, desçam todos com suas canções também,
E toda a terra diga em alta voz amém!]

Mais uma vez, Watts deslumbra o adorador com admiração pelo governo soberano de Jesus sobre todo o seu reino. Atrelado à melodia escocesa incomparável *Duke Street* de John Hatton (1793) quarenta e cinco anos após a morte de Watts, este hino inspirado no Salmo merece ser um eterno favorito de todas as gerações de cristãos que anseiam subir e trazer "honras peculiares ao nosso grande Rei".

Nos anais do Império Britânico, uma história constrangedora é contada a respeito do Salmo 72 de Watts. Em 1762, o rei George III reuniu na Polinésia mil autoridades de Tonga, Fiji e Samoa "para declarar suas ilhas cristãs" e ainda estabelecer o domínio britânico. O processo iniciou-se com um culto anglicano, no qual "as antigas autoridades e guerreiros que haviam compartilhado os perigos de muitas batalhas" cantaram com seu novo imperador o hino "Jesus Reinará", de Watts.[16] Estou bastante certo de que Watts, o não-conformista, não teria aprovado a mistura imperial entre Igreja e Estado, mas a anedota ilustra o quão difusamente Watts havia se tornado sinônimo não apenas da adoração cristã cantada, mas do assim chamado mundo cristão.

Ainda outra história memorável é contada que demonstra o alcance generalizado da poesia de Watts. Em junho de 1925, após completar sua formação teológica na Escócia, Eric Liddell embarcou no trem na estação Waverly de Edimburgo. Medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de 1924, Liddell havia se tornado nada menos do que uma celebridade, e a plataforma da estação estava lotada com uma legião de simpatizantes se acotovelando para vê-lo partir. Deixando para trás sua amada Escócia para o trabalho missionário na China, Liddell estava sem palavras. O que ele poderia dizer para a multidão ansiosa por ouvir o seu último adeus? Palavras comuns pareciam insuficientes. Então, Liddell iniciou a versificação do Salmo 72 de Watts, "Jesus reinará". Enquanto o trem se afastava para longe da plataforma, toda a multidão se juntou a ele no canto deste hino imortal – todos cantando de cor, sem hinário.[17]

OS MAIS BELOS SALMOS

Para ser sincero, nem tudo o que Watts escreveu em *Os Salmos de Davi Seguindo a Linguagem do Novo Testamento* foi uma melhoria sobre a "carnificina" do passado. Assim como um punhado relativamente pequeno de seus 750 hinos chegou ao nível de clássicos atemporais e duradouros, há algum "material muito pobre" [18] entre os seus salmos, de acordo com um hinologista que, fora isso, elogia a habilidade de Watts.

No entanto, há aqueles que consideram o Salmo 90 de Watts: "Nosso Deus, no Passado, Nosso Alento" (1719) [NT: Hino "Ó Deus, Eterno Ajudador", 38 do HCC] como sendo o seu melhor hino, ainda melhor do que "Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei". Há um grande alcance e poder na poesia do salmo, que se descortina com um foco sobre toda a amplidão da história humana e a promessa imutável de Deus de que ele será a ajuda do seu povo, sua esperança e seu "abrigo do temporal violento":

Our God, our help in ages past,
Our hope for years to come,
Our shelter from the stormy blast,
And our eternal home.[19]

[Nosso Deus, no passado, nosso alento,
Esperança em anos vindouros,
Nosso abrigo do temporal violento,
E nosso lar imorredouro.]

Em sua segunda estrofe, os olhos de Watts podem ter explorado adiante a linguagem do Salmo 91:4: "Cobrir-te-á com as suas penas, e, sob suas asas, estarás seguro":

Under the shadow of your throne
Your saints have dwelt secure;
Sufficient is your arm alone,
And our defense is sure.
[Sob a sombra do trono onde te assentas
Teus santos encontram guarida;
Suficiente nos é teu braço apenas,
Nossa defesa é garantida.]

Watts, em seguida, retorna para o segundo versículo do Salmo 90 e enraíza o seu argumento, transportando-nos de volta à criação, antes que a "terra adisse sua moldura". Ele nos assegura que, embora a vida tenha problemas e desafios, Deus é sempre Deus, "até a eternidade futura":

Before the hills in order stood,
Or earth received her frame,
From everlasting you are God,
To endless years the same.

[Antes que os montes fossem ordenados,

Ou a terra adisse sua moldura,
Tu és sempre Deus desde os tempos passados, E até a eternidade futura.]

Em seguida, ele passa para o versículo 4 do Salmo 90, que mostra que Deus não é limitado ao tempo como nós o conhecemos; ao invés disso, ele está infinitamente acima do tempo: "Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite":

A thousand ages in your sight
Are like an evening gone;
Short as the watch that ends the night
Before the rising sun.
[Aos teus olhos, nosso Deus, eras mil
São iguais noite que logo passa;
Curtas qual vigília que se concluiu
Antes ainda que o sol nasça.]

Mas as "tribos de carne e sangue tão ocupadas" não são como o Deus infinito, eterno e imutável. Nós, seres humanos, somos "pela correnteza abaixo levados" do tempo e da decadência; nós morremos e somos esquecidos:

The busy tribes of flesh and blood,
With all their lives and cares,
Are carried downwards by the flood,
And lost in following years.

[Tribos de carne e sangue tão ocupadas,
Com seus cuidados e suas vidas,
Pela correnteza abaixo levadas,
E em anos seguintes perdidas.]

Watts tinha um talento particular para colocar as coisas em sua devida perspectiva. Aqui, ele contrastou a eternidade e infinitude de Deus à

finitude do homem e brevidade de sua vida em um mundo caído. Watts parece estar transmitindo a oração do salmista do meio do Salmo 90 (v. 12): "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio".

Em seguida, no que pode ser uma das mais belas de todos as quadras de Watts, ele emprega a linguagem figurada de forma tão vívida que quase podemos ver o tempo personificado e sentir a correnteza do riacho, à medida que "leva embora toda a sua cria":

Time, like an ever-rolling stream,
Bears all its sons away;
They fly forgotten, as a dream
Dies at the op'ning day.

[Tempo, como um riacho que sempre corre,
Leva embora toda sua cria;
Voa esquecida, como um sonho que morre
Logo na abertura do dia.]

No uso geral, uma estrofe é aqui omitida, e Watts termina o seu poema com um *inclusio*, acabando seu grande poema onde começou:

Our God, our help in ages past,
Our hope for years to come:
O be our guard while troubles last,
And our eternal home.

[Nosso Deus, no passado, nosso alento,
Esperança em anos vindouros,
Nosso abrigo do temporal violento,
E nosso lar imorredouro.]

É geralmente aceito que Watts escreveu a sua interpretação poética do Salmo 90 em 1714, um ano de grandes incertezas para os não-conformistas na Inglaterra. A rainha Ana, filha do último monarca Stuart, Jaime II, que era católica romana, foi cercada por assessores pró-católicos, que queriam que ela passasse a coroa para seu irmão católico Stuart. Estes conselheiros viram na aprovação da Lei do Cisma no Parlamento, uma lei que, inevitavelmente, traria perseguição para todos os não-conformistas – incluindo Watts e o seu rebanho em Londres. Watts, muito provavelmente, escreveu este hino com o temor iminente do retorno do tipo de perseguição que ele e sua família haviam conhecido em seus primeiros anos.

Quaisquer que sejam as circunstâncias sob as quais foi escrito, "Nosso Deus, no Passado, nosso Alento" se tornou um favorito perene, e substituiu praticamente todas as versões rivais do salmo em hinários ingleses. Infelizmente, a sua mensagem foi distorcida em uma promessa de ajuda de Deus para a nação da Grã-Bretanha, onde se tornou "o segundo hino nacional da Inglaterra".[20]

WATTS E DEFOE

Em 1719, o mesmo ano em que *Salmos de Davi* de Watts foi publicado, Daniel Defoe, outro não-conformista e graduado pela Academia Newington, concluiu e publicou o primeiro romance inglês, *Robinson Crusoé*. Não é de se surpreender, dadas as origens semelhantes dos dois homens, que várias ideias expressas no romance de Defoe fazem paralelo com a interpretação de Watts do Salmo 103.

Diferentemente de Watts, o protagonista de Defoe, Crusoé, não tinha interesse algum em adorar o Senhor por qualquer de seus favores divinos a ele. O romance de Defoe é o conto de domesticação de um jovem que se rebela contra seu pai, foge de sua casa em busca de riqueza e aventuras no

mar. Sendo fustigado por violentas tempestades, piratas, escravidão, naufrágio, febre tropical e canibais, Crusoé é trazido ao momento em que reconhece ser devido à sua ingratidão para com Deus e sua bondade que ele tenha sido isolado de toda a sociedade humana, um rejeitado de Deus e do homem.

Crusoé admite que ele era "como um animal irracional" diante do Senhor, que ele "desconsiderava Deus", [21] e que era um ingrato que nunca orou ou louvou o seu Criador. Mas quando a sua consciência começa a ser despertada pela obra graciosa do Espírito de Deus, Crusoé confessa que "todos os nossos descontentamentos sobre o que queremos brotam da falta de gratidão por aquilo que temos".[22] Defoe retorna ao longo do romance para a nossa persistente inclinação à ingratidão.

Watts seguiu o salmista ao falar à sua própria alma sobre as misericórdias multiformes de Deus para com ele:

O bless the Lord, my soul;
Let all within me join,
And aid my tongue to bless his name,
Whose favors are divine.

O bless the Lord, my soul,
Nor let his mercies lie
Forgotten in unthankfulness,
And without praises die.

'Tis he forgives your sins,
'Tis he relieves your pain,
'Tis he that heals your sicknesses
And makes you young again.[23]

[Bendize, ó minha alma, ao Senhor;
Todo o meu ser esteja unido,
E ajude minha língua a bendizê-lo,

Cujos favores são divinos.

Bendize, ó minha alma, ao Senhor;
Que as misericórdias não estejam
Assim esquecidas na ingratidão,
E sem os seus louvores morram.
É ele quem perdoa t*eus pecados,*
Quem à tua dor alívio traz,
É ele quem cura t*uas enfermidades*
E jovem de novo te faz.]

O verdadeiro ponto de virada na vida de Crusoé vem quando ele cai mortalmente doente, seu corpo torturado pela febre e dor. Aterrorizado de morrer abandonado e sozinho, Crusoé clama: "Deus, ajude-me, pois estou com muitas dores". Ele, então, descobre uma Bíblia no que sobrara de seu navio naufragado, abre-a e lê: "Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás".[24] Crusoé imediatamente assume que isso significa que Deus o livrará tanto da doença quanto do seu isolamento torturante como um náufrago na ilha deserta. Ele clama por libertação, mas quando ela não aparece imediatamente ele começa a pensar. Olhando em volta para a terra e o mar, ele reflete sobre o lugar de onde tudo veio e conclui que Deus deve ter feito todas as coisas, e "se Deus fez todas estas coisas, ele guia e governa a todas".[25] Em seguida, ele percebe que Deus trouxe todas essas coisas sobre ele com um propósito.

Crusoé começa a ler a Bíblia com seriedade, e logo grita em voz alta: "Jesus, Filho de Davi, Jesus, exaltado Príncipe e Salvador, dá-me o arrependimento"! Sua alma começa a buscar nada de Deus além da libertação do fardo do pecado e culpa que recaem sobre ele. Ele conclui este episódio com uma reflexão sobre aqueles que são trazidos a um "verdadeiro sentido das coisas", dizendo que eles "acharão a libertação do

pecado uma bênção muito maior do que a libertação da aflição".[26] Como Watts coloca: "É ele quem perdoa teus pecados".

O protagonista de Defoe agora acha a sua vida coroada com o amor salvífico de Jesus; ele foi resgatado do túmulo, e toda a sua perspectiva sobre a sua prisão na ilha começa a mudar. A sua raiva em relação a Deus por lançá-lo em um lugar tão abandonado desaparece: "Eu não deveria questionar a sua soberania, pois, sendo eu sua criatura, ele tinha um direito inquestionável pela criação de governar e dispor de mim como considerasse absolutamente adequado".[27] Deus é livre para exercer o seu poder soberano para salvar na vida miserável de Crusoé.

Watts expressa essa percepção da bondade de Deus e aceitação de sua soberania, como está no Salmo 103:

He crowns your life with love
When ransomed from the grave;
He that redeemed my soul from hell
Has sovereign power to save.

He fills the poor with good;
He gives the suff 'rers rest;
The Lord has judgments for the proud
And justice for th'oppressed.

His wondrous works and ways
He made by Moses known;
But sent the world his truth and grace,
By his beloved Son.

[Sua vida ele coroa co' amor
Ao do túmulo a resgatar;
Ele, que remiu minha alma do inferno
É soberano *p'ra salvar.*

Ele preenche os pobres com bem;
Ele dá descanso aos sofridos;
O Senhor traz o juízo aos orgulhosos
E faz justiça aos oprimidos.
Sua obra e seus caminhos esplêndidos
Por meio de Moisés anunciados;
Mas enviou ao mundo sua verdade e graça,
Através de seu Filho amado.]

De acordo com seu método histórico-redentivo, Watts salienta a superioridade da verdade e da graça de Deus, revelada pelo "seu amado Filho", sobre os tipos e sombras da antiga aliança vistas na lei de Moisés. Da mesma forma, o protagonista pobre e orgulhoso de Defoe foi transformado pela obra soberana do Espírito de Deus e chegou a ver que o Filho era de fato a maior revelação. Ele, então, respondeu gritando: "Jesus, Filho de Davi, Jesus, exaltado Príncipe e Salvador", uma confissão doxológica remanescente do próprio Watts.

"ALEGRIA AO MUNDO"
[Hino "Rei Excelso", 26 do HCC]

O Salmo 98 está repleto de júbilo acerca da maravilhosa bondade restauradora do Deus de Israel. É uma antífona doxológica que aguarda com expectativa o reino prometido de Deus sobre toda a terra. Sob o talento santificado de Watts, o salmo da antiga aliança se tornou um convite à alegria exuberante pela salvação prometida, que veio ao mundo no Rei Jesus. É uma das canções de Natal mais amadas na língua inglesa, uma em que todas as pessoas – de fato, todas as coisas no céu e na natureza – são chamadas a cantar os louvores ao rei que governa.

Joy to the world! The Lord is come:
Let earth receive her King;
Let every heart prepare him room,
And heav'n and nature sing,
And heav'n and nature sing,
And heav'n, and heav'n and nature sing.

Joy to the earth! The Savior reigns:
Let men their songs employ;
While fields and floods, rocks, hills, and plains Repeat the sounding joy,
Repeat the sounding joy,
Repeat, repeat the sounding joy.

No more let sins and sorrows grow,
Nor thorns infest the ground;
He comes to make his blessings flow
Far as the curse is found,
Far as the curse is found,
Far as, far as the curse is found.[28]

[Alegria ao mundo! O Senhor aqui está:
Que as criaturas seu Rei recebam;
Que os corações lhe preparem lugar,
E céus e natureza cantam,
E céus e natureza cantam,
E céus, e céus e natureza cantam.

Alegria à *terra! O Salvador domina*
Que todo homem no mundo cante;
E águas, campos, rochas, vales, colinas
Entoam a alegria ressoante,
Entoam a alegria ressoante,
Entoam, entoam a alegria ressoante.

Não deixe pecado e angústia evoluir,
Nem espinho a terra infestar;
Ele vem p'ra fazer suas bênçãos fluir
Onde a maldição se encontrar,
Onde a maldição se encontrar,
Onde, até onde a maldição se encontrar.]

A terceira estrofe, que termina com o refrão "Onde a maldição se encontrar", é um dos lugares onde os editores afiaram suas facas sobre Watts. Mas eles não deveriam fazê-lo. O salmo está expressando a alegria da libertação dupla: da maldição da queda e da maldição da lei. Como Paulo diz em Gálatas: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar" (3:13). Aqui, novamente, de forma eficaz e correta, Watts interpreta o salmo para incluir o seu cumprimento em Cristo.

Watts passa a retratar Cristo como o Rei e Redentor, que domina o seu mundo:

He rules the world with truth and grace,
And makes the nations prove
The glories of his righteousness
And wonders of his love,
And wonders of his love,
And wonders, wonders of his love.

[Governa o mundo com graça e verdade,
E, assim, faz provarem os povos
As glórias de sua fidelidade
E os afetos maravilhosos,
E os afetos maravilhosos,
E afetos, afetos maravilhosos.]

Não surpreendentemente, Watts conclui sua interpretação do salmo em um deslumbramento embasbacado diante da salvação estupenda que Deus adquiriu para os pecadores em seu Filho. E o deslumbramento de Watts é contagioso, como a popularidade duradoura deste hino atesta.

Mas nem todo mundo encontra a alegria nas palavras de Watts. Os defensores da salmodia exclusiva estavam determinados a silenciá-lo. Estranhamente, isso os obriga a silenciar palavras como estas: "Jesus reinará em regiões onde o sol, sua luz, em suas sucessivas jornadas conduz". Um exemplo notável de tais esforços ocorreu nos Estados Unidos. O Rev. Adam Rankin chegou na Filadélfia para fazer o seu apelo à Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana em maio de 1789. Ele declarou: "Eu montei a cavalo todo o caminho da minha casa no Kentucky até aqui para pedir a este corpo que recuse o grande e pernicioso erro de adotar o uso dos hinos de Isaac Watts em culto público em detrimento dos Salmos de Davi". Outro crítico lamentou, "congregações cristãs calaram Salmos divinamente inspirados e tomaram parte no arroubo de fantasia de Watts".[29]

O irmão de Watts, Enoch, discordou fortemente, como expresso em uma carta a seu célebre irmão, "Com você a antiga verdade foi despojada de seus ornamentos e aparência esfarrapados, e se podemos dizer assim, séculos mais jovem, em vestimentas novas e elegantes". Quanto às antigas versificações inglesas de Salmos: "Há nelas uma poderosa deficiência de vida e alma, que é necessária para aumentar as nossas fantasias, acender e incendiar as nossas paixões. Tenho sido persuadido há um grande tempo, que se Davi falasse inglês, ele optaria por fazer uso de seu estilo".[30] Vindo da pena de um irmão próximo que também era poeta e poderia ser mais facilmente inclinado a encontrar críticas no estilo de seu irmão mais velho, as palavras de Enoch Watts são elogios de fato.

WATTS: LOUVORES CRISTOCÊNTRICOS

Talvez a maior lição a ser aprendida com a poesia de Watts seja o seu entendimento de como ler e interpretar toda a Escritura; Watts, assim como Spurgeon e os melhores pregadores do passado e do presente, foi direto para a cruz, e assim devemos fazer. A manifestação permanente dessa tendência de Watts é vista no melhor de suas versificações de salmos, apropriadas para a adoração cantada de todos os cristãos, "onde o sol, sua luz, em suas sucessivas jornadas conduz".

Que possamos, como Watts, ler e entender nossas Bíblias, procurando encontrar Cristo em todas as páginas. Podemos então cantar com Watts seus "afetos maravilhosos". E que possamos conhecer a suficiência do braço de Cristo, e que nele a nossa defesa é inabalavelmente segura.

CONCLUSÃO

Watts Para o Nosso Tempo

Há uma tendência soturna da sociedade para deturpar, maltratar e até difamar homens geniais. Por exemplo, um crítico de Isaac Watts disse: "A maioria dos hinos do Dr. Watts é burlesca", e o autor escocês George MacDonald escreveu desdenhosamente críticas condescendentes sobre ele.[1] E Watts teve mais do que sua cota de maltrato. Um exemplo de tal situação negligente vem de um biógrafo do século XIX que sugeriu que Watts plagiou o poeta Thomas Gray ao escrever estas linhas:

The opening heavens around me shine
With beams of sacred bliss.[2]

[Os céus se abrindo ao meu redor refulgem Com raios de sagrada alegria.]

Uma verificação rápida da linha do tempo da literatura inglesa, no entanto, teria revelado que Watts publicou as linhas acima nove anos antes de Gray ter nascido.

Por outro lado, quando se trata de genialidade, muitas vezes há um apetite para encontrar a história sensacional ou irônica. Uma dessas histórias – com diferentes versões – sustenta que Charles Wesley disse que trocaria alegremente todos os seus seis mil hinos para ter escrito o hino "Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei" de Watts. Mas o primeiro biógrafo de Watts, Thomas Gibbons, registrou que foi Watts quem fez a

declaração sobre o hino de Wesley "Come, O Thou Traveler Unknown" [Vem, ó Tu Viajante Desconhecido],[3] um hino que, ironicamente, é quase desconhecido hoje, enquanto "Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei" está incluído em centenas de edições de hinários e é até mesmo cantado nos cultos realizados em campo de batalha.

ADULTERANDO WATTS

Alguns editores de hinos de Watts foram tão agressivos em sua ânsia de fazê-lo falar como nós que o que resta é tão robusto quanto um balão vazio depois de uma festa de aniversário. Estes editores espanam as mãos com satisfação; nenhum "tu" e "vós" restou para atrapalhar.

A respeito dessa tendência intrusiva, C.S. Lewis escreveu: "O bem a ser feito pela revisão precisa ser muito grande e muito certeiro antes que possamos jogar uma parte fora". Ele argumentou que a revisão "põe a perder a devoção".[4] E ele gostaria que os inclinados à revisão se lembrassem de que o Senhor disse a Pedro, "Apascenta as minhas ovelhas" (João 21:17), e não "Faça experiências com os meus ratos, ou até mesmo, ensine meus cães a realizar novos truques".[5] Lewis pediu por "permanência e uniformidade" na adoração e referiu-se ao amor moderno pela novidade e revisão como o "incômodo litúrgico"[6] da igreja. Finalmente, se era necessária a revisão, ele acreditava que deveria ser "um pouco aqui e um pouco ali; uma palavra obsoleta substituída em um século".[7] Nós teríamos o melhor de Watts se os editores de hinos seguissem esta sabedoria - e saberíamos se era ou não Watts.

Como Lewis admite, no entanto, há casos em que idioma foi tão alterado que um editor pode ser obrigado a editar uma palavra ou frase ultrapassada. Uma ocorrência deste tipo é encontrada no uso não pouco frequente de Watts da palavra *entranhas*, uma palavra que, se deixada na poesia, perturba o cantor de tal forma que toda a santa contemplação

abruptamente para. O mesmo é verdadeiro de sua utilização equivocada ocasional de *Grã-Bretanha* no lugar de *Israel* em seus salmos.

Watts tem sofrido nas mãos dos editores até mesmo nos dias presentes, mas mais agressivamente sob editores arminianos que queriam reduzir a sua teologia. Da mesma forma que os modernos hipócritas são ofendidos pelo verso de John Newton "salvou um pecador como eu" em seu hino "A Graça Eterna", eles se ofendem pelo verso de Watts "por um tal verme assim como eu", uma linha que recebe a faca do editor mesmo em editoras que afirmam concordar com a doutrina da depravação total de Watts. O hino incomparável de Watts "Como é mui Doce e Terrível Este Local" é reduzido a "Como é mui Doce e Incrível Este Local", e embora *terrível* (no original: *awe*) tenha assumido um significado, hoje, que já não invoca a sensação de reverência santa e temor correto do Senhor implícita na palavra original, *incrível* tornou-se totalmente inadequado no idioma inglês (*awful*) pelo jargão skatista entre adolescentes que reduziu a palavra a uma expressão de admiração para uma manobra executada em uma onda de concreto na pista de skate. Em seguida, eles atacarão a palavra *doce*, que no idioma inglês (*sweet*) também passou a ser uma gíria na linguagem adolescente. Editores de hinos fariam melhor se mantivessem os hinos como um meio de recuperar a língua ao invés de adultera-los e, assim, tornarem-se cúmplices na morte da hinódia. Desta forma, os editores fariam melhor se deixassem os hinos de Watts, em sua maior parte, como ele escreveu, e se não gostassem de alguma dimensão deles, incluíssem uma melhor em seu lugar.

WATTS NOS ESTADOS UNIDOS

Watts morreu bem antes da Guerra de Independência dos Estados Unidos e, por isso, foi poupado dos ressentimentos que surgiram entre alguns cristãos britânicos e americanos que cantavam seus hinos. Os hinos

de Watts foram amplamente cantados em todas as igrejas e casas nas colônias americanas e, apesar da lealdade britânica de Watts, continuaram a definir a adoração cantada na nova república após a guerra.

A extensão em que Watts havia se tornado popular nas colônias é ilustrada em um momento heroico na luta pela independência. Em 23 de junho de 1780, o General patriota Nathanael Greene e seu dois mil homem da milícia de Nova Jersey travavam um combate mortal contra seis mil soldados britânicos na batalha de Springfield, em Nova Jersey. A luta estava furiosa, e quando uma das companhias patriotas ficou sem a bucha de estopa para os mosquetes, o pastor presbiteriano James Caldwell, cuja esposa havia sido baleada e morta pelos ingleses algumas semanas antes, correu para a igreja presbiteriana próxima. Ele voltou com os braços carregados de hinários. "Encham os britânicos com a doutrina dos hinários", ele gritou. "Deem-lhes Watts, rapazes! Coloquem Watts neles, rapazes!"[8] Os heroísmo do pároco presbiteriano - e, de certa forma, de Watts – contribuiu para uma das grandes surpresas da guerra: os grosseiros americanos excedidos em número obtiveram uma vitória decisiva.

Sem ter ideia de como Watts, mais tarde, seria usado pelo lado americano em Springfield, Benjamin Franklin publicou a primeira edição americana de *Salmos de Davi* de Watts em 1729.[9] George Whitefield tinha em grande estima os hinos de Watts e utilizou-os em todas as colônias em sua pregação itinerante durante o Primeiro Grande Despertamento.[10] Cotton Mather e Watts se correspondiam frequentemente, e Mather escreveu uma nota em seu diário, em 1711, expressando sua satisfação por ter recebido um livro de hinos que Watts havia enviado para ele – presumivelmente, assinado pelo autor. Pensa-se que Jonathan Edwards tenha tido grande interesse em estudar os sermões e poesias de Watts.[11] Em seu testamento, Watts deixou muitos de seus trabalhos para a

Universidade de Yale, onde o pai de seu antecessor na Capela Mark Lane, Isaac Chauncey, havia sido presidente.

Timothy Dwight, neto de Jonathan Edwards, presidente de Yale e capelão no exército patriota, foi comissionado, em 1797, a completar a interpretação poética dos Salmos e revisar algumas das alusões mais evidentes de Watts à realeza britânica, as quais foram consideradas inadequadas na nova república americana. No decorrer da paráfrase da versão dos Salmos de Watts, Dwight se inspirou para escrever o seu mais conhecido hino, "I Love Thy Kingdom, Lord" [Eu amo o Teu Reino, Senhor].[12]

UM MORTAL RECEOSO

Em 1706, logo após o lançamento de seu *Horae Lyricae*, Watts ficou seriamente doente. Ele havia se sobrecarregado e estava exausto e febril; a dor arruinava o seu estômago. Ele foi forçado a ir para sua casa em Southampton para que sua família pudesse cuidar dele. Enquanto estava lá, ele conseguiu escrever outro hino, um de seus melhores, apropriadamente sobre o tema da morte e céu.[13] O Watts de trinta e dois anos de idade ainda não estava na metade de sua vida na terra, mas o hino sugere fortemente que Watts se sentia tão enfermo que temia estar morrendo. No entanto, há pouca expressão de medo em "Há uma Terra de Completo Deleite", e muito mais de deslumbramento diante das glórias do céu, onde "prazeres a dor dizimam".

O hino é pastoral e cheio de ricas ilustrações inspiradas pelas belezas do campo que ele tanto amava em Southampton. Alguns sugerem que Watts escreveu lá as palavras "enquanto olhava do outro lado da água da costa ocidental de Southampton para o New Forest",[14] uma teoria que se encaixa às variadas alusões aos campos de "vívida vegetação" visíveis através do "rio estreito" da casa da infância de Watts:

There is a land of pure delight,
Where saints immortal reign;
Infinite day excludes the night,
And pleasures banish pain.

There everlasting spring abides,
And never-with'ring flow'rs;
Death, like a narrow sea, divides
This heav'nly land from ours.

Sweet fields beyond the swelling flood
Stand dressed in living green;
So to the Jews old Canaan stood,
While Jordan rolled between.

But tim'rous mortals start and shrink
To cross this narrow sea;
And linger, shiv'ring, on the brink,
And fear to launch away.

O could we make our doubts remove,
Those gloomy doubts that rise,
And see the Canaan that we love,
With unbeclouded eyes![15]
[Há uma terra de completo deleite,
Onde os santos imortais reinam;
Dias infinitos excluem a noite,
E prazeres a dor dizimam.

A primavera eterna habita lá,
E flores que nunca fenecem;
Morte, como um rio estreito, a separar
A nossa terra da celeste.

Além das águas, doces pradarias
Em vívida vegetação;
Como Canaã p'ra os judeus subsistia,
Enquanto entre eles fluía o Jordão.

Mas mortais temerosos retrocedem
Ao atravessar o estreito mar;
E, trêmulos, à beira, permanecem
Temendo nele se lançar.

Fossem nossas dúvidas removidas,
Sombrias dúvidas despertadas,
E víssemos a Canaã tão querida,
Com a vista desanuviada!]

Watts ainda era jovem, e, sem dúvida, as esperanças e sonhos ainda não realizados por ele nesta vida se aglomeravam em seus desejos algumas vezes. Ele era humano, feito para a vida e não para a morte. Assim, quando tremendo de febre, quando encolhido de medo sob os terrores incertos do "estreito mar" da morte que ele pensou estar logo diante dele, Watts foi capacitado a escrever com profunda autenticidade uma das suas quadras mais evocativas:

But tim'rous mortals start and shrink
To cross this narrow sea;
And linger, shiv'ring, on the brink,
And fear to launch away.

[Mas mortais temerosos retrocedem
Ao atravessar o estreito mar;
E, trêmulos, à beira, permanecem
Temendo nele se lançar.]

Cristãos moribundos – todos nós – ganham confiança com a honestidade de Watts nesta quarta estrofe. Somos todos mortais "temerosos" que "retrocedem" à medida que nos aproximamos da nossa própria morte. O poder duradouro dessas linhas salta de seu contexto autobiográfico: talvez somente um homem que sinta estar olhando a morte de frente em cada respiração ofegante poderia ter escrito uma quadra tão imortal. Como visto em seus outros hinos, Watts encontrava esperança e coragem em face da morte, não em seu frágil ser, mas no poder de Cristo, que cruzou aquele mar e venceu a morte para ele. Embora muitas vezes doente, Watts viveria quarenta e três anos ainda mais intensamente produtivos, antes que pudesse "nele se lançar".

TEMPO E MORTE

Em um dos produtos desses anos, *Meditations: Vanity Inscribed in All Things* [Meditações: A Vaidade Gravada em Todas as Coisas], Watts escreveu linhas de prosa sobre temas semelhantes explorados em outros lugares em sua poesia: "O tempo, como um longo fluxo corrente, apressa-se para a eternidade, e ali, é para sempre perdido e engolido; e enquanto acelera rumo ao seu desfecho, varre consigo todas as coisas que não são imortais".[16] Não se pode deixar de ouvir a sua estrofe do Salmo 90 sobre o mesmo tema:

> Time, like an ever-rolling stream,
> Bears all its sons away;
> They fly forgotten, as a dream
> Dies at the op'ning day.
>
> [Tempo, como um riacho que sempre corre, Leva embora toda sua cria;
> Voa esquecida, como um sonho que morre
> Logo na abertura do dia.]

Watts amava a propriedade suntuosa na Casa Abney onde viveu e escreveu nas últimas décadas de sua vida. Ele gostava especialmente dos "jardins elegantes, dos passeios agradáveis, das subidas suaves e declives leves... que trazem o paraíso perdido à mente".[17] Ele reconheceu que tais lugares enriqueciam a sua imaginação; no entanto, ele continuou em suas *Meditações*: "O tempo, e todas as suas horas cíclicas, com asa veloz, faze-o desvanecer. O declínio desloca-se sobre ele insensivelmente, e daqui a alguns anos ele se deitará em ruína apodrecida e desolação! Possuidor infeliz se ele não tiver melhor herança".[18]

Amplamente provido pela generosidade da rica família Abney, Watts estava livre para estudar e escrever sem a preocupação de ganhar a vida. Watts teve pouca renda a partir de qualquer um de seus muitos livros. Samuel Johnson, em seu *Lives of the Poets [Vidas dos Poetas]*, escreveu que Watts deu aos pobres "a terça parte de suas receitas anuais, embora o todo não fosse de cem libras por ano". Consequentemente, Watts tinha somente pena daqueles que mediam o sucesso por meio temporais, do homem que "incha em meio à sua fartura abundante". Watts concluiu que tal homem é, "apenas um miserável com todas as suas terras",[19] que vive sem se importar com a morte e o julgamento diante de um Deus santo.

Watts passou os seus anos em prontidão diária para a morte. E ele queria preparar sua congregação para a morte por meio de seus sermões e hinos, e de seu trabalho em prosa sobre a lógica e filosofia moral. Da mesma forma, ele queria preparar para a morte as crianças e famílias que liam e memorizavam suas *Canções Divinas*. Watts acreditava que em um mundo estragado pelo pecado, doença e morte, como o nosso, pais que amam seus filhos tornariam um dever regular prepará-los para a morte. Em seus dias, metade de todos os recém-nascidos não chegaria à vida adulta. A morte estava ao seu redor. Assim, em suas *Canções Divinas*, Watts

escreveu versos que, aos ouvidos modernos, podem parecer mórbidos, especialmente se dirigidos às crianças:

> There is an Hour when I must die,
> Nor do I know how soon 'twill come;
> A thousand Children young as I
> *Are called by Death to hear their Doom.*[20]
>
> *[Há uma Hora quando terei que morrer,*
> *Não sei quão cedo ela poderá vir;*
> *Mil Crianças jovens como eu virão a ser*
> *Chamadas pela Morte p'ra* o Juízo ouvir.]

Que estranhas essas palavras soariam hoje, no entanto, quão abençoadas foram as gerações de crianças ensinadas a respeito do pecado e da morte pela mão gentil de Watts, as quais ele apontava para Cristo, o único que triunfou sobre a morte na cruz.

Como é evidente a partir dos temas explorados em seus hinos, Watts viveu em um estado quase constante de mentalidade celestial. Essa característica certamente aparece em seu livro *The World to Come [O Mundo Vindouro]*, que poderia servir muito bem como um título para todo o trabalho de Watts. Muitas vezes comparado ao livro de Richard Baxter *O Descanso Eterno dos Santos*, *O Mundo Vindouro* de Watts foi publicado em dois volumes apenas três anos antes de sua morte.

Nele, Watts desenha imagens vívidas em um esforço para despertar seu leitor tanto para a realidade da morte quanto, para aqueles que estão em Cristo, para a beleza e a luz do céu. Em determinado ponto, ele convida o leitor a imaginar um homem há muito confinado em uma prisão escura, quando, de repente, "em alguns felizes minutos, as paredes caem. Com surpresa, ele contempla o rei em toda a sua glória e conversa com os moradores. Ele respira ar puro, coloca-se sob céu aberto; ele sacode a poeira de si mesmo, e exulta em sua própria liberdade".[21] Em outra parte,

ele escreveu: “É uma glória para o Evangelho quando podemos descansar com coragem e esperança nas suas bênçãos prometidas. É uma honra para a nossa fé comum quando [o evangelho] supera os terrores da morte, e eleva o cristão a uma canção de triunfo na visão de nosso último inimigo”. Como ele colocou em versos:

> *Jesus can make a dying bed*
> *As soft as downy pillows are.*[22]
>
> [Jesus pode tornar um leito de morte
> Tão suave quanto travesseiros macios.]

Com a morte do próprio Watts se aproximando, ele tinha muitos amigos de luto, mas disse: “Podemos abordar a nossa despedida deles com santa coragem, regozijando-nos na salvação de Cristo”.[23] Muitos desses amigos compareceram ao seu funeral e permaneceram junto quando seu corpo foi rebaixado para a terra em Bunhill Fields, o cemitério não-conformista em Londres.

Milhares de pessoas já visitaram o local desde então, incluindo eu mesmo, em uma série de ocasiões, cantando com outros o hino incomparável de Watts “Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei”. Mais recentemente, eu estava próximo à pedra coberta de líquen de seu túmulo e refleti sobre as palavras de *O Mundo Vindouro*, que, de forma tão honesta, representam como todo mundo, no fundo, pensa sobre sua morte, seu túmulo e sua memória. Imagine a si mesmo em seu túmulo e ouça o que Watts escreveu:

> Talvez algum bondoso amigo sobrevivente possa gravar o meu nome, com o número dos meus dias, sobre uma lápide simples, sem ornamento e que não cause inveja; lá estará o meu túmulo, entre os demais, como um novo monumento da fragilidade da natureza e do final dos tempos. É possível que pés amigáveis possam, de vez em quando, visitar o lugar do meu repouso, e olhos ternos possam orvalhar o memorial frio com uma lágrima: um ou outro

> dos meus antigos conhecidos possam, eventualmente, frequenta-lo para ouvir a palestra silenciosa sobre a mortalidade a partir do meu túmulo de pedra. Talvez ele aponte o dedo e mostre ao seu companheiro o mês e o dia do meu falecimento.[24]

Em seu leito de morte, Watts comentou com seu secretário pessoal, Joseph Parker: "Os cristãos mais eruditos e cheios de conhecimento, quando se aproximam de sua morte, têm as mesmas promessas simples do evangelho para seu conforto que os comuns e iletrados; e é assim que eu o encontro. São as promessas simples do evangelho que são o meu conforto".[25] Parker respondeu que Watts o ensinou a viver e, por sua paciência e compostura, ensinava-o a morrer. Parker, em seguida, leu as promessas de Cristo: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Hebreus 13:5), e perguntou ao seu mestre se ele experimentava o conforto das palavras de Cristo. "Sim", Watts respondeu.[26]

Logo depois, em seu quarto na Casa Abney, Watts morreu. Era 25 de novembro de 1748. Ele tinha 74 anos de idade quando entrou na presença de Cristo.

Em uma de suas meditações, ele escreveu sobre o céu, onde haverá "poderes e glórias novas e desconhecidas, chamas mais brilhantes da imaginação, cenários mais ricos de inteligência e fantasia e talentos divinos".[27] Isso nos faz imaginar: Majestosos como são no mundo, como soaria um hino de Watts no céu?

> There we shall see His face,
> And never, never sin;
> There from the fountain of His grace
> *Drink endless pleasures in.*[28]

[Lá sua face sempre veremos,
E não pecaremos jamais;
Na fonte de sua graça beberemos
De seus prazeres eternais.]

Em *O Mundo Vindouro*, Watts desperta imaginativamente os sentidos de seu leitor, criando um cenário emocionante em que chegamos ao céu e somos cercados pelo exército dos remidos, todos reconhecendo a sua grande indignidade de serem tão abençoados, e deleitando-se no grande mérito do Cordeiro que foi morto em seu lugar. Watts escreveu sobre sua presença ali: "É tudo devido à graça de Cristo, essa graça que é suficiente para todo santo. Eles são feitos "mais que vencedores, por meio daquele que os amou".[29]

WATTS PARA OS NOSSOS DIAS

Enquanto tropeçamos ao redor da "inquietação litúrgica" da igreja contemporânea, Watts pode fornecer tanto o lastro teológico quanto litúrgico que a adoração cristã precisa tão desesperadamente. E ele pode nos dar um leme emocional, um meio de orientar as paixões na adoração pela verdade proposicional objetiva entregue com sentimento. Sem tal leme, a adoração naufraga nas águas rasas do emocionalismo barato geradas da mesma maneira que em um show ou um jogo de futebol. Tragicamente, no lugar de cantar salmos, hinos e cânticos espirituais na adoração a Jesus Cristo (Col. 1:16-17), os sentimentos brutos de tê-lo feito podem estar suplantando a coisa real.

Watts tinha quase trezentos anos antes de Little Richard dizer: "O blues teve um filho ilegítimo e nós o chamamos de rock 'n' roll".[30] Mas ele entendeu coisas importantes sobre como os seres humanos podem ser conectados a algo, coisas que Little Richard e seus sucessores

compreendem, mas que são reprimidas ou ignoradas por muitos na igreja hoje. Watts entendeu que "nossas paixões são intensamente voltadas para as coisas materiais, mas dificilmente movidas pelas descobertas mais importantes da fé". Ele estava guerreando contra os cânticos áridos e sem vida na adoração em sua juventude, e ele, com razão, queria ver emoção e paixão, como nós queremos, na adoração cantada. Ele sabia que as paixões "são instrumentos gloriosos e nobres da vida espiritual quando sob boa conduta". Mas aqui é onde Watts é uma voz contrária a muitos líderes de louvor bem-intencionados hoje: ele sabia que as paixões "são energias incontroláveis e maliciosas quando extraviadas".[31] Ele compreendeu – e assim também devemos nós – que é responsabilidade dos líderes da igreja tanto "assistir as emoções devotas" quanto "proteger contra o abuso delas". Séculos antes da invenção do baixo elétrico, Watts advertiu os líderes da igreja: "Que ele não comece com as suas emoções. Ele não deve manipular artisticamente" as suas paixões e sentimentos, até que tenha primeiro "colocado essas doutrinas diante dos olhos de suas faculdades de compreensão e raciocínio. As emoções não são nem guias para a verdade, nem juízes dela". Ele argumentou que, uma vez que "a luz vem antes de calor…, os cristãos estão mais bem preparados para o exercício útil e piedoso de suas emoções na vida espiritual se tiverem lançado as bases de um conhecimento ordenado das coisas de Deus".[32]

No melhor dos hinos de Watts, ele combina emoção e conhecimento. Mas para Watts, é sempre luz em primeiro lugar e, então, o calor. O sentimento de deslumbramento, a emoção de profunda gratidão, a vibração crescente de adoração e louvor sempre segue a exploração proposicional e objetiva das doutrinas do evangelho. Para Watts, o doxológico sempre seguiu o teológico. E a base do conhecimento ordenado das coisas de Deus, que devem preceder a verdadeira doxologia é essencial para todos os cristãos, homens e mulheres, ricos e pobres, em todos os momentos e em todos os lugares, pessoas com PhD ou supletivo, homens

de todas as tribos, raças, povos e línguas. Sabemos isso não porque Watts disse. Watts descobriu isso a partir da revelação divina. A poesia hebraica na Bíblia pode ser profundamente apaixonada, até mesmo erótica, e os Salmos são ricos de emoção vibrante, mas é sempre a luz primeiro, e então o calor. Certamente é isso o que o apóstolo Paulo estava pensando, quando escreveu: "Cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente" (1 Cor. 14:15).

A melhor maneira de descobrir isso, no entanto, não é lendo os argumentos em prosa de Watts. Leia e cante seus hinos. Uma geração de cristãos que retorne ao banquete de devoção de Watts colocado diante de nós em seus hinos encontrará alimento festivo para a mente e para o espírito. A compreensão de Watts sobre a verdade doutrinária a respeito de Cristo e da expiação se tornará a nossa compreensão. Sua determinação para levar cativo todo pensamento a Cristo se tornará a nossa determinação. Seu amor pelas crianças e pobres se tornará o nosso amor. Sua paixão pelos perdidos se tornará a nossa paixão. Sua emoção no perdão dos pecados se tornará nossa emoção. Seu louvor se tornará o nosso louvor. Sua reverência se tornará a nossa reverência. Seu deslumbramento pelo amor salvífico de Cristo pelos pecadores se tornará o nosso deslumbramento.

Todos os que anseiam por Cristo, por ser semelhante a Ele, por adorá-lo, por servi-lo, por compartilhar sua graça com o mundo, encontrarão em Watts um tesouro de doutrina experimental, adornando ricamente a verdade bíblica que conduz à paixão mais vibrante por Cristo.

E o quê dizer de uma cultura cristã que abandona Watts? Devemos esperar que continuemos a ser enganados pela emoção crua mascarada de luz espiritual. Eu, pelo menos, não quero por um momento ser arrebatado pela emoção, e me tornar um viciado em meus sentimentos, ser escravizado pela paixão crua – e dizer a mim mesmo que é com Cristo que estou entusiasmado. Eu não quero ser uma fraude. Quero Cristo. Eu quero

examinar, de todos os ângulos, a maravilhosa cruz em que meu Salvador voluntariamente entregou sua vida perfeita pela minha miserável e indigna. Eu quero ver a sua cabeça, suas mãos, seus pés, o sangue e a água de seu sofrimento e amor misturando-se à medida que fluem abaixo, lavando-me e limpando-me de minha culpa e corrupção. Eu quero olhar com deslumbramento um amor tão incrível e tão divino. Então, e somente então, eu quero ser levado, deslumbrado para além das palavras, com Jesus, meu sacrifício expiatório, o meu substituto gracioso, minha justiça perfeita.

Pela dádiva da graça de Jesus, foi dado a Watts um dom de deslumbramento poético atemporal. Ele era um gênio único. Nós não podemos tê-lo, era o dom de Watts. Mas foi um dom dado para a edificação da igreja, até chegarmos a essa "terra de completo deleite". Por meio dele, todas as gerações dos filhos de Deus podem tomar as palavras de Watts como suas. Por sua devoção poética, todo cristão pode participar de seu deslumbramento por Cristo e pelas glórias do mundo vindouro.

When I survey the wondrous cross
On which the Prince of glory died,
My richest gain I count but loss,
And pour contempt on all my pride.

Forbid it, Lord, that I should boast,
Save in the death of Christ my God:
All the vain things that charm me most, I sacrifice them to his blood.

See, from his head, his hands, his feet, Sorrow and love flow mingled down:
Did e'er such love and sorrow meet,
Or thorns compose so rich a crown?

Were the whole realm of nature mine,

That were a present far too small;
Love so amazing, so divine,
Demands my soul, my life, my all.

[Quando a maravilhosa cruz eu contemplei Sobre a qual o Príncipe da glória morreu, Todas as riquezas como perda contei,
E derramei desprezo em todo orgulho meu.

Não permita, Senhor, que eu possa me gloriar Salvo na morte de Jesus Cristo, meu Deus: As coisas vãs que mais podem me fascinar Eu lhas dou em sacrifício no sangue seu.

Veja, de sua cabeça, seus pés e suas mãos, Aflição e amor fluíram abaixo misturados: Alguma vez se uniu tal amor co' aflição, Ou espinhos tinham coroa tão rica formado?

Tivesse eu da natureza posse total,
'Inda seria um presente por demais pequeno; Amor tão maravilhoso, tão divinal,
Demanda minh' alma, vida e tudo que tenho.]

APÊNDICE A

Linha do Tempo de Isaac Watts

1674 Nasce em 17 de julho em Southampton

1690 Escreve o primeiro hino e inicia o preparatório para a universidade na Academia Stoke Newington **1694** Inicia o período de dois anos e meio de estudo e composição em casa **1696** Torna-se tutor dos filhos de Sir John Hartopp em Londres **1702** Torna-se pastor da Capela Mark Lane em Londres

1703 Nasce John Wesley

1706 Publica *Horae Lyricae*, sua primeira coletânea de poesias **1707** Publica *Hinos e Canções Espirituais*; nasce Charles Wesley **1709** Thomas Ken escreve "Doxologia"; nasce Samuel Johnson **1710 (ca.)** *Fortepiano* é inventado; G. F. Handel torna-se *kapellmeister* de Jorge II **1711** Alexander Pope publica *Ensaio Sobre a Crítica*

1712 Cotton Mather publica hinos de Watts nas colônias

1713 Joseph Addison publica *Cato*

1715 Publica *Canções Divinas para Crianças*

1717 Nasce William Williams, "o Isaac Watts do País de Gales", (escreveu "Guide Me, O Thou Great Jehovah" [Guia-me, Ó Grande Jeová]) **1719** Publica *Os Salmos de Davi Seguindo a Linguagem do Novo Testamento;* Daniel Defoe publica *Robinson Crusoé*

1722 Os hinos do Conde Nikolaus von Zinzendorf inspiram John Wesley a traduzir "Jesus, Thy Blood and Righteousness" [Jesus, Teu Sangue e

Retidão]

1729 Benjamin Franklin publica *Os Salmos de Davi* de Watts **1735** John and Charles Wesley navegam para Georgia

1736 Seu pai morre aos oitenta e cinco anos

1737 John Wesley prepara a *Charlestown Collection of Psalms and Hymns [Coleção Charlestown de Salmos e Hinos]*

1738 George Whitefield inicia sua primeira excursão de pregação pelos Estados Unidos, espalhando os hinos de Watts nas colônias **1739** Os Wesleys publicam *Hymns and Sacred Poems [Hinos e Poemas Sacros]*

1742 Jonathan Edwards usa os hinos de Watts em sua congregação **1746** A Rebelião Jacobita é esmagada em Culloden Moor

1748 Morre; John Newton, autor de "A Graça Eterna" é convertido **1749** Charles Wesley publica seu dois volumes *Hymns and Sacred Poems*

1753 George Whitefield publica um hinário

Década de 1760 Conflito nas igrejas coloniais sobre a substituição da salmodia exclusiva pelos hinos de Watts

APÊNDICE B

Hinos Favoritos de Isaac Watts

"Alas! and Did My Savior Bleed"
[Ai de Mim! E Sangrou Meu Salvador]
"Am I a Soldier of the Cross"
[Sou um Soldado da Cruz]
"Before Jehovah's Awful Throne"
[Diante do Terrível Trono de Jeová]
"Come, Dearest Lord, Descend and Dwell"
[Vem, Amado Senhor, Desce e Habita]
"Come, Holy Spirit, Heavenly Dove"
[Vem, Espírito Santo, Pomba Celestial]
"Come, We That Love the Lord"
[Vem, Todos os que Amam o Senhor]
"From All That Dwell below the Skies"
[De Tudo o que Habita Debaixo dos Céus]
"Give to Our God Immortal Praise"
[Dai ao Nosso Deus Louvor Imortal]
"Great God, How Infinite Art Thou!"
[Grande Deus, Quão Infinito És Tu]
"Have You Not Known, Have You Not Heard"
[Não Sabes, Não Ouvistes]

“How Sweet and Awful Is the Place”
[Como é Mui Doce e Terrível Este Local]
“I’ll Praise My Maker While I’ve Breath”
[Louvarei Meu Criador Enquanto Respirar]
“I’m Not Ashamed to Own My Lord”
[Não me Envergonho de Meu Senhor Ter]
“I Sing the Almighty Power of God”
[O Onipotente Poder de Deus Canto]
“Jesus Shall Reign” [Jesus Reinará]
“Join All the Glorious Names” [Junte Todos os Nomes Gloriosos]
“Joy to the World! The Lord Is Come” [Alegria ao Mundo]
“Let Children Hear the Mighty Deeds”
[Que as Crianças Ouçam os Feitos Poderosos]
“My Dear Redeemer and My Lord”
[Amado Redentor e Senhor Meu]
“My Great High Priest” [Meu Grande Sumo Sacerdote]
“Not All the Blood of Beasts” [Nem Todo o Sangue de Animais]
“O Bless the Lord, My Soul” [Bendize, ó Minha Alma, ao Senhor]
“O God, Our Help in Ages Past”
[Nosso Deus, no Passado, Nosso Alento]
“Stand Up, My Soul; Shake Off Your Fears”
[Levante-se, Minha Alma; Deixe Seus Temores]
“The Heavens Declare Your Glory, Lord”
[Os Céus Proclamam Tua Glória, Senhor]
“There Is a Land of Pure Delight”
[Há uma Terra de Completo Deleite]
“What Offering Shall We Give?” [Qual Oferta Devemos Dar?]
“When I Can Read My Title Clear”
[Quando Minha Epígrafe com Clareza Eu Leio]

“When I Survey the Wondrous Cross”
[Quando a Maravilhosa Cruz Eu Contemplei]

APÊNDICE C

Livros de Isaac Watts

Horae Lyricae. Poems, Chiefly of the Lyric kind. In Two Books [Horae Lyricae. Poemas, Principalmente do Tipo Lírico. Em Dois Volumes] (Londres: S. & D. Bridge for John Lawrence, 1706); ampliado como *Horae Lyricae. Poems, Chiefly of the Lyric kind. In Three Books [Horae Lyricae. Poemas, Principalmente do Tipo Lírico. Em Três Volumes]* (Londres: J. Humfreys for N. Cliff, 1709; Boston: Rogers & Fowle, 1748).

A Sermon Preached at Salters-Hall [Um Sermão Pregado em Salters-Hall] (Londres: J. Humfreys for John Lawrence, 1707).

Hymns and Spiritual Songs. In Three Books [Hinos e Cânticos Espirituais. Em Três Volumes] (Londres: J. Humfreys for John Lawrence, 1707; edição revisada e ampliada, 1709; Filadélfia: B. Franklin, 1741).

A Guide to Prayer: or, a Free and Rational Account of the Gift, Grace and Spirit of Prayer; with Plain Directions how every Christian may attain them [Um Guia para Oração: ou, um Relato Livre e Racional do Dom, Graça e Espírito de oração; com Instruções Simples de como Cada Cristão Pode Atingi-los] (Londres: Emanuel Matthews & Sarah Cliff, 1715; Boston: J. Draper for D. Henchman, 1739).

Divine Songs Attempted in Easy Language for the Use of Children [Canções Divinas Cantadas na Linguagem Simples Para o Uso de Crianças] (Londres: M. Lawrence, 1715; Filadélfia: B. Franklin & D. Hall, 1750; facsímile, Londres: Oxford University Press, 1971).

The Psalms of David Imitated in the Language of the New Testament, And apply'd to the Christian State and Worship [Os Salmos de Davi Seguindo a Linguagem do Novo Testamento e Aplicados à Condição e Adoração Cristã] (Londres: J. Clark, R. Ford & R. Cruttenden, 1719; Hartford, Conn.: N. Patten, 1785).

The Art of Reading and Writing English: or, the chief Principles and Rules of Pronouncing our Mother-Tongue, both in Prose and Verse; with a Variety of Instructions for True Spelling. Written first for Private Use, and now published for the Benefit of all Persons who desire a better acquaintance with their Native Language [A Arte de Ler e Escrever em Inglês: ou, Os Principais Princípios e Regras para se Pronunciar Nossa Língua Materna, Tanto em Prosa Quanto em Verso, com Uma Variedade de Instruções para a Verdadeira Ortografia. Escrito pela Primeira Vez para Uso Privado, e Agora Publicado em Benefício de Todas as Pessoas que Desejam Uma Melhor Convivência com Sua Língua Nativa] (Londres: John Clark, E. M. Matthews & Richard Ford, 1721).

Sermons on Various Subjects [Sermões Sobre Vários Temas] (Londres: John Clark, E. M. Matthews & Richard Ford, 1721; Boston: Rogers & Fowle, 1746).

An Elegy on the much lamented Death of Mrs. Elizabeth Bury [Uma Elegia Sobre a Morte Muito Lamentado da Sra. Elizabeth Bury] (Bristol: 1722?).

Logic: or the Right Use of Reason in the Enquiry after Truth with a Variety of Rules to guard against error in the Affairs of Religion and Human Life, as well as in the Sciences [Lógica: ou O Uso Correto da Razão na Investigação da Verdade com Uma Variedade de Regras para Proteger Contra o Erro nos Assuntos de Religião e Vida Humana, bem como nas Ciências] (Londres: Milner & Co., 1724; Boston: Thomas & Andrews, 1796).

Prayers Composed for the Use and Imitation of Children, suited to their different Ages and their various Occasions: together with Instructions to Youth in the Duty of Prayer, drawn up by way of Question and Answer. And

a Serious Address to them on that Subject [Orações Compostas para O Uso e Imitação de Crianças, Adaptados às Suas Diferentes Idades e Ocasiões: em Conjunto com Instruções para a Juventude no Dever da Oração, Elaborados por Meio de Pergunta e Resposta. E um Sério Trato com Eles Sobre Esse Assunto] (Londres: John Clark, Richard Hett, Emanuel Matthews & Richard Ford, 1728).

An Essay towards the Encouragement of Charity-Schools, particularly those which are supported by Protestant Dissenters, for teaching the Children of the Poor to Read and Work [Um Ensaio sobre o Incentivo a Escolas de Caridade, em Especial Aquelas Sustentadas por Dissidentes Protestantes, para Ensinar os Filhos dos Pobres a Ler e Trabalhar] (Londres: J. Clark, 1728).

The Doctrine of the Passions Explained and Improved; or, a brief and comprehensive Scheme of the Natural Affections of Mankind, and an Account of their Names, Nature, Appearances, Effects, and different Uses in Human Life; to which are subjoined Moral and divine Rules for the Regulation or Government of them [A Doutrina das Paixões Explicada e Melhorada, ou, Um Esquema Breve e Abrangente das Afeições Naturais da Humanidade, e Um Relato de Seus Nomes, Natureza, Aparências, Efeitos e Diferentes Usos na Vida Humana; às quais Estão Acrescentadas Regras Morais e Divinas para O Regulamento ou Governo delas] (Londres: 1729; Nova York: Robert Hodge, 1795).

Discourses of the Love of God and the Use and Abuse of the Passions in Religion, with a Devout Meditation suited to each Discourse [Discursos do Amor de Deus e do Uso e Abuso das Paixões na Religião, com Uma Meditação Devota Adequada para Cada Discurso] (Londres: J. Clark & R. Hett, 1729).

Catechisms; or, Instructions in the Principles of the Christian Religion, and the History of Scripture, composed for Children and Youth, according to their different Ages [Catecismos; ou, Instruções nos Princípios da Religião Cristã e na História da Escritura, Composta para Crianças e Jovens, de Acordo com

Suas Diferentes Idades] (Londres: E. Matthews, R. Ford & R. Hett, 1730; Boston: Rogers & Fowle for J. Blanchard, 1747).

An Humble Attempt toward the Revival of Practical Religion among Christians, and particularly the Protestant Dissenters [Uma Tentativa Humilde em Direção ao Renascimento da Religião Prática Entre os Cristãos, e Particularmente Os Dissidentes Protestantes] (Londres: E. Matthews, 1731).

The Strength and Weakness of Human Reason: or, the Important Question about the Sufficiency of Reason to Conduct Mankind to Religion and Future Happiness, Argued between An Inquiring Deist and a Christian Divine: and The Debate Compromis'd and Determin'd to the Satisfaction of both, by an Impartial Moderator [A Força e a Fraqueza da Razão Humana: ou, A Importante Questão sobre a Suficiência da Razão para Conduzir a Humanidade à Religião e Felicidade Futura, Discussão entre um Indagador Deísta e um Teólogo Cristão: E o Debate Comprometido e Determinado ao Contento de Ambos, por um Moderador Imparcial] (Londres: J. Pemberton & R. Hett, 1731).

Reliquiae Juveniles: Miscellaneous Thoughts in Prose and Verse, on Natural, Moral and Divine Subjects; Written chiefly in Younger Years [Reliquiae Juvenis: Pensamentos Diversos em Prosa e Verso, sobre Assuntos Naturais, Morais e Divinos; Escrito Principalmente em Anos mais Jovem] (Londres: Richard Ford & Richard Hett, 1734; Boston: William P. Blake, 1796; facsímile, Gainesville, Fla.: Scholars' Facsimiles & Reprints, 1968).

Self-Love and Virtue Reconciled only by Religion; or, an Essay to prove that the only Effectual Obligation of Mankind to practice Virtue depends on the Existence and Will of God; together with an occasional Proof of the Necessity of Revelation [Amor Próprio e Virtude Reconciliados Apenas pela Religião, ou, Um Ensaio para Provar que a Única Obrigação Válida da Humanidade para Praticar a Virtude Depende da Existência e Vontade de Deus;

Juntamente com Uma Prova Ocasional da Necessidade de Revelação] (Londres: 1739).

The Improvement of the Mind: or, a Supplement to the Art of Logick: containing a Variety of Remarks and Rules for the Attainment and Communication of useful Knowledge in Religion, in the Sciences, and in Common Life [O Aperfeiçoamento da Mente: ou, Um Suplemento da Arte da Lógica: Contendo Uma Variedade de Observações e Regras para a Obtenção e Comunicação de Conhecimentos Úteis na Religião, nas Ciências e na Vida Comum] (Londres: J. Brackstone, 1741; edição ampliada, 1751; Boston: David West, 1793).

NOTAS

Prefácio

1. Do hino "When I Survey the Wondrous Cross" de Isaac Watts, 1707, 1709.
2. Do hino "Alas! and Did My Savior Bleed" de Isaac Watts, 1707.
3. E. Paxton Hood, *Isaac Watts: His Life and Writings, Homes and Friends* (Londres: Religious Tract Society, 1877), 120.
4. Roland Bainton, *Here I Stand, A Life of Martin Luther* (Nashville: Abingdon, 1980), 268.
5. Walt Whitman, citado em Raymond A. St. John, *American Literature* (Greenville, S.C.: Bob Jones University Press, 1991), 225.
6. John Stott, em resposta a uma pergunta após entrega da mensagem sobre discipulado radical na University Presbyterian Church, Seattle, Washington, outubro de 2000.
7. Alexis de Tocqueville, *Democracy in America* (Nova York: Mentor Books, 1984), 180–181.
8. Watts, citado em Hood, *Isaac Watts*, 115.
9. Whitman, citado em St. John, *American Literature*, 225.
10. Samuel Johnson, *Lives of the British Poets* (Londres: Nathaniel Cooke, 1851), 330.
11. Isaac Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms, with a Biography of Watts* (St. Louis: Miracle Press, 1974), 264.
12. João Calvino, *Genevan Psalter* (Genebra, 1565), prefácio, http://www.ccel.org/ccel/ccel/eee/files/calvinps.htm (acessado em agosto de 2010).
13. Watts, citado em David Fountain, *Isaac Watts Remembered* (Harpenden, Inglaterra: Gospel Standard Baptist Trust, 1978), 20.

Capítulo Um

1. John Julian, *A Dictionary of Hymnology* (London: John Murray Publishers, 1925), 1236.

2. T. Walter Wallbank, *History and Life* (Glenview, Ill.: Scott, Foresman and Co., 1990), 292–293.
3. Hood, *Isaac Watts*, 2.
4. Ibid.
5. Ibid., 3. Os filhos estão listados em uma página da Bíblia da Família Watts por ordem de nascimento: Isaac, Richard, Enoch, Thomas, Sarah, Mary (uma segunda Mary; a primeira morreu ainda bebê), e Elizabeth (que morreu aos dois anos de idade).
6. Ibid., 5.
7. Citado em Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 231–232.
8. Citado em ibid., 231.
9. Ibid.
10. Ibid., 232.
11. Citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 20.
12. Citado em ibid., 13.
13. Citado em Albert Edward Bailey, *The Gospel in Hymns* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1950), 46.
14. Citado em Hood, *Isaac Watts*, 7.
15. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 12.
16. Ibid., 18.
17. Ibid., 21.
18. Citado em ibid., 29.
19. Ibid., 20.
20. Ibid., 19.
21. Citado em ibid., 20.
22. Ibid., 21.
23. Ibid., 14.
24. Ibid.
25. Do hino "I'm Not Ashamed to Own My Lord" de Isaac Watts, 1709.
26. Erik Routley, *Hymns and Human Life* (Londres: John Murray Publishers, 1952), 63.
27. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 238.
28. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 34.
29. Routley, *Hymns and Human Life*, 63.
30. Isaac Watts, *The Works of the Reverend and Learned Isaac Watts, D.D.* (University of Virginia Library, http://xtf.lib.virginia.edu, accessed August 2010), 607.

31. Ibid.
32. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 22.
33. David Lyle Jeffery, ed., *English Spirituality in the Age of Wesley* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), 55.
34. Watts, *Works*, 466.
35. Hood, *Isaac Watts*, 13.
36. Alexander Pope, citado em *British Literature*, ed. Ronald H. Horton (Greenville, S.C.: Bob Jones University Press, 1999), 421.
37. Hood, *Isaac Watts*, 175.
38. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 234.
39. Watts, citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 28.
40. Ibid., 29.
41. Johnson, *Lives of the British Poets*, 329.
42. Ibid.
43. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 33.
44. Watts, *Works*, 510.
45. Do hino "Great God, How Infinite Art Thou!" de Isaac Watts, 1707.
46. Julian, *Dictionary of Hymnology*, 1236.
47. Ibid.
48. Ibid.

Capítulo Dois

1. Watts, citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 36.
2. Ibid.
3. Ibid., 37.
4. Ibid.
5. Citado em Derek W. H. Thomas, revisão de Kelly M. Kapic e Randall C. Gleason, *The Devoted Life: An Invitation to the Puritan Classics*, http://www.alliancenet.org/partner/Article_Display_Page/0,,PTID307086_CHID560462_CIID1930424,00.html (acessado em junho de 2013).
6. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 240.
7. Hood, *Isaac Watts*, 50.
8. Watts, *Works*, 536.
9. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 235.

10. Isaac Watts, *Logic*, *The Right Use of Reason in the Inquiry After Truth* (Morgan, PA: Soli Deo Gloria, 1996), 2.
11. Ibid., 3.
12. Ibid.
13. Anthony Lewis, *The New York Times* (on-line: http://www.vincehuston.org/quotes/ con_lib_compare.html).
14. Isaac Watts, *Horae Lyricae* (University of Virginia Library, on-line: http://xtf.lib.virginia.edu/xtf/view?docId=chadwyck_ep/uvaGenText/tei/chep_2.1792.xml;chunk.id=d830;toc.depth=1;toc.id=d830;brand=default;query=I%20hate%20these%20shackles%20of%20the%20mind%20%20Forg%27d%20by%20the%20haughty%20wise.#1), 466.
15. C. S. Lewis, *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (New York: Collier Books, 1970), 45.

Capítulo Três

1. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 52.
2. Hood, *Isaac Watts*, 13.
3. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 46.
4. Hood, *Isaac Watts*, 49.
5. Ibid.
6. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 242.
7. Ibid., 244.
8. Fountain, *Isaac Watts Remembered,* 41.
9. Watts, *Works*, 270.
10. Citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 41.
11. Julian, *Dictionary of Hymnology*, 1236.
12. Johnson, *Lives of the British Poets*, 331.
13. Watts, *Works*, 462.
14. Johnson, *Lives of the British Poets*, 331.
15. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 18.
16. Ibid., 41.
17. Johnson, *Lives of the British Poets*, 332.
18. Ibid.
19. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 246.
20. Bailey, *The Gospel in Hymns*, 57.

Capítulo Quatro

1. Citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 40.
2. Hood, *Isaac Watts*, 50–51.
3. Ibid., 76.
4. Watts, *Horae Lyricae*, 418.
5. Ibid., 419.
6. Ibid.
7. Hood, *Isaac Watts*, 60.
8. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 44.
9. Ibid.
10. Watts, *Horae Lyricae*, 466.
11. Citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 44.
12. Watts, *Works*, 311.
13. Jeffery, *English Spirituality in the Age of Wesley*, 96.
14. Watts, *Works*, 311.

Capítulo Cinco

1. Routley, *Hymns and Human Life*, 66.
2. Bernard L. Manning, *The Hymns of Wesley and Watts* (Londres: Epworth Press, 1948), 81.
3. Citado em ibid., 105.
4. Ibid.
5. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 264.
6. *The Confessions of Saint Augustine*, traduzido por Sir Tobie Matthew (Londres: Burns Oates and Washbourne Ltd., 1935), 216.
7. C. S. Lewis, *The Quotable Lewis*, ed. Wayne Martindale and Jerry Root (Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1989), 322.
8. Ibid., 105.
9. C. S. Lewis, *The Last Battle* (Nova York: HarperCollins, 1984), 98.
10. Do hino "Alas! and Did My Savior Bleed."
11. Do hino "When I Survey the Wondrous Cross."
12. *Trinity Hymnal*, Edição Revisada (Atlanta, Filadélfia: Great Commission Publications, 1997), 254.
13. Ibid., 252.

14. Do hino "Join All the Glorious Names" de Isaac Watts, 1707. O ultimo verso não está incluso no *Trinity Hymnal*.
15. Watts, *Works*, 337.
16. *Trinity Hymnal,* (Atlanta/Philadelphia: Great Commission Publications, 1990), 242.
17. Francis Arthur Jones, *Famous Hymns and Their Authors* (Londres: Hodder and Stoughton, 1903), 100.
18. Julian, *Dictionary of Hymnology*, 280.
19. Watts, *Works*, 316.
20. Manning, *The Hymns of Wesley and Watts*, 81.

Capítulo Seis

1. Bailey, *The Gospel in Hymns*, 57.
2. Hood, *Isaac Watts*, 110.
3. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 235.
4. Ibid.
5. Citado em Jeffery, *English Spirituality in the Age of Wesley*, 61.
6. Do hino "Come, Holy Spirit, Heavenly Dove," de Isaac Watts, 1707.
7. Ibid.
8. Manning, *The Hymns of Wesley and Watts*, 83–84.
9. Citado em ibid.
10. Jeffery), *English Spirituality in the Age of Wesley*, 57.
11. Horton, *British Literature*, 172.
12. Manning, *The Hymns of Wesley and Watts*, 84.
13. Ibid., 92.
14. Routley, *Hymns and Human Life*, 64.
15. Bailey, *The Gospel in Hymns*, 60.
16. Ibid., 58.
17. Ibid., 61.
18. Watts, *Works*, 351.

Capítulo Sete

1. Lewis, *The Quotable Lewis*, 90.
2. Samuel Johnson, *The Life of Isaac Watts, D. D*. (1779; repr., Teddington, Middlesex, Inglaterra: Echo Library, 2010), 6.

3. Citado em Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 74.
4. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 254.
5. Isaac Watts, *Divine Songs* (Project Gutenberg, on-line: http://infomotions.com/etexts/gutenberg/dirs/1/3/4/3/13439/13439.htm, 2004), prefácio.
6. Ibid.
7. Ibid.
8. Ibid.
9. Ibid., Canção 1.
10. Ibid.
11. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 254–255.
12. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 11.
13. Do hino "I Sing the Almighty Power of God" de Isaac Watts, 1715.
14. Richard J. Mouw, "Current Religious Thought: Abraham Kuyper: A Man for This Season," *Christianity Today* 42, nº. 12 (26 de outubro de 1998), http://www.christianitytoday.com/ct/1998/october26/8tc086.html (acessado em agosto de 2010).
15. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 264.
16. Bailey, *The Gospel in Hymns*', 51.

Capítulo Oito

1. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 262.
2. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 37–38. Thomas Sternhold (1500–1549) foi o principal autor da primeira versão métrificada dos Salmos. John Hopkins publicou Sternhold's Psalms e mais tarde adicionou alguns de seus próprios.
3. Routley, *Hymns and Human Life*, 63.
4. Bailey, *The Gospel in Hymns*', 52.
5. João Calvino, *Commentary on the Gospel According to John* (Grand Rapids: Baker, 1999), 218.
6. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 243.
7. Citado em J. I. Packer, *A Quest for Godliness* (Wheaton, Ill.: Crossway, 1990), 103.
8. Citado em Lewis A. Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers* (Grand Rapids: Kregel, 1992), 277.
9. Ibid.

10. Bryan Chapell, *Christ-Centered Preaching* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), 305.
11. Routley, *Hymns and Human Life*, 64–65.
12. Do hino "Give to Our God Immortal Praise" de Isaac Watts, 1719.
13. Blaise Pascal, *Pensees* (Londres: J. M. Dent & Sons, 1954), 147.
14. Citado em Bainton, *Here I Stand*, 271.
15. Do hino "Jesus Shall Reign" de Isaac Watts, 1719.
16. W. J. Limmer Shepherd, *Great Hymns and Their Stories* (Londres: Lutterworth Press, 1950), 164–165.
17. http://www.guardian.co.uk/sport/2012/jan/04/50-stunning-olympic-moments-eric-liddell.
18. Jones, *Famous Hymns and Their Authors*, 78.
19. Do hino "Our God, Our Help in Ages Past" de Isaac Watts, 1719.
20. Bailey, *The Gospel in Hymns*, 56.
21. Daniel Defoe, *Robinson Crusoe* (Nova York: Amsco School Publications, 1993), 80.
22. Ibid., 118.
23. Do hino "O Bless the Lord, My Soul" de Isaac Watts, 1719.
24. Defoe, *Robinson Crusoe*, 85. A citação é do Salmo 50:15.
25. Ibid., 83.
26. Ibid., 87.
27. Ibid., 143.
28. Do hino "Joy to the World! The Lord Is Come" de Isaac Watts, 1719.
29. Robert J. Morgan, *Then Sings My Soul: 150 of the World's Greatest Hymn Stories* (Nashville: Thomas Nelson, 2003), 35.
30. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 262.

Conclusão

1. Citado em Hood, *Isaac Watts*, 104.
2. Citado em ibid., 123.
3. Ibid., 122.
4. C. S. Lewis, *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer* (Londres: Geoffrey Bles, 1964), 15.
5. Ibid., 13.
6. Ibid., 12.
7. Ibid., 15.

8. Harry Seabrook, *The Presbyterian Rebellion* (Western Voices World News, 2008), http://www.wvwnews.net/story.php?id=5984 (acessado em agosto de 2010).
9. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 264.
10. Ibid., 270.
11. Ibid., 269.
12. Julian, *Dictionary of Hymnology*, 317.
13. Bailey, *The Gospel in Hymns*', 50.
14. Fountain, *Isaac Watts Remembered*, 35.
15. Do hino "There Is a Land of Pure Delight" de Isaac Watts, 1707.
16. Citado em Jeffery, *English Spirituality in the Age of Wesley*, 58.
17. Ibid.
18. Ibid.
19. Watts, *Works*, 462.
20. Isaac Watts, *Divine Songs* (Projeto Gutenberg, on-line: http://infomotions.com/etexts/gutenberg/dirs/1/3/4/3/13439/13439.htm, 2004), Canção 10.
21. Citado em Hood, *Isaac Watts*, 234.
22. Ibid., 113.
23. Watts, *The Poetic Interpretation of the Psalms*, 274.
24. Citado em Hood, *Isaac Watts*, 239.
25. Ibid., 262.
26. Ibid., 264.
27. Citado em Jeffery, *English Spirituality in the Age of Wesley*, 60.
28. Watts, *Works*, 306.
29. Citado em Hood, *Isaac Watts*, 244.
30. Jack Newfield, *Who Really Invented Rock 'n' Roll?* (Nova York, The Sun, 21 de setembro de 2004), on-line: http://www.nysun.com/arts/who-really-invented-rock-n-roll/2037/
31. Jeffery, *English Spirituality in the Age of Wesley*, 82.
32. Ibid.

BIBLIOGRAFIA

Bailey, Albert Edward. *The Gospel in Hymns*. Nova York: Charles Scribner's Sons 1950.

Bainton, Roland. *Here I Stand, A Life of Martin Luther*. Nashville: Abingdon, 1980.

Calvin, John. *Commentary on the Gospel According to John*. Grand Rapids: Baker, 1999.

———. *Genevan Psalter*. Genebra: 1565.

Chapell, Bryan. *Christ-Centered Preaching*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.

Defoe, Daniel. *Robinson Crusoe*. Nova York: Amsco School Publications, 1993.

De Tocqueville, Alexis. *Democracy in America*. Nova York: Mentor Books, 1984.

Fountain, David. *Isaac Watts Remembered*. Harpenden, Inglaterra: Gospel Standard Baptist Trust, 1978.

Hood, E. Paxton. *Isaac Watts: His Life and Writings, Homes and Friends*. Londres: Religious Tract Society, 1877.

Horton, Ronald H., ed. *British Literature*. Greenville, C.S.: Bob Jones University Press, 1999.

Jeffery, David Lyle, ed. *English Spirituality in the Age of Wesley*. Grand Rapids: Eerdmans, 1987.

Johnson, Samuel. *The Life of Isaac Watts, D. D*. Teddington, Middlesex, Inglaterra: Echo Library.

———. *Lives of the British Poets.* Londres: Nathaniel Cooke, 1851.
Jones, Francis Arthur. *Famous Hymns and Their Authors.* Londres: Hodder and Stoughton, 1903.
Julian, John. *A Dictionary of Hymnology.* Londres: John Murray Publishers, 1925.
Lewis, C. S. *The Last Battle.* Nova York: HarperCollins, 1984.
———. *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer.* Londres: Geoffrey Bles, 1964.
———. *The Lion, the Witch and the Wardrobe.* Nova York: Collier Books, 1970.
———. *The Quotable Lewis.* Editado por Wayne Martindale e Jerry Root. Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1989.
Manning, Bernard L. *The Hymns of Wesley and Watts.* Londres: Epworth Press, 1948.
Morgan, Robert J. *Then Sings My Soul: 150 of the World's Greatest Hymn Stories.* Nashville: Thomas Nelson, 2003.
Mouw, Richard J. "Current Religious Thought: Abraham Kuyper: A Man for This Season." *Christianity Today* 42, nº. 12 (26 de outubro de 1998).
Newfield, Jack. "Who Really Invented Rock 'n' Roll?" Nova York, *The Sun*, 21 de setembro de 2004.
Packer, J. I. *A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life.* Wheaton, Ill.: Crossway, 1990.
Pascal, Blaise. *Pensees.* Londres: J. M. Dent & Sons, 1954.
Routley, Erik. *Hymns and Human Life.* Londres: John Murray Publishers, 1952.
St. John, Raymond A. *American Literature.* Greenville, S.C.: Bob Jones University Press, 1991.
Shepherd, W. J. Limmer. *Great Hymns and Their Stories.* Londres: Lutterworth Press, 1950.
Wallbank, T. Walter. *History and Life.* Glenview, Ill.: Scott, Foresman and Co., 1990.

Watts, Isaac. *Divine Songs*. Projeto Gutenberg, http://infomotions.com/etexts/gutenberg/dirs/1/3/4/3/13439/13439.htm.

———. *Horae Lyricae*. Biblioteca da Universidade de Virgínia, http://xtf.lib.virginia.edu/xtf/view?docId=chadwyck_ep/uvaGenText/tei/chep_2.1792.xml;chunk.id=d745;toc.depth=1;toc.id=d745;brand=default;query=I%20hate%20these%20shackles%20of%20the%20mind%20%20Forg%27d%20by%20the%20haughty%20wise.#1#.

———. *Logic, The Right Use of Reason in the Inquiry After Truth*. Morgan, Pa.: Soli Deo Gloria, 1996.

———. *The Poetic Interpretation of the Psalms, with a Biography of Watts*. St. Louis: Miracle Press, 1974.

———. *The Works of the Reverend and Learned Isaac Watts, D.D.* Biblioteca da Universidade de Virgínia, http://xtf.lib.virginia.edu.

Sobre o autor

Douglas Bond é chefe do Departamento de Inglês da Covenant High School, em Tacoma, Washington, onde ele ensina Literatura, Redação e História. Ele também dá palestras sobre Literatura e História da Igreja, e conduz excursões de estudos históricos frequentes na Europa.

Ele possui uma pós-graduação em Ensino de Inglês pela Universidade St. Martin e um Curso Básico em Teologia pela Moore Theological College, na Austrália. Ele é um presbítero ordenado em atuação na Presbyterian Church in America [Igreja Presbiteriana na América].

Bond escreveu diversas obras de ficção, muitas delas para jovens, incluindo a trilogia *Crown & Covenant [Coroa & Aliança]* (com foco em uma família covenanter na Escócia) e a trilogia *Faith & Freedom [Fé e Liberdade]* (seguindo a mesma família para a América Revolucionária). Suas obras de ficção incluem também um romance sobre João Calvino, *The Betrayal [A Traição]*. Entre seus títulos de não-ficção estão *Stand Fast in the Way of Truth [Permaneça Firme no Caminho da Verdade]* e *Hold Fast in a Broken World [Segure Firme em um Mundo Caído]*.

Bond e sua esposa, Cheryl, têm quatro filhos e duas filhas. Eles vivem em Tacoma. Para saber mais, visite seu web site, www.bondbooks.net.



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel